Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 11 DE MARÇO DE 1973 — N.º 18036 — ANO 52.º PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

PROVÁVEL AUMENTO DE PREÇOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

. Como toda a gente sabe, a agricultura sofre de males profundos. Recentemente eles foram agravados com o aumeto dos preços da alimentação animal. Em 15 dias, subiu entre $30 e $60 centavos por quilo. Até que ponto isso vai encarecer a produção agricola' Até que ponto, os consumidores vão ser afectados?

. Ácerca deste problema, trocámos algumas impressões com elementos da direcção da Associação Central de Agricultura, organismo fundado em 1860 e que neste momento conta com milhares de sócios.

Portugal tem actualmente os preços mais baixos na Europa em produtos agrícolas. Dizia-nos o eng. Almeida: **«Não percebo qual a relutância num aumento dos preços agrícolas, quando tudo tem aumentado assustadoramente. Aliás, a posição dos nossos preços é tão baixa que qualquer correcção que se possa vir a fazer não tem relevância».**

Prevê-se, portanto, um aumento da carne do leite e dos ovos, já que foram estes os mais directamente afectados com o novo preço das rações. Segundo nos disseram o Governo está neste momento a estudar o problema». **Só assim a produção será estimulada e o surto crescente da importação combatido»** — acrescentou o eng. Almeida.

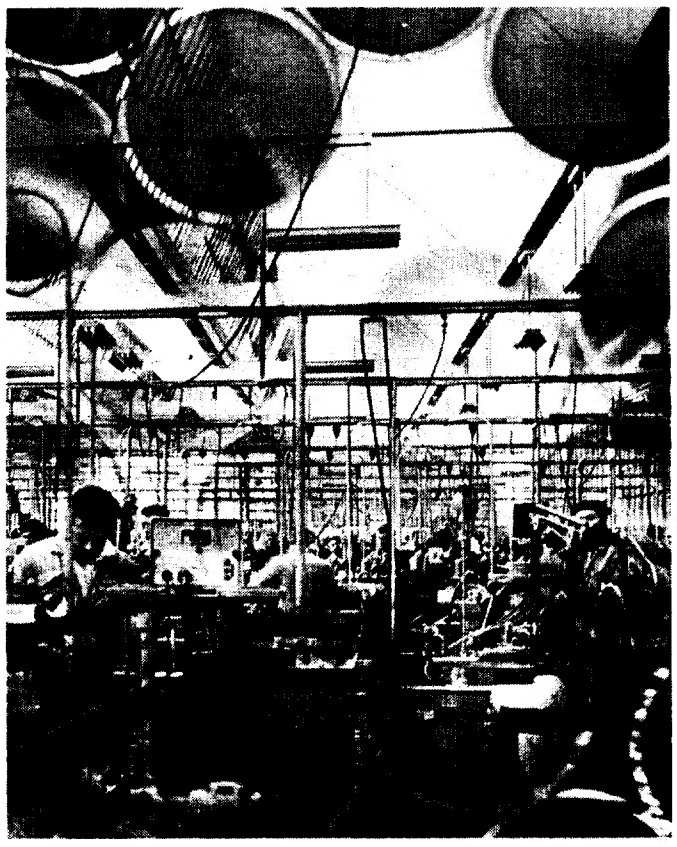
Aliás, o eng. Almeida também nos acrescentou que os agricultores não desejam continuar a viver de subsídios, pois **«no final esse subsídio não é para o produtor mas sim para o consumidor».**

«O público até agora não foi convenientemente esclarecido. Não sabe, por exemplo queee em cerca de 35 anos o trigo apenas aumentou de 2$90 para 3$30. Já se pensou quanto custa neste momento a mão-de-obra? As máquinas?» — prossegue o nosso interlocutor.

Muitos dos agricultores

Continua na pag. 28

Costurar, eis a questão

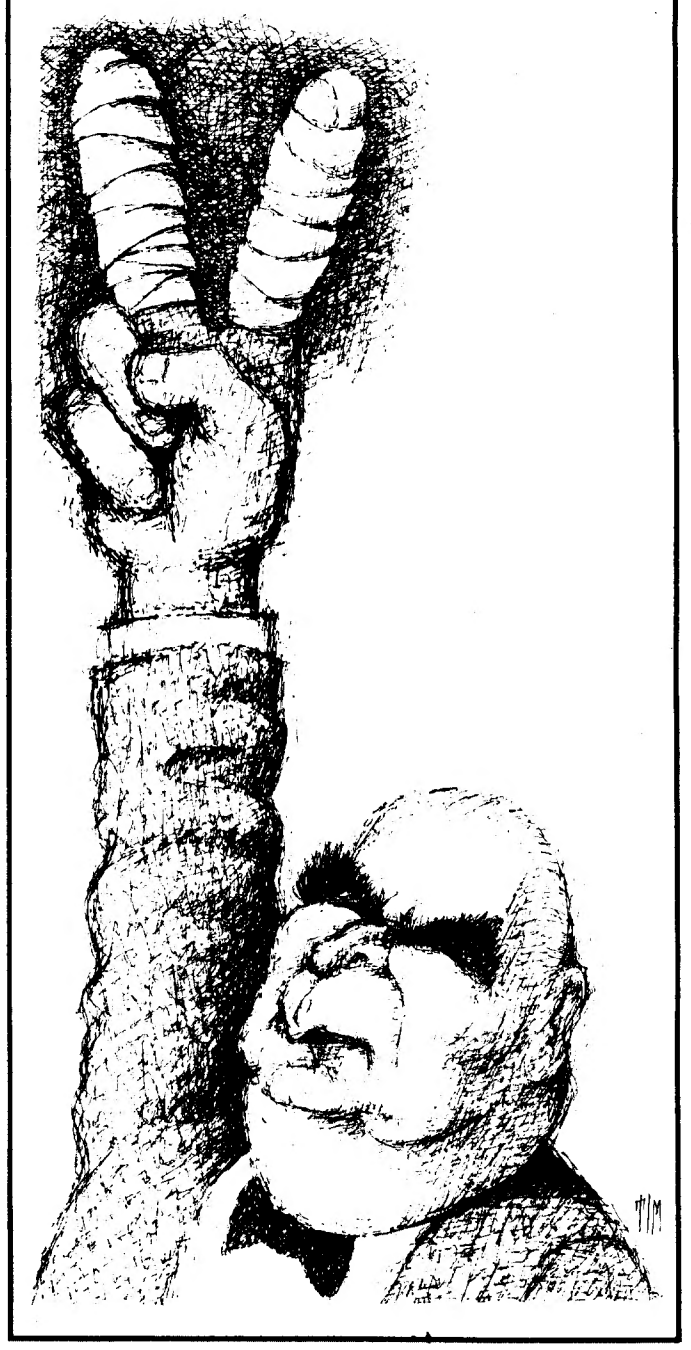


Objecto tradicional, a máquina de costura representou um passo importante tanto no trabalho doméstico, como no artesanal. No entanto, no que diz respeito ao trabalho doméstico, a máquina de costura transformou-se já num instrumento de interesse reduzido, para o que contribuiu a industrialização do vestuário e o próprio estatuto da mulher na sociedade em que vivemos. Electro domésticos de todas as espécies satisfazem hoje quase todas as necessidades dum espaço a que, nos bons velhos tempos se chamou «lar» e hoje compreende poucas «assoalhadas». A crise que a máquina de costura atravessa hoje representa pois o limiar de um novo estágio social que se começa a sentir no nosso país. (Reportagem na pàg. 5)

ELEIÇÕES FRANCESAS

"Suspense" até ao último momento

Do nosso correspondente em Paris. JOSÉ GABRIEL VIEGAS



. Utilizando o seu privilégio presidencial de intervenção nas antenas da Rádio e da Televisão, uma vez encerrada oficialmente a campanha eleitoral, Georges Pompidou tentou sobretudo um último esforço de sedução aos indecisos. Suscitou também um certo número de críticas, da parte daqueles que consideram que o Presidente da República, árbitro nacional e garantia das instituições, deve nestas circunstâncias observar uma atitude imparcial e ainda mais quando o encerramento da campanha priva esses mesmos adversários da possibilidade de resposta, agravada pela ausência de jornais de domingo.

Na realidade, é bem difícil avaliar o peso da intervenção presidencial no escrutínio de hoje. Em menos de cinco minutos, pouco mais se pode fazer do que tentou Georges Pompidou, isto é, recordar que face à coligação da esquerda todos os votos serão necessários, para que na Assembleia possa encontrar, num leque político que abranjerá novas tendências, a nova maioria que lhe permitirá continuar a governar a França.

O general De Gaulle possuía a arte de em poucas palavras, com uma fórmula, mas sobretudo com uma entoação, um gesto, um olhar directo, dramatizar uma escolha e mobilizar de um dia para o outro milhares de eleitores. Georges Pompidou optou por um estilo diferente: conciliador, sorridente, evitando franzir as famosas sobrancelhas reservadas a intimidação, dava antes a imagem de um homem acessível, preocupado com as consequências de um escrutínio grave para o futuro do país, mas compreendendo todos os movimentos de humor manifestados no primeiro turno e dispoto a tirar as conclusões necessárias. Mesmo em relação aos socialistas, Pompidou mostrou-se tolerante, deplorando apenas que se tenham ligado aos comunistas.

Só no fim, num «Viva a França» acompanhado por um gesto largo e pronunciado por uma voz grave ligeiramente timbrada de emoção, se reconhecia a majestade gauliana. Outros tempos outros costumes, esse eleitorado indeciso cujos votos são tão solicitados é precisamente aquele que menos seduzia a figura e o estilo do general De Gaulle.

Como esse eleitorado vota hoje, depois de uma última semana de campanha bastante morna, ninguém se arrisca a prognosticar. Mas uma primeira indicação poderá ser fornecida a partir das 14 ou 15 horas, quando começam a desenhar-se as percentagens de abstenção.

No momento em que este artigo é lido, analisando os números de abstencionistas nas circunscrições onde os reformadores se retiraram a favor da maioria, começam a ser conhecidos os primeiros elementos válidos de apreciação.

A partir das 18 horas, os organismos de sondagens recebem novos elementos, com os resultados das circunscrições onde o voto foi já encerrado. Graças à selecção prévia de um certo número de casos exemplares, as variações da participação, às 20 horas a Televisão e todas as estações de Rádio comunicarão uma primeira avaliação.

Como não se trata desta vez de percentagens de voto, mas de número de deputados eleitos, essas avaliações são fornecidas com margens máximas e mínimas de erro, que ao longo da noite vão sendo pouco a pouco corrigidas, em função dos resultados comunicados pelas agências e pelos Ministério do Interior. Em geral, por volta das 22 horas, a fisionomia da eleição é conhecida e os homens políticos podem começar as suas análises e confrontações.

Mas esta noite, a menos de uma inesperada reviravolta eleitoral num ou noutro sentido, o **suspense** será provavelmente prolongado até tarde. Desiludidos com a última parte do folhetim quotidiano da campanha eleitoral, com os mesmos actores repetindo o mesmo texto, os telespectadores franceses terão esta noite direito a um «show» de primeira ordem. Mais emocionante que uma final do torneio das cinco nações, com a participação em directo das mais prestigiosas vedetas da vida política francesa — que por uma vez, uma noite de domingo e o tempo de uma eleição, relegam para estúdios afastados e raramente solicitados os seus grandes rivais junto do público, as vedetas da canção.

LEIA HOJE

Eleições Francesas: Programa Económico dos Partidos e A Posição dos Extremistas de Direita e de Esquerda.

LEIA AMANHÃ

Filipinas: **«O Suicídio de uma Democracia».** Inquietações na América Latina: Brasil — Helder Câmara e os Cristãos; Chile — **«O Êxito de Allende»** e **«A Oposição contestou o Escrutínio». «Pelo Mundo»** e outros assuntos de interesse, no **«Exclusivo»**, o suplemento das segundas-feiras.

TIROTEIO EM PINE RIDGE

. **PINE RIDGE, (DAKOTA DO SUL), (UPI-ANI) — Ontem à noite, os índios militantes que ocupam a aldeia de Wounded Knee trocaram tiros com as tropas federais que cercam o seu acampamento — declarou hoje Ramon Roubideaux, principal negociador índio.**

Roubideaux declarou numa conferência de Imprensa que os índios lhe tinham comunicado que as forças do governo dispararam ao acaso sobre as zonas da Igreja e do posto comercial de Wounded Knee.

Contudo, um informador do posto de comando do governo, em Pine Ridge declarou que as forças do governo não tinham disparado sobre os índios. Segundo o mesmo informador, os índios dispararam cerca de trinta tiros, mas o exército não respondeu.

Anteriormente, o governo cancelara duas conferências de Imprensa e recusou fazer qualquer comentário sobre a referida luta entre os índios e as tropas federais.

Antes do tiroteiro, funcionários da secretaria da Justiça declararam que tinham, em princípio, chegado a um acordo com os índios que, há dez dias, ocupam Wounded Knee, sobre se deixariam o acampamento e se seriam presos.

Mas Russel Deans e Dennis Banks, chefes do Movimento dos Índios (AIM) afirmaram que «ainda estão muito longe de qualquer acordo».

Os dirigentes do American Indian Movement revelaram, entretanto, que tudo leva a crer que a violência branca venha a ser novamente utilizada — como em 1890 — em Wounded Knee. Russel Means, o novo chefe da nação índia declarou aos jornalistas: «O governo tem duas coisas a fazer: negociar ou massacrar-nos. Não nos renderemos sem que os direitos dos índios sejam reconhecidos. A pesar da promessa de uma audiência no Senado, feita pelo senador McGovern, o perigo de um desenlace violento não parece afastado da aldeia de Wounded Knee.

REGIONAL

O PLANO DE URBANIZAÇÃO DA TRAFARIA E OS PROBLEMAS DA POPULAÇÃO

TRAFARIA — Esgotos deficientes, arruamentos péssimos, instalações escolares exíguas, ausência de instalações desportivas, um atracadouro incómodo, são alguns dos problemas que afligem os doze mil habitantes da Trafaria. Tudo agravado por um crescimento urbano desordenado, omárquico.

Está a ser elaborado um plano de urbanização da Trafaria. Bom seria que os técnicos saissem dos seus gabinetes, que promovessem um diálogo com a população, em que esta tivesse a oportunidade de expor os seus problemas quotidianos, as carências de que é vítima. Haveria a esperança de que o plano de urbanização não venha a funcionar como um instrumento ao serviço dos construtores. O plano de urbanização será de pouca valia se não contribuir para a resolução dos problemas da população trabalhadora.

A Trafaria necessita de uma estação de tratamento de esgotos. O colector de esgotos, que desagua junto da Casa de Reclusão Militar, inquina as águas do Tejo, agrava a poluição das praias de banhos. Acresce que alguns lugares desta freguesia nem sequer possuem um rede de esgotos. É o caso da Raposeira e da Cova do Vapor.

As necessidades de saneamento não se fazem sentir apenas pelo que toca aos esgotos. Tomemos o caso da Raposeira. Apesar de contar mais de um milhar de habitantes, é um aglomerado urbano clandestino. Não possui uma estrada, um caminho, que a ligue à Trafaria. Os carros da recolha do lixo não a servem, a porcaria acumula-se nos terrenos vizinhos, nos próprios intervalos entre as casas, o que não deixará de afectar o nível sanitário da população. A falta de uma estrada faz, ainda, com que as ambulâncias não possam ir à Raposeira recolher doentes ou parturientes.

O plano de urbanização deverá encarar de frente a resolução do problema dos transportes entre os diferentes lugaresn da freguesia e no interior da própria Trafaria. Temos aguardado, em vão, o prolongamento da Rua Achiles Monteverde até à estrada do Desvio. A Avenida General Moutinho, que corre ao longo do rio, terá de ser transformada radicalmente, de modo a desempenhar as funções de estrada de cintura, centro comercial e local de convívio da população. São apenas dois exemplos. Deverá, ainda, solucionar o problema do estacionamento de automóveis. Por incrível que pareça, a Trafaria não possui um único jardim público, os terrenos vagos têm sido sacrificados à gula dos construtores. Independentemente do plano de urbanização, impõe-se que a Câmara de Almada proceda, sem perda, sem perda de tempo, à reparação da pavimentação dos arruamentos. Muitas das ruas são verdadeiramente picadas, em que os peões e os automóveis circulam com dificuldade, sobretudo nos dias de chuva.

As escolas são em número insuficiente, a sua capacidade não corresponde à actual população da Trafaria. Passa-se o mesmo com o infantário. Tanto as escolas como o infantário encontram-se em mau estado de conservação, necessitam de obras de actualização. Pode afirmar-se, sem receio de desmentido, que as seiscentas crianças matriculadas nas escolas da Trafaria estudam em condições que não garantem um bom rendimento escolar.

Possui a Trafaria três clubes desportivos, o Académico, o Corvina e o Futebol Trafaria. Mas não possui um único terreno para a prática da ginástica, do futebol, do basquetebol ou do andebol. O rapazio da Trafaria é obrigado a transformar as ruas em campos de jogos, o que acarreta perigos evidentes. É certo que o Futebol Trafaria dispõe de um terreno para a construção de uma sede e de um campo de futebol. Dadas as suas exíguas dimensões, dificilmente se poderá construir ali um campo de futebol, muito menos o parque desportivo de que a Trafaria carece.

O atracadouro é pouco seguro e é incómodo. Não existe uma doca, os barcos de passageiros atracam a um simples pontão. Nos dias de vendaval, muito frequentes nesta zona do Tejo, os barcos encostam com dificuldade,os passageiros encharcam-se ao atravessar a passagem entre a estação fluvial e o pontão.

E completa a ignorância da população quanto ao futuro. Há quem fale na construção de um grande cais acostável, entre a Trafaria e o Bugio, para grandes petroleiros e outros navios cargueiros. Há quem fale na implantação de um estaleiro de construção e reparação naval.

O que parece certo éque aTrafaria perderá a sua praia de banhos, um dos raros locais recreio que ainda lhe restam.

Trafaria

COLISEU DOS RECREIOS

(Empresa Ricardo Covões, Herd.)

Grupo C — 14 anos

O TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

apresenta, em récita popular, na

4.ª-feira, 14 de Março de 1973, pelas 21,15 horas

a ópera

«CARMEN»

Em 21 de Março **«Tosca»**, em 3 de Abril **«O Trovador»** e em 2 de Maio **«Parsifal»**

AVISO

Na 4.ª-feira, 11 de Abril, pelas 21,30 h.

CONCERTO

Grupo B — 10 anos

com:

Boris Christoff

Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Maestro-director, Silva Pereira

BILHETES À VENDA A PARTIR DA PRÓXIMA 2.ª-FEIRA, 12 DE MARÇO

O BANCO PINTO DE MAGALHÃES NAS PICOAS

O Banco Pinto de Magalhães inaugura amanhã uma nova dependência urbana, situada numa das zonas mais populosas de Lisboa: a zona das Picoas.

Essa dependência, na Rua Tomás Ribeiro, 55-57, eleva para seis o número das existentes na capital, juntando-se às da Avenida de Roma, da Avenida Almirante Reis, da Praça Paiva Couceiro (Alto do Pina), da RKUA Ferreira Borges (Campo de Ourique) e da Rua da Creche (Alcântara), além da filial da Rua Aurea.

O novo estabelecimento bancário ficará desde logo à disposição do público, que nele encontrará e já tradicional acolhimento e a dinâmica própria dos serviços B. P. M.

F. N. A. T.

CONCESSÃO DA VENDA DE GELADOS NAS COLÓNIAS DE FÉRIAS E NO PARQUE DE CAMPISMO DA COSTA DA CAPARICA

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho aceita propostas até às 17 horas do dia 2 de Abril para a venda de gelados, durante a próxima época balnear, nas Colónias de Férias:

«Um Lugar ao Sol», na Costa da Caparica
«Marechal Carmona», na Foz do Arelho.
«Dr. Pedro Theotónio Pereira», em Albufeira.
«A. Corrêa D'Oliveira», nas Termas de S. Pedro do Sul.

«Entre-os-Rios», Penafiel
e ainda no
«Parque de Campismo» da Costa da Caparica.

O respectivo Caderno de Encargos será facultado na Secção de Abastecimentos — Calçada de Santana, 180 — em Lisboa, em qualquer dia útil das 10 às 12 e das 14 às 17 horas, exceptuando os sábados a partir das 13 horas.

A abertura das propostas será efectuada às 15 horas do dia 4 de Abril na Sede do Organismo.

Lisboa, 10 de Março de 1973

O SECRETÁRIO GERAL

EXCURSÕES CP

MADRID e FALLAS DE VALÊNCIA

Partidas: 15 e 16 de Março

6 DIAS—Hotel de 1 estrela... 3050$00

5 DIAS—Hotel de 3 estrelas 2930$00

Faculta-se a estadia de mais dias em Madrid

Informações e programas descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Lisboa - St.ª Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa

Organização Tel. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

CONCURSOS PÚBLICOS

Faz-se público que na Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Intendência, Trav.ª de St.º António da Sé, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

NÚMERO DOS CONCURSOS	MATERIAL A ADQUIRIR	CAUÇÃO PROVISÓRIA	PRAZO LIMITE PARA RECEPÇÃO DAS PROPOSTAS	DATA E HORA DE ABERTURA DAS PROPOSTAS
14/PAE/72	ARCAS CONGELADORAS ELÉCTRICAS	3 % s/ o maior valor de custo proposto	11 ABRIL 1973 18 horas	12 ABRIL 1973 às 16 horas
15/PAE/72	FRIGORÍFICOS ELÉCTRICOS		11 ABRIL 1973 18 horas	12 ABRIL 1973 às 17 horas

Os cadernos de encargos dos concursos em referência poderão ser consultados ou adquiridos todos os dias úteis, excepto aos Sábados, das 14 às 18 horas, na sede desta COMPAE/DSI, Trav.ª de St.º António da Sé, n.º 21, rés-do-chão, em Lisboa; Telefones: 861440, 861638 e 861960.

As sessões públicas de abertura das propostas terão lugar na dita morada, nos dias e às horas neste anúncio referidos.

As propostas relativas a cada concurso de verão dar entrada na Direcção do Serviço de Intendência até às 18 horas do dia anterior ao indicado para abertura das mesmas.

O PRESIDENTE DA COMPAE
José R. Palma Vaz
Coronel do SAM

OS HOMENS NA LUA

Só recentemente a Lua pode ser visitada, pisada e, por assim dizer, pesada, medida, auscultada, analisada. Só recentemente pode ter a sua certidão de idade. Mas sempre os homens a olharam e sonharam com ela — barco, foice, balão. Sonharam com a viagem, alguns até a escreveram (entre os primeiros contam-se Plutarco e Luciano de Samosata que viveram entre 100 e 200 anos depois de Cristo). E a sua falsa luz, roubada ao Sol, sempre emocionou os poetas intimistas, os namorados e também, diz o povo, as criaturas que misturaram sem medida a vida e o sonho: os desdenhosamente chamados lunáticos.

O «Paris-Match» publicou recentemente um curioso artigo de F. Caviglioli sobre os homens do programa Apolo que visitaram a Lua. Escolhidos criteriosamente, eram todos eles bons americanos saudáveis, dotados de uma inteligência e de uma cultura notáveis no respeitante a problemas do espaço, mas completamente destituidos de imaginação. Não sabiam o que era o medo e muito menos a angústia, amavam o seu país, a sua família, a sua casa. Não eram emotivos. Em suma, excelentes máquinas sem problemas técnicos. Super-robots.

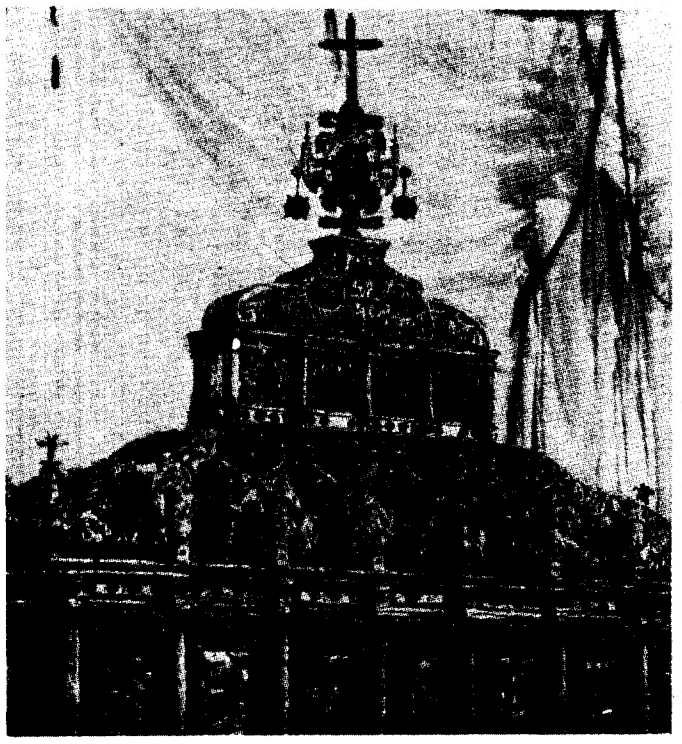
Findo o programa Apolo, restituidos às suas famílias, às suas casa, à sua terra firme, a essa Terra que vista de longe era linda e azul e tranquila, que é feito deles agora? Pois bem, é isso que Caviglioli nos explica. Aldrin, que pouco depois de ter chegado quis por força (sem o conseguir) ser general, já foi internado por duas vezes com depressões nervosas. E o pior é que o mundo ficou a par porque Aldrin deu uma série de conferências de imprensa em que pôs tudo em pratos limpos. Ed Mitchell logo que chegou pediu apressadamente o divórcio e passou a consagrar toto o seu tempo ao parapsiquismo. James Irwin dedica-se com entusiasmo idêntico a Deus, cuja presença, afirma, sentiu quando se encontrava no solo lunar. Soube então que devia entrar ao seu serviço, e fê-lo logo que chegou. Alfred Worden descobriu que era poeta e está publicando uma obra literária parece que bastante má. Quanto a Armstrong, subitamente misantropo, comprou uma quinta onde se meteu com a família, não dirige a palavra aos vizinhos e nunca mais pronunciou o vocábulo «Lua».

Que aconteceu pois a estes americanos tranquilos à partida? Terão eles sentido, tão longe do mundo, como tudo o que até então fora importante era afinal de contas vazio e insatisfatório? Terão odiado de tal modo a Lua que nem o seu nome pronunciam? Tê-la-ão amado tanto que tenham lá deixado uma parte importante de si próprios? Ou tratar-se-á, muito simplesmente, de reacções humanas e naturais em indivíduos subitamente desajustados devido a uma celebridade única e votados, logo depois, a um inevitável esquecimento?

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Por WILLIAM J. DRUMOND

S. FRANCISCO XAVIER



VELHA GOA, ÍNDIA — São Francisco Xavier, que nasceu em Espanha, não era espanhol nem basco na aparência.

Reza a história que este titã dos missionários jesuítas do século 16 era de baixa estatura, com olhos de um azul acinzentado e cabelo louro que grjdualmente embranqueceu em virtude dos sofrimentos por que passou ao tentar converter as Índias Orientais ao Cristianismo.

Os restos mortais de São Francisco Xavier repousam num magnífico caixão de prata, no interior da Basílica do Bom Jesus, nesta cidade.

No próximo ano, esta aldeia adormecida estará pejada de peregrinos que aqui se reunem para ver os restos mortais do santo, os quais serão expostos ao público pela primeira vez em dez anos.

Uma mudança subtil mas importante acaba de se verificar na atitude da Igreja ao referir-se aos resttos mortais dc missionário. Oficialmente, deixaram de ser mencionados como o «corpo incorrupto», mas simplesmente como relíquias.

O Bispo Raul N. Gonçalves de Goa, referiu-se significativamente naqueles termos aos restos mortais de São Francisco Xavier, em fins de Janeiro, quando o Pronúncio papal de Nova Deli visitou a Basílica e teve oportunidade de os ver particularmente.

A confirmação pelas autoridades eclesiásticas de que o corpo do Santo definhou é o fim de centenas de anos de devoção ao milagre da incorruptibilidade de Francisco Xavier.

A Igreja afirma agora que os milagres não têm necessáriamente de continuar para todo o sempre.

Francisco Xavier e o seu companheiro de universidade, Inácio de Loyola, foram os portadores do estandarte da contra-reforma para glória de Deus e Espanha no turbulento século 16.

Os biógrafos jesuítas atribuiram a Francisco a conversão de mais de 700.000 pessoas em menos de dez anos, número este posteriormente posto em causa, mas não restam dúvidas de que o seu trabalho exerceu uma enorme influência no curso da História e do Cristianismo.

Morreu em 1552, vitimado por uma febre, durante uma viagem á China.

Dois anos após a sua morte, os restos mortais vieram para a província portuguesa de Goa, na Índia ocidental. Depois de o cadáver chegar, começou a constar que o corpo era incorruptível.

Nunes Barrento, um funcionário jesuíta local, tinha as suas dúvidas, mas escreveu numa carta datada de 8 de Dezembro de 1554:

. «Vi-o e estudei-o com os meus olhos e mexi-lhe com as minhas mãos e eu, que me mostrara incrédulo até então, quase gritei de espanto».

Embora Francisco tivesse falecido havia dois anos, Barrento disse: «Em estatura e aparência, apresentava-se tal qual o tinhamos conhecido antes, com as suas vestes sacerdotais, completo e fresco como se tivesse sido enterrado havia apenas uma hora».

O Vice-Rei português deu ordem para que fosse levada a efeito uma investigação médica oficial, a que se seguiu uma investigação separada pelas autoridades eclesiásticas.

Todos verificaram que não tinham sido utilizados quaisquer produtos para a preservação do cadáver mas, não obstante, este parecia incorrupto.

«Os membros e outras partes do corpo apresentavam-se inteiros e cobertos de carne de uma maneira tal que, de acordo com as leis da medicina, nunca poderiam ter sido assim preservados por meio de quaisquer processos naturais ou artificiais», declarou o doutor Cosmas de Saraiva, cujo depoimento constituíu parte das provas que levaram à canonização de Francisco pelo Papa Gregório XV, em 1622.

Os portugueses iniciaram a tradição de exibir públicamente o corpo. Como baluarte do Catolicismo, Portugal sentia-se feliz por poder encarregar-se de uma figura tão proeminente.

Em 1952, o Vaticano ordenou que os restos mortais fossem encerrados numa caixa de vidro quando se encontrassem expostos.

Quando a Índia expulsou os portugueses de Goa, em 1961, os restos de São Francisco foran exibidos a fim de desmentir os boatos de que tinham sido levados para Portugal.

Os restos mortais do santo foram novamente expostos em 1964, durante o 38.º Congresso Eucarístico realizado em Bombaim.

Durante os últimos oito anos, a formosa Basílica tem estado ao cuidado do Reverendo George de Sá, o qual se viu forçado a admitir que já não subsistem provas do milagre.

«O corpo desapareceu, a frescura foi-se», declarou ele. «A cabeça, mãos e pernas estão completamente secas. Não passa de un esqueleto».

O Reverendo Lúcio da Veiga Coutinho, director do Instituto Pastoral de São Pio X, disse que os católicos esclarecidos de Goa sabem que o corpo não é incorruptível.

Não é um segredo. Se perguntarem, digo-lhes. Quando Deus fez um milagre, não é obrigado a mantê-lo para todo o sempre», declarou o Reverendo Coutinho.

O nosso mundo

CORTESIAS

Infelizmente, muitos julgam a cortesia uma atitude exclusiva de salão ou tambiente requintados. Eles esquecem-se ou ignoram que a civilidade é própria das pessoas educadas e, nas devidas proporções, aplica-se em todos os ambientes, inclusive no trabalho. A cortesia e a camaradagem são factores importantes para o sucesso do trabalho em equipa: assim como incentivam as boas relações entre colegas, também contribuem para a segurança no trabalho. O trabalhador deve ser cortês e estar sempre disposto a auxiliar os colegas nos trabalhos mais difíceis ou mais pesados. No entanto, muitos são ainda os que não cultivam esta qualidade e constantemente manifestam o seu mau humor e má educação, tornando o ambiente de trabalho insustentável; existem também os que julgam a cortesia tão pouco importante que fazem questão de não a praticar, embora não pareçam indelicados. Estes provocam tensões e animosidades no grupo, o que predispõe muitos a práticas inseguras. Especialmente os novos colegas de qualquer actividade devem ser tratados cortêsmente e com camaradagem. Auxiliar um novo companheiro de trabalho é contribuir para a sua integração no emprego e colaborar também para a sua segurança e para o sucesso da empresa. (**«A Voz de Palmela»**).

ESPINHO-VISEU

De longa data vêm as relações de amizade entre Espinho e Viseu, dos velhos tempos em que era nosso veraneante habitual o prelado D. António Alves Martins. Outras gerações de visienses por aqui passaram, merecendo nota especial as dos Casimiros, tendo a falecida actriz Mirita nascido na nossa terra. Todavia, as más ligações entre as duas terras não são de molde a um aumento substancial de visitas, quer de um lado quer do outro. A estrada principal que as liga é, no seu percurso Albergaria-Viseu, uma coisa verdadeiramente de amargar, não só pela sua estreiteza, como pelo exagerado número de curvas, e, pena é, pois que é um percurso, principalmente na margem do Vouga, de verdadeiro encanto. Um outro percurso, S. João da Madeira-Pessegueiro Vouga, também sofre do mesmo mal, enquanto que a estrada da serra, por Macieira de Cambra — Santa Cruz da Trapa — Viseu, não se encontra em bom estado, entre Macieira e o Rio da Teixeira. Para este trajecto, segundo declarou o titular das Obras Públicas, pensa-se em nova estrada, com menor número de curvas e traçado mais perfeito, o que seria muito bom, dado que é um lindo percurso e pouco povoado. (**«Defesa de Espinho»**).

SERPA

Mais uma vez a comissão organizadora das festas da Senhora de Guadalupe está a envidar esforços para que a festa deste ano, a realizar como de costume na Páscoa, mantenha a sua tradição, digna de atrair muitos forasteiros e várias excursões de serpenses ausentes, que parecem estar já em organização. Serpa conta no seu cunho hospitaleiro com a presença de todos os que tiveram possibilidades de assistir a uma das mais antigas e típicas festas religiosas do Baixo Alentejo, que se prolonga, como habitualmente, de sábado de aleluia à noite (inauguração das iluminações), até terça-feira, coincidindo, este ano, com os dias 21 a 24 de Abril próximo, dia em que termina, com mais uma procissão do regresso da imagem à capelinha, no monte de S. Gens. (**«Diário do Alentejo»**).

MINDE

A ideia da construção de uma estrada para a Serra de S. António já estava adormecida há muito quando o pároco de Minde a foi acordando de mansinho desde que, no primeiro dia do ano passado, passou também a paroquiar a Serra de S. António. Pouco se terá feito ainda no campo das realizações efectivas mas alguma coisa se conseguiu já com uma lenta mentalização do povo, tanto de Minde como da Serra, para a aceitação da iniciativa e da sua participação nos encargos com o importante empreendimento. Não há dúvida de que a estrada é agora mais precisa do que nunca mas só porque os modernos meios de transporte pouco se agastam com o desnível de 200 metros que é preciso vencer como também encurtaria de 11 para 5 quilómetros a distância entre as duas povoações vizinhas, permitindo ainda aos seus utentes gozar, no trajecto entre a Fátima e as grutas da Pedra de Altar, uma das mais belas panorâmicas da região centro do País. (**«Diário do Ribatejo»**).

PEDAGOGIA

No caso dos rapazinhos da Escola Patrício Prazeres que se comportaram no seu baile de sábado pior do que os marujos estrangeiros que há dias puseram em alvoroço os bares do Cais do Sodré, a conclusão que se impõe é de que a Escola deixou definitivamente de educar — não aquela escola em particular, mas toda a escola portuguesa — e que há, nesse campo, todo um trabalho urgente a fazer ou a refazer, custe o que custar e doa a quem doer. (**«Jornal da Madeira»**).

SEPARAÇÃO

Penso que há a necessidade de nos aproximarmos dos outros. Educadores e educandos devem fazer uma caminhada e empenhar-se numa descoberta, mas onde o educador, porque mais velho e mais experiente, desaconselhará certas experiências, sabedor como é de as não levarem a bom termo. Pregou-se, durante muito tempo, um cristianismo desincarnado. Separou-se a religião da vida. Discutiu-se em vez de se dialogar. Houve mais imposição do que respeito. (**«Diário do Minho»**).

ADIAMENTO

Causou, como se esperava, profundo espanto em todos os munícipes interessados, a decisão da Câmara Municipal ter adiado a discussão do projecto de Postura de Trânsito, apresentado para ser discutido na sua última reunião. Adiar soluções ainda é hoje considerado o grande acto político dos que, realmente, não pretendem resolver os problemas com a brevidade que seria natural exigir. Ficou-nos este velho jeito de pessoas tranquilas, sem pressa, bem instaladas no cómodo desenrolar do dia-a-dia. Protelar uma discussão revela, muitas vezes, a preocupação de que as armas do «adversário» sejam potencialmente mais fortes e... «enquanto o pau vai e vem, folgam as costas». (**«Diário de Coimbra»**).

a casa que você deseja

ESTÁ EM

SITUAÇÃO PRIVILEGIADA, 2 KM APÓS LOURES A 15 KM DO MARQUÊS DE POMBAL.

3 AMPLAS ASSOALHADAS, HALL, COZINHA, ZONA DE LAVAR E CASA DE BANHO, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, CÔMODOS ROUPEIROS, COZINHAS TIPO AMERICANO, LOUÇAS ITALIANAS, AQUECIMENTO ELECTRICO, ALCATIFADAS, PAREDES FORRADAS A PAPEL, INTEIRAMENTE A SEU GOSTO.

PLANO FINANCEIRO

ANDARES	NO ACTO DO CONTRATO DE COMPRA E VENDA	NA ALTURA DA ENTREGA DAS CHAVES	35 PRESTAÇÕES MENSAIS SUCESSIVAS DE	36ª PRESTAÇÃO (convertível em hipoteca)
R/CHÃO	25.500.00	51.000.00	1.630.20	150.000.00
1º ANDAR	30.000.00	60.000.00	1.825.00	180.000.00
2º ANDAR	29.500.00	59.000.00	1.817.20	175.000.00
3º ANDAR	28.500.00	57.000.00	1.754.30	170.000.00

VEJA NO LOCAL
O ANDAR MODELO

SPOC

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO 74-3º TELFS. 35438/366257/35521 LISBOA

MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Por motivo de obras no edifício da Rua do Ouro (Sede), os serviços a seguir indicados, passam a funcionar, A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 12:

No anexo da RUA DO CARMO, 62-2.º andar

—SECRETARIA

—CONTABILIDADE CENTRAL

Na RUA MANUEL DE JESUS COELHO, 1-5.º Esq.º

—ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES

HERMINIA E PACO BANDEIRA NA "GRANDE NOITE DO FADO"

Comecámos já a levantar uma ponta do véu que encobre o cartaz da «Grande Noite do Fado», o magnífico espectáculo que a Casa da Imprensa leva a efeito, no Coliseu dos Recreios, no próximo dia 17 do corrente. Assim, o público tomou conhecimento do sensacional elenco com que a Emissora Nacional se associa à mais tradicional realização artística dos jornalistas portugueses: Hermínia Silva, Paco Bandeira, Lily Thiumba, Gina Maria, Mária, Mário Silva e a orquestra dirigida pelo maestro Tavares Belo vão desfilar na primeira parte do «maior espectáculo do ano» interpretando alguns dos seus maiores e mais populares sucessos. Hoje, podemos acrescentar outras duas valiosas presenças, representando (curiosamente) duas épocas fadistas: Alfredo Marceneiro e António Mourão.

Acedendo ao convite dos jornalistas, Alfredo Marceneiro (autêntica legenda do Fado) vai ao Coliseu na «Grande Noite do Fado» e entregará um dos primeiros prémios que vão caber aos fadistas amadores mais destacados pelo público. Por seu turno, uma vez mais António Mourão estará presente no desfile interpretativo, para oferecer ao público trechos que na sua voz, se tornaram popularíssimos. Marceneiro e Mourão: o Fado na sua expressão mais autêntica, a brilhar no Coliseu dos Recreios, na noite do próximo sábado. E, como atracção especial, a entrega dos Prémios de Imprensa aos nomes distinguidos nos sectores do Desporto e da Tauromaquia: desde José Henrique a José Mestre Baptista, passando por Adília Silvério e pelos Forcados Amadores de Lisboa, do Grupo de Nuno Salvação Barreto.

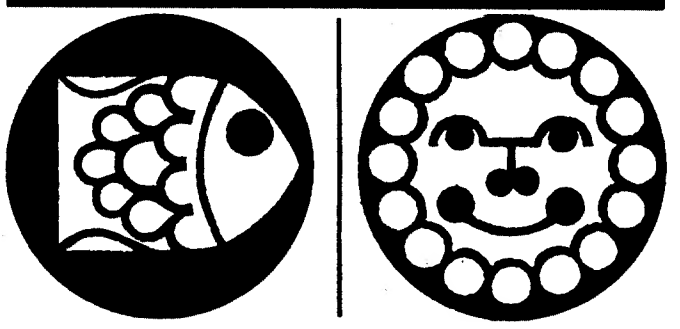
SENHORAS

QUE
DISPONHAM DE TEMPOS LIVRES
GOSTEM DE RELAÇÕES PÚBLICAS

GRANDE COMPANHIA PORTUGUESA
OFERECE — EM PART-TIME —
ACTIVIDADE INTERESSANTE E LUCRATIVA DE CONTACTOS COM O PÚBLICO

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 751

9/18 DE MARÇO
Nauticampo 7



ABERTO AO PÚBLICO ATÉ 18

7173

DIAS ÚTEIS DAS 16 ÀS 23 H.
SÁBADOS E DOMINGOS DAS 15 ÀS 23 H.

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

REPORTAGEM

COSTURAR, EIS A QUESTÃO

O pronto-a-vestir, a emancipação da mulher e as máquinas de costura

A máquina de costura representou um avanço técnico e económico. Inventada quase simultâneamente por um operário francês, empregado numa fábrica de fiação, Barthelemi Thimonnier, e um operário norte-americano, Elias Howe, em meados do século XIX, várias foram as reacções que se fizeram sentir, desde a incompreensão pura e simples até à revolta das costureiras parisienses que julgavam ameaçado o seu trabalho. No entanto, a máquina de costura como elemento válido e auxiliar eficaz do trabalho do homem vingou e, se o inventor francês morreu na miséria, já o mesmo não sucedeu com o seu colega americano que, em 1863, viu os rendimentos da sua patente atingirem os dois milhões de dólares anuais.

Ultrapassando rapidamente o seu aspecto arcaico, devido às inovações introduzidas, a máquina de costura actualizou-se, acompanhando o progresso, e da manivela que era preciso rodar para que trabalhasse depressa se passou para o pedal, libertando as mãos que assim poderiam manusear o tecido a costurar; desta fase ao motor eléctrico foi um pequeno pulo, tornando praticamente autónomo o trabalho da máquina. Entretanto, a evolução não se limita unicamente ao modo de trabalhar. Da fase inicial de coser a direito a máquina, hoje, faz praticamente tudo, desde pregar botões a bordar. Resultante da revolução industrial que sucedeu no século XIX, a máquina de costura espalhou-se largamente por todo o mundo, tornando-se objecto usual em qualquer casa e determinando, ao mesmo tempo, uma fase social bem vincada.

Com efeito este instrumento vai vincular ainda mais a mulher ao trabalho caseiro e dentro das camadas sociais menos favorecidas ela vê-se obrigada, para além de todo o trabalho inerente à manutenção da família, a manufacturar as roupas para si, para os filhos e para o marido. Relativamente às famílias com maior poder económico esta situação altera-se substancialmente, sendo contratadas para virem a casa, costureiras que farão os trabalhos necessários.

Ultimamente, com a emancipação da mulher e a sua maior participação nos trabalhos até aí reservados exclusivamente ao homemfenómeno que não foi unicamente motivado pelo altruismo pois a mulher, para além de outros factores, representava uma mão-de-obra mais barata — surge e desenvolve-se toda uma indústria que vem suprir a ausência do trabalho artesanal: o pronto-a-vestir.

Assim, uma consulta rápida à lista telefónica dá-nos só, na região de Lisboa, para cima de três centenas as casas dedicadas

Hoje é a ITT que manuseia a única indústria de máquinas de costura em Portugal, e não só...

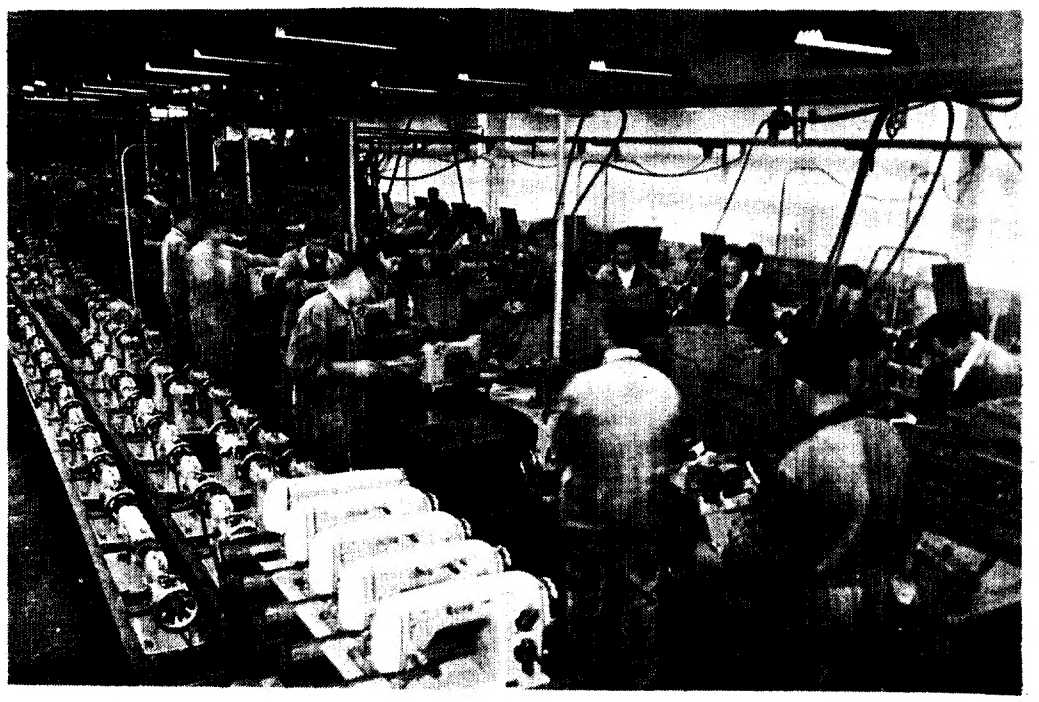
ao pronto-a-vestir, no respeitante a confecções para crianças, homens e mulheres. Mais recentemente surgem as «boutiques» — pequenos estabelecimentos que se dedicam à venda, em pequenas quantidades, de modelos previamente escolhidos no estrangeiro — e a sua proliferação é de tal ordem que na zona da capital o número cifra-se em 89 aproximadamente.

REGRESSÃO NA PROCURA

Uma campanha publicitária lançada recentemente e tendo como palavra de ordem a troca da máquina de costura antiga, que ainda pode valer alguma coisa, por uma moderna veio sugerir que uma crise afectava este ramo comercial.

O emblema da Singer, a par do da Oliva, está espalhado por todo o país e são estas as duas marcas que dominam o mercado nacional. A Singer, que originariamente procedeu à fabricação de máquinas de costura, diversificou posteriormente a sua produção, dedicando-se agora aos electro-domésticos, equipamentos de precisão, computadores, material gráfico e audio-visual, e tudo isto começou quando Isaac Merrit Singer pediu 40 dólares emprestados para tornar viável o seu invento de alterar a máquina de costura. Segredos do capitalismo.

Esta empresa é, no entanto mais conhecida pelos instrumentos de coser que, no nosso país são totalmente importados da Inglaterra, Alemanha ou Itália. Segundo a opinião de um dos elementos da firma, que pode importar anualmente dez a doze mil máquinas, têm sido atravessadas várias fases,



Esta empresa já foi de capitais exclusivamente portugueses.

— Há anos em que se verifica uma regressão na procura, mas nos últimos dois ou três meses têm sido satisfatórios. No país, os estudos de mercado de qualquer produto ou são inexistentes, ou pecam pela falta de recolha de dados. Nós aqui, quando começamos, temos já toda uma experiência de fora que nos pode conduzir a tomar atitudes ou a condicionar a nossa oferta. Quando na Europa o pronto-a-vestir começou a desenvolver-se as máquinas de costura tiveram uma regressão. Contudo, o pronto-a-vestir tem inconvenientes, um dos quais, e o mais flagrante, éa sua uniformização. E este panorama que se sentiu na Europa reflecte-se em Portugal. A diminuição de vendas deve-se essencialmente à emancipação da mulher, tendo-se verificado uma regressão de 1969 a 1971, período em que o mercado caiu um bocado. Depois estagnou, verificando-se que tem uma determinada dimensão. Relativamente à concorrência na publicidade quase que não se verifica. Vêem-se duas ou três marcas na televisão a fazer publicidade. Aliás, há concorrentes que compram um lote de máquinas, que lhes assegura um lucro aceitável, e não estão interessados em expandir as suas vendas.

No entanto, há uns anos atrás surgiu a máquina de tricotar que veio motivar um interesse diferente na mulher portuguesa?

— A máquina de tricotar dirige-se a dois mercados distintos: a mulher que compra a máquina para fazer umas coisinhas em casa, e que é relativo, e aquele em que a mulher adquire a máquina para um regime artesanal. Contudo, este mercado tem acréscimos reduzidos.

Relativamente aos cursos de aprendizagem de costura gratuitos a informação é de que o índice de participação decresceu nos centros urbanos em virtude da mulher não se interessar mais pela costura, antes procurando outras actividades, como trabalhar nas fábricas ou nos escritórios.

Outro factor importante é o do tamanho das máquinas apresentadas no mercado.

— As máquinas portáteis tiveram um arranque lento mas agora são melhor aceites. As casas são pequenas e opta-se por uma máquina portátil, principalmente nos centros urbanos. No entanto continuam-se a vender muitas máquinas de gabinete, talvez por razões decorativas, representando as portáteis cerca de 20 por cento das vendas.

OLIVA — UMA MARCA QUE FOI PORTUGUESA

No representante para a zona sul das máquinas Oliva as informações fornecidas revelaram-se mais concludentes.

— Em relação à máquina doméstica para fins artesanais a sua venda está a diminuir. Mas a máquina para fins essencialmente domésticos não diminuiu na Europa como também não aumentou. Quando esses países passaram por uma fase de crise as máquinas de costura sofreram efectivamente uma quebra. Verifique-se que enquanto para o artesanato é necessário um móvel, para o trabalho doméstico uma máquina portátil é o suficiente. Para isto contribui o problema actual do urbanismo, pois na província ainda se nota a venda de máquinas de gabinete, possívelmente uma forma de decoração, enquanto que em Lisboa e no Porto a máquina portátil tem maior aceitação, resultado das duas três assoalhadas que são comuns nestas cidades. Outra coisa é a moda. As pessoas nunca fazem em casa o que vêem no pronto-a-vestir. Em estilo verdadeiramente doméstico as roupas do pronto-a-vestir fazem-se aos milhares e há uma tendência para a uniformização. Por outro lado a máquina de costura deixou de ser um artigo de primeira necessidade. No estrangeiro compra-se a máquina de costura depois de se terem comprado aqueles artigos verdadeiramente indispensáveis, como o fogão, o esquentador, o frigorífico e a máquina de lavar roupa. Como se vê, a ordem cronológica das necessidades é diferente. Por outro lado, antigamente as meninas aprendiam a tocar piano e a coser. Hoje não. Trabalham como o homem.

Quisemos saber a incidência do aparecimento da máquina de tricotar relativamente ao acontecer da crise.

— As máquinas de tricotar e as malhas são um artigo muito mais jovem. Quando houve a febre das malhas aconteceu o mesmo que à máquina de costura. No entanto, a máquina de tricotar não tem o mínimo futuro. É extraordinariamente cara e cansativa — os modelos com motor custam cerca de doze a treze contos o que é proibitivo — para uso doméstico. O ensino é extraordinariamente complicado sendo necessários três a cinco meses para se aprenderem os rudimentos. Além disso, para se armar um fato de malha é preciso saber corte cuja aprendizagem é a mesma da máquina de costura. Portanto, só para profissionais é que ela poderá interessar, já que não se compreende uma bata de trazer por casa feita em malha. Contudo, a máquina de tricotar tem tido êxito no artesanato comercial.

Voltando à máquina de costura, um aspecto novo surge, que é a «boutique».

— O dono da «boutique» escolhe no estrangeiro uma peça de vestuário que depois manda fazer cá a uma artesanal. Isso fomenta o semiartesanato e há aí ainda um campo para a máquina de costura semi-industrial ou híbrida, entre a industrial e a doméstica.

Há quatro anos as vendas, note-se que estas informações dizem respeito unicamente à zona sul, ten rondado as 3 800 e as 4 000 unidades por ano, notando-se um desvio nítido para as máquinas mais caras, embora a evolução mais espectacular tenha sido a das portáteis em que nos últimos quatro meses duplicaram as vendas. Aliás, basta o esforço publicitário de um determinado tipo de marca para as vendas aumentarem.

As vendas são acompanhadas por cursos gratuitos de costura forma eficiente de aumentar o mercado. Mas a Oliva não é só o concessionário para a zona sul; outros interesses surgiram nos últimos anos.

E APARECE A ITT

Cautelosa nas informações fornecidas, não tomando posições sem que primeiramente tenha tomado conhecimento com um questionário previamente escrito, de molde a que as decla-

Continua na pág. 12

Uma imagem mais real de Angola

A Greipe Angola S.A.R.L. assinalou o início das suas actividades no Estado de Angola, com a realização de um «cocktail» oferecido a mais de 300 convidados no Hotel Trópico, em Luanda, e que contou com a presença do sr. eng.º Santos e Castro, governador-geral daquele Estado.

Entre os convidados, diversas entidades oficiais administradores e directores de empresas de Angola, e gente do teatro e da Informação.

Em determinada altura o administrador-delegado da nova sociedade, senhor Jaime Mourão Ferreira, pronunciou um discurso em que afirmou ser intenção da Greipe Angola ajudar a fomentar o turismo naquele Estado e divulgar, no mundo inteiro, uma imagem mais real da Angola de hoje.

Nas gravuras, aspectos do «cocktail» quando o administrador delegado pronunciava as suas palavras e recebia o dr. Manuel Vinhas, presidente do conselho da administração da Cuca

DINHEIRO
empresta-se
Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei
A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
LISBOA - RUA DO OURO 292 1.º (Esquina com o Rossio) Telf. 369384/5/6
PORTO - RUA PASSOS MANUEL 141 Telf. 20344/5/6

Caixa Geral de Aposentações

AVISO

Os militares na situação de reforma que recebem as suas pensões directamente na Caixa Geral de Aposentações em Lisboa, são convidados a comparecer na dependência da Rua Tomás Ribeiro, na véspera do respectivo pagamento, das 17.30 às 19.30 horas, a fim de lhes ser feita a entrega dos novos modelos por troca dos antigos, em virtude do Decreto-Lei n.º 96/73, de 1 de Março.

A entrega referida, sempre que o pagamento tiver lugar a uma segunda-feira, será efectuado na sexta-feisa anterior.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Pretende admitir:

TORNEIROS

— Curso industrial completo ou instrução primária com formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade, de preferência com conhecimentos de desenho e prática da profissão.

FREZADORES

— Curso industrial completo ou instrução primária com formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.

RECTIFICADORES

— Com instrução primária, bons conhecimentos de máquinas e prática comprovada da especialidade.

Outros requisitos:

— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos

Oferece:

— Vencimento compatível
— Gratificação de Natal
— Subsídio de férias
— Salários diferidos
— Regalias sociais
— Viagens

Resposta à Divisão do Planeamento do Pessoal — Edifício 25 - 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

A SEMANA

MISSÃO COMERCIAL

Parte hoje para Hamburgo uma missão comercial portuguesa que se desloca à República Federal Alemã para uma visita de oito dias patrocinada pelo Fundo de Fomento de Exportação.

A missão é apoiada pela Câmara de Comércio Luso-Alemã e recebeu incentivos de vária ordem, como créditos de financiamento, garantia de fixação de câmbios, seguros de riscos, subsídios para a participação em feiras internacionais, comparticipação nas despesas na investigação de novos produtos, estudos de mercado, etc.

Por sua vez, chega hoje a Lisboa, para uma estadia de igual duração, uma missão comercial espanhola, chefiada pelo presidente da Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Madrid. Os indistriais farão contactos com empresários portugueses nomeadamente nos sectores de material didáctico, aparelhagem, eléctrica, maquinaria para indústrias do frio, padaria, confeitaria e embalagem. Serão igualmente negociados artigos de campismo, material para supermercados, equipamentos de ar condicionado, entre outros. Patrocina a visita a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola.

RECENSEAMENTO

Termina na próxima quinta-feira o prazo de inscrição para o recenseamento de eleitores dos deputados à Assembleia Nacional o que não será demais lembrar, uma vez que detemos um baixo índice de cidadãos recenseados. Em 1969, por exemplo, calculava-se em 19 por cento da população total o número de cidadãos inscritos nos cadernos eleitorais, em cujas eleições apenas votaram 1 114 846 portugueses. A inscrição é feita na Comissão de Recenseamento que funcina nas várias juntas de freguesia, em papel de 25 linhas, duplicado, segundo o formulário exigido.

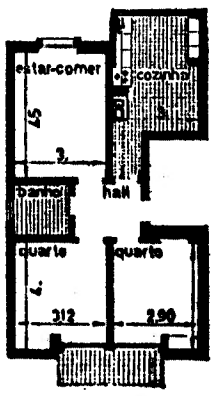
A MULHER

O Dia Internacional da Mulher, comemorado em todo o mundo na passada quinta-feira, passou entre nós praticamente desapercebido, sintoma possivel da sua posição (de dependência) na sociedade portuguesa. Uma das poucas manifestações comemorativas do dia que entre nós se efectuaram foi promovida pelo Sindicato Nacional dos Empregados Bancários em cuja sede teve lugar um colóquio orientado pelas sras. Luísa Amorim e Dulce Rebelo, sobre o tema «A situação da mulher portuguesa».

NÃO SÓ RENUNCIAR

O Centro Ecuménico de Reconciliação promove de 16 a 18 um encontro destinado a debater o problema da droga em Portugal. A iniciativa resulta das discussões havidas quando do colóquio sobre «O problema individual e social dos marginais», efectuado o ano passado. Para os seus organizadores «ninguém consciente, pode dizer que esse «problema» nos é estranho que não existe no nosso pais, que se passa em outras latitudes, que falando sobre ele estamos fazendo propaganda ou abrindo o «apetite» a mentes ainda não atacadas pelo mal». E citam evidências como os julgamentos na Boa Hora, o Simpósio sobre Alcoolismo Crónico ou realizado pela Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e Saúde. Norteiam a iniciativa as seguintes palavras de Paulo VI: «Não basta lutar contra as drogas e incriminar os drogados; é imprescindível lutar em favor da eliminação das causas desta situação. Ás vezes a denúncia do fenomeno da droga pode constituir uma fuga comodista e uma falsa confissão da própria inculpabilidade perante as verdadeiras raízes deste problema». De facto, a observação parece oportuna, uma vez que se têm já condenado entre nós drogados e traficantes, mas não se conhecem os estudos objectivos que desmontem e aclarem as razões pelas quais uma determinada situação social conduz ao consumo das drogas. Apesar de tudo, o problema não parece esquecido nem dos organismos de Sáude competentes, nem de algumas pessoas que têm a possibilidade de exercer uma palavra pública, em especial os deputados. Ainda recentemente um alarme curioso foi proferido no hemicilo parlamentar. Referia-se ao perigo do seu consumo pelas tropas portuguesas que lutam em África. Como aconteceu com os americanos no Vietnam.

PROJECTE PARA O FUTURO...



EIS UM ANDAR COM 3 CASAS ASSOALHADAS, O LAR IDEAL PARA SI E PARA OS SEUS.

CASAS AMPLAS EM IMÓVEL DE SUPERIOR CONSTRUÇÃO, ACABAMENTOS DE LUXO, TODAS ELAS ALCATIFADAS E DECORADAS A PAPEL, INTEIRAMENTE A SEU GOSTO.

A DOIS PASSOS DE LISBOA, EM SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS, JUNTO À PLACA DA FLAMENGA, PRECISAMENTE A 15 KM. DO MARQUÊS DE POMBAL. PORTANTO COM FÁCIL ACESSO AO CENTRO DA CIDADE.

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO E O MODERNISMO DA CONSTRUÇÃO COM COZINHAS TIPO AMERICANO EQUIPADAS COM ARMÁRIOS SIAF E COM EXAUSTORES DE CHEIROS, CASAS DE BANHO COM LOUÇAS TIPO ITALIANO, AZULEJADAS A COR, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO ANODIZADO, AQUECIMENTO ELÉCTRICO NOS QUARTOS.

LOCAL DE VERDADEIRA ELEIÇÃO COM ZONA COMERCIAL EM FRANCO PROGRESSO, JARDIM INFANTIL E INFANTÁRIO EQUIPADO COM TODOS OS REQUISITOS MODERNOS.

E QUANTO A PAGAMENTO?

ISTO PARTICULARMENTE LHE INTERESSA. VOCÊ PODE PAGAR O SEU LAR AO MESMO TEMPO QUE VAI CAPITALIZANDO PARA O FUTURO.
INFORME-SE SOBRE O NOSSO PLANO FINANCEIRO QUE LHE PROPORCIONA FACILIDADES ATÉ 13 ANOS.
DIRIJA-SE NO LOCAL AO NOSSO ESCRITÓRIO DE VENDAS.

URBANIZAÇÕES SPOC

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO 74-3º TELFS. 35438/366257/35521 LISBOA

● UM PARQUE E OS TRANSPORTES

Assim que o mês acabe, ps lisboetas terão, provavelmente, a satisfação de disporem de mais um parque de estacionamento: o dos Restauradores que, não sem alguma ironia, deverá estar pronto a servi-los no dia 1 de Abril. Para abrir este buraco de mais de 4 metros começaram-se os trabalhos em Junho do ano passado e fizeram-se as necessárias alterações ao trânsito. O parque subterrâneo irá ser caro e poderá satisfazer cerca de 440 automobilistas. Entre as 8 e as 20 horas os preços por hora de estacionamento deverão variar entre os 4$50 e os 8$00.

Ora, o problema dos estacionamentos é uma parcela de outro bastante mais geral, o dos transportes, e compete perguntar até que ponto é solucionadora uma medida com as dimensões desta, de que a iniciativa privada participa. E isto porque dizer que se conseguiu um número de lugares de estacionamento bastante superior ao dobro do que existia à superfície poderá equivaler a esquecermo-nos de reconhecer a sua insuficiência, em função do caudal de viaturas que se deslocam à Baixa. A criação de parques como este — outros estão planeados — parece pois demonstrar como são complementares as soluções que fornecem. Complementares em relação ao caos dos transportes, sobretudo dos transportes públicos. Este sector tem sido igualmente dominado pela iniciativa privada, facto onde muitos encontrarão razões para a sua manifesta ineficácia, uma vez que a sua rentabilidade é cada vez menor. Por isso, que, uma vez afastada — não só entre nós mas também em muitos outros países — a solução de empresas públicas se proponha, nomeadamente na Assembleia Nacional, uma «crescente intervenção governamental no sector dos transportes». A generalização do déficit das empresas de transportes, sobretudo a partir da década de 60, agudizou um problema inerente à forma de exploração do sector. O da eventual possibilidade de conciliação entre a procura de lucros, pelo capital privado, e as actividades — raramente lucrativas — de utilidade pública, com os encargos resultantes. Desmentindo essa hipótese parecem desenvolver-se, cada vez mais, factores como a diminuição da procura e do montante das receitas, a elevação dos custos, o aumento de tarifas e salários. Este fenómeno é agravado pelas crises cíclicas da economia dita ocidental, nomeadamente pela inflação. E as soluções, que não alterem o regime de prestação destes serviços, não serão fáceis uma vez que se reconhece que mesmo recorrendo a aumentos tarifários (aos possíveis) parece difícil resolver a situação.

● RUI PATRÍCIO NA ÁFRICA DO SUL

O ministro Rui Patrício iniciou ontem a sua visita à Suazilândia, depois de ter estado oficialmente na República da África do Sul onde conferenciou com o chefe do governo e com o seu colega Hilggard Muller que, falando ao visitante português, assim referiu os laços que unem Portugal ao seu país: «o vosso país e o meu sempre têm desempenhado papéis construtivos de desenvolvimento, não apenas para os nossos dois povos, mas para todo o continente. Sei bem que essa continua a ser a vossa intenção, tal como a nossa. Para nós, como para Portugal, a África não é um sombrio e distante continente: é o nosso continente e dele depende o nosso futuro». Em resposta, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, frisou as relações e fez votos por que esse exemplo fosse seguido por todas as nações africanas.

Em conferência de Imprensa, dada na Cidade do Cabo, o ministro negou que presentemente existisse uma aliança militar entre Portugal e a África do Sul, ou mesmo planos para essa aliança.

Trabalhos de renovação da via

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Óbidos e Caldas da Rainha, a partir do dia 8 de Março de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

Automotora n.º 4025 (que parte de Lisboa - Rossio às 13-45 h) — Entre Óbidos e Caldas da Rainha, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarro;

Automotora n.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h) — Entre Caldas da Rainha e Óbidos, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

NÚMEROS

OBRIGAÇÕES

Irão ser emitidas pelo Estado 1.500.000 obrigações, no valor nominal de 1.000 escudos cada, que correspondem às últimas quinze séries do empréstimo interno amortizável denominado «Obrigações do Tesouro; cinco por cento; 1971. III Plano de Fomento», vencendo o juro anual de 5 por cento amortizáveis por sorteio de 10 unidades, sendo a primeira em 15 de Março de 1978.

O CICLO EM ELVAS

Foi adjudicada a uma firma construtora a edificação de uma escola do ciclo preparatório, em Elvas, no valor de 23.0000 contos, a estar pronta dentro de 18 meses. A escola terá capacidade para 1.000 alunos e será dotada de 18 salas de aula, podendo 14 ser prolongadas. Dispõe também de 4 salas para o ensino de Ciências Naturais e 5 para Desenho, 2 para Educação Musical e 5 para Trabalhos Manuais, além de instalações para Educação Física.

EMIGRAÇÃO

Segundo os termos de uma Convenção assinada em 1909 entre Portugal e a África do Sul, revista várias vezes, mas cujas disposições gerais estavam em vigor até há pouco tempo, Moçambique deve fornecer anualmente à África do Sul 100.000 trabalhadores recrutados «ao Sul do paralelo 22», em troca de o Transval fazer passar por Lourenco Marques 50 por cento do seu tráfego comercial.

Os povos do grupo Tonga-Changana (com uma população de 1,5 milhões de habitantes em 1960), que habitam os dois distritos de Inhambane e Gaza, abrangidos pelo acordo de 1909, são marcados por uma emigração temporária para as minas do Rand ou da Rodésia, que começou à volta de 1880 e acabou por se tornar um costume.

CONTINUA ENCERRADO O NOSSO MERCADO DE CÂMBIOS

O Banco de Portugal não forneceu cotações e não efectuou operações de compra e venda de moeda estrangeira durante toda a semana passada, em virtude do encerramento dos principais mercados de câmbios estrangeiros.

No entanto, as instituições de crédito continuaram a realizar compras e vendas de moedas aos turistas estrangeiros. E também continuaram a ser efectuadas as operações solicitadas por residentes em Portugal, uma vez comprovado o seu carácter urgente. Para a realização destas operações foram utilizadas como base as cotações transmitidas ao mercado pelo Banco de Portugal no final da semana anterior.

Durante a próxima semana, o Banco de Portugal continuará a não fornecer cotações e a não efectuar trocas de moedas estrangeiras, por se manter o encerramento dos mercados estrangeiros. É uma situação sem precedentes. Durante as crises monetárias anteriores, o encerramento do mercado de câmbios nunca se prolongou por tantos dias, raro foi além de dois ou três dias.

O encerramento do mercado de Câmbios pelo Banco de Portugal é plenamente justificado pela incerteza que reina nas principais praças estrangeiras. Nem por isso deixa de afectar duramente as empresas que realizam operações de importação e exportação. Afecta toda a actividade comercial e industrial, na medida em que se desconhecem as condições em que será efectuada a renovação dos stocks e a futura aquisição de matérias primas e equipamentos.

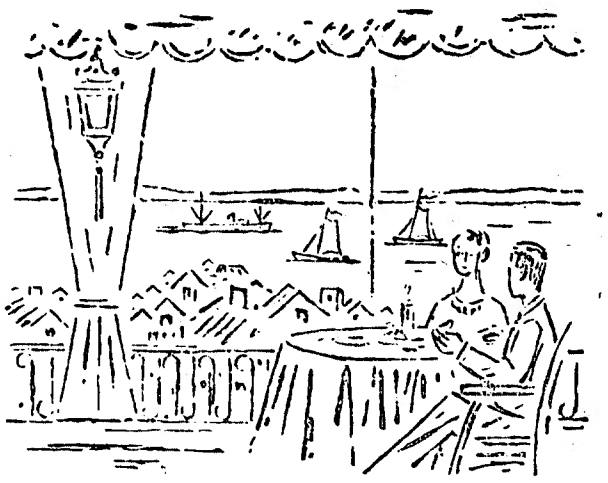
AS RAZÕES DA CRISE

A actual crise monetária internacional não resulta de uma debilidade da balança de pagamentos norte-americanos, nem de um enfraquecimento da posição do dólar nas principais praças internacionais. Antes deve filiar-se na batalha em curso entre os Estados Unidos e os nove países que constituem a Comunidade Económica Europeia. Os norte-americanos acusam os países do Mercado Comum de praticarem uma política proteccionista, especialmente no que diz respeito aos produtos agrícolas. Para reforçar a posição dos exportadores norte-americanos, os Estados Unidos começaram por proceder à desvalorização do dólar, previsível desde que o presidente Nixon abandonou a política de luta contra a inflação. Nesta segunda fase da sua ofensiva, os Estados Unidos pretendem forçar os principais países europeus, nomeadamente a França e a República Federal Alemã, a procederem a uma revalorização das suas moedas. As exportações norte-americanas adquiririam, assim, maior capacidade de competição nos mercados europeus. Ao contrário, as exportações europeias passariam a ficar mais caras nos Estados Unidos, perderiam uma parte da sua capacidade de competição em todo o mundo. Para obrigarem os países europeus a cederem, os Estados Unidos estão a utilizar as transferências massivas de capitais para as principais praças europeias, o que é facilitado pela implantação na Europa de um grande número de sociedades multinacionais norte-americanas. O processo é reforçado pelo afluxo ao nosso continente de uma grande massa de capitais especulativos norte-americanos. Para solucionar esta situação, os países europeus, em particular a França, propõem que os Estados Unidos elevem a taxa de juro, o que provocaria o regresso ao mercado norte-americano de uma boa parte dos capitais que afluiram à Europa nas últimas semanas, e que estabeleçam no futuro um rigoroso controle das saídas de capitais. A reunião efectuada anteontem em Paris, com a participação de norte-americanos, canadianos e japoneses, além dos nove

Continua na pág. 12

restaurante

Varanda do Chanceler



A ABRIR BREVEMENTE
TOTALMENTE REMODELADO
Largo do Chanceler, 7/A — ALFAMA
LISBOA

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme FOX 20th Century Fox

A MAIS EXCITANTE AVENTURA JAMAIS FILMADA!

CANDIDATO A 7 "ÓSCARES"

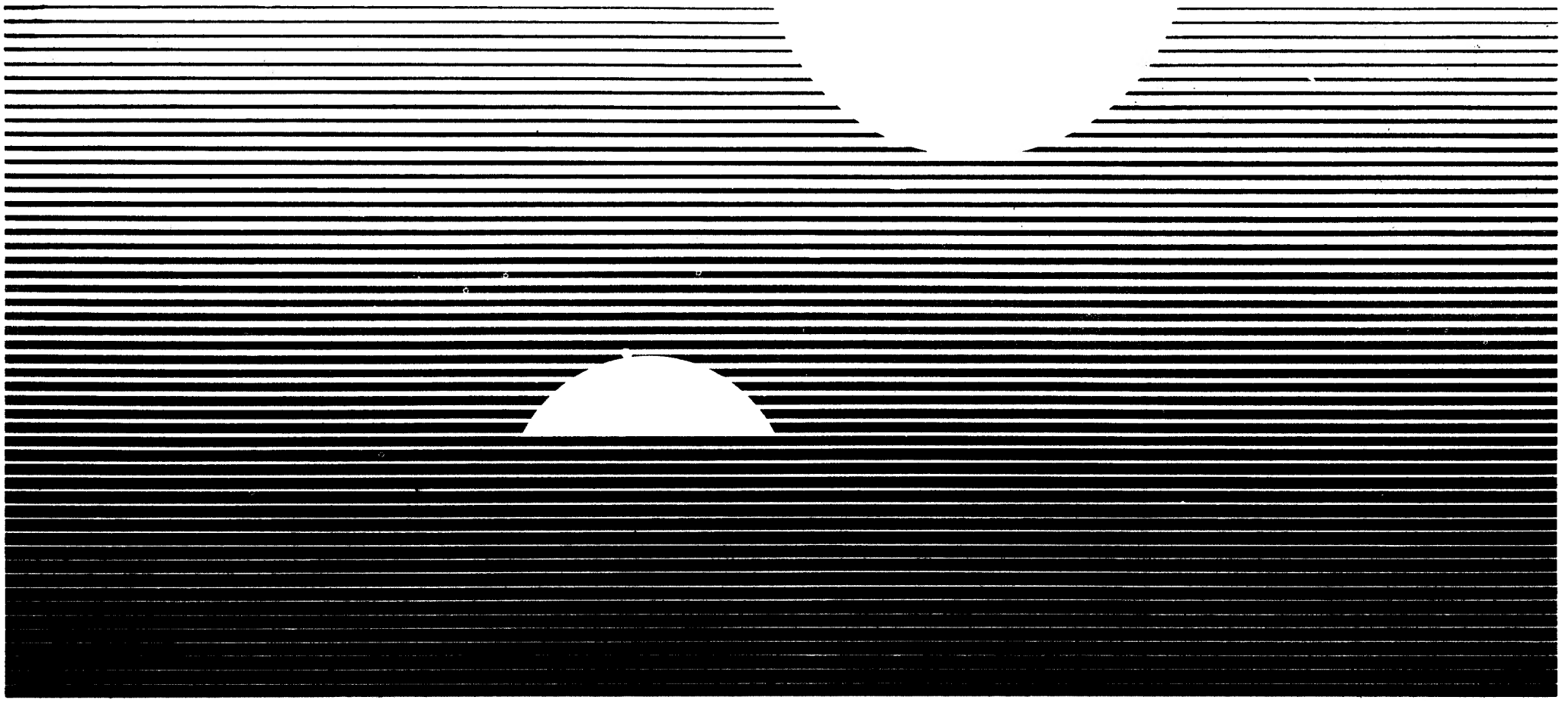
Baseado na novela de PAUL GALLICO Argumento de STIRLING SILLIPHANT e WENDELL MAYES Produção de IRWIN ALLEN

Realização de RONALD NEAME

3ª FEIRA, ESTREIA
ABSOLUTAMENTE FANTÁSTICA!

BERNA CONDES

PANAVISION GRUPO B — 10 ANOS COLORIDO



Quando o sol adormece em Troia, o silêncio cobre as inúmeras horas trabalho, que durante todo o dia construiram algo mais em Troia para o mundo e para si, para as suas férias privilegiadas em lugar privilegiado.

VÁ A TROIA. CONHEÇA TROIA DESCUBRA UM NOVO MODO DE FÉRIAS

Comemorado na Madeira o nascimento do Infante D. Henrique

PORTO SANTO, MADEIRA — (ANI/DL) — 11 — A bordo de um avião da Força Aérea Portuguesa, chegou ontem a Porto Santo a comitiva que se desloca este fim-de-semana na ao arquipélago da Madeira para cumprimento das cerimónias relativas ao 579.º aniversário do nascimento do Infante D. Henrique.

A bordo do avião viajaram o dr. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, o secretário geral do Ministério da Educação Nacional, dr. Alberto Machado, o presidente da Comissão do Infante D. Henrique, daquela sociedade, almirante Sarmento Rodrigues, o vice-presidente da mesma comissão, dr. Oliveira Boleo, e secretário, comandante Gomes dos Santos, e quatro membros — engs. Viriato Campos e Júlio Martins, comendador Júlio Cabral e dr. Castelo Branco — além do conferencista, membro do Centro de Estudos da Marinha prof. Armando Cortesão.

Da comitiva, que é composta por 32 pessoas, fazem ainda parte oito alunos da Escola Naval, alunos universitários, liceais e das escolas técnicas, e alguns jornalistas.

Durante a escala do aparelho da Força Aérea em Porto Santo, a comitiva deslocou-se ao local onde está instalado o monumento aos descobrimentos.

Com os alunos da Escola Naval perfilados, a fazerem a guarda de honra, foram colocadas flores na base do monumento, as quais haviam sido oferecidas pelo dr. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Acto contínuo, o vice-presidente da Comissão Infante D. Henrique, dr. Oliveira Boleo, proferiu o seguinte discurso (já enviado nos nossos telegramas 148, 149, 152 e 153).

Terminada a cerimónia, a comitiva regressou ao aeroporto de Porto Santo, de onde, momentos depois, partiu a bordo do avião da FAP com destino ao Funchal.

À tarde, já no Funchal, realizou-se na Escola Comercial e Insdustrial daquela cidade a sessão comemorativa do aniversário em que falou o prof. Armando Cortesão que foi precedido pelo almirante Sarmento Rodrigues. O presidente da comissão afirmou a dada altura do seu discurso:

«Ora nós temos, nos tempos de hoje, renovados motivos de esperança e de confiança. Como noutras eras, somos invejados e as nossas grandezas cobiçadas. Somos invejados e mesmo atacados por algumas organizações e até governos de nações que no passado, enquanto os homens do infante e mais tarde outros portugueses se empenhavam e se sacrificavam para alargar os horizontes nacionais, preferiram ao contrário, dedicar-se muito prudentemente, muito industriosamente, a comerciar e explorar o trabalho dos outros. Que abdicaram de todas as responsabilidades para gozar as delícias da vida. E que, nesta concepção utilitária, egoísta e de vistas curtas, não podem agora compreender, e muito menos aceitar, a determinação dum povo, como o nosso, que defende tenazmente a sua liberdade, a liberdade de ser português, tanto na Europa, como na Africa ou no Oriente.

«Pois, é isso mesmo que estamos a realizar em Africa, defendendo e engrandecendo a Guiné, Angola e Moçambique, partes integrantes, como a Madeira ou Trás-os-Montes, da velha e honrada nação portuguesa. E é sobretudo, a mocidade daquelas terras e a que para lá vai reforçá-la que nos garante a sobrevivência honrando a memória do infante.»

A IMPRENSA ESPANHOLA COMENTA:

O ACORDO DIPLOMÁTICO ESPANHA-CHINA POPULAR

MADRID (ANI) — O estabelecimento de relações diplomáticas entre a Espanha e a República da China é considerado como «normal» e nascido «da necessidade de estender as relações espanholas a todos os povos», nos editoriais publicados hoje pelos mais influentes matutinos de Madrid.

O «ABC» (monárquico) escreve: «Encontramo-nos perante um facto normal no quadro diplomático dos nossos dias, e perante a possibilidade de maior desenvolvimento da política externa espanhola».

O editorialista do «ABC» assinala que a decisão espanhola se deve à alteração das estruturas internacionais, iniciada com a visita do presidente Nixon à China, em Fevereiro do ano passado, e que se insere no quadro da expansão da diplomacia espanhola marcada pelo estabelecimento de relações diplomáticas com a República Democrática da Alemanha.

Seguidamente, o editorialista do «ABC» escreve que a Espanha e a China são dois países que não têm qualquer pleito, mas «que apresentam óbvias e irredutíveis divergências ideológicas».

O editorialista termina considerando que com esta medida a nada se renuncia, só podendo trazer vantagens e benefícios para os interesses da economia espanhola.

O «YA» (democrata cristão) salienta, no seu editorial, a necessidade de a Espanha ter relações com todos os países, seja qual for a sua ideologia ou sistema político, «sempre que se tomem as devidas precauções contra toda a ingerência externa nos nossos assuntos nacionais».

Depois de citar as palavras do chefe do Estado, generalíssimo Franco, na sua mensagem de fim de ano aos espanhois («temos de viver de realidade e não de quimeras»), o «YA» afirma que a decisão espanhola se fundamenta em razões vitais de conveniência para o país «que deve estar sempre a coberto de marginações que seriam esterilizadoras».

Continuando, o «YA» manifesta o seu inconformismo e protesta contra a «anómala» maneira como a notícia foi dada ao público espanhol — e referindo-se indirectamente a que a notícia foi dada em exclusivo, ontem à tarde, em edição especial, pelo vespertino madrileno «Pueblo», escreve:

«Parece-nos um grave erro e uma falha nos serviços que se devem a todos os meios de comunicação de massas.»

DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO, PRINCIPALMENTE SE SE QUER SER DANÇARINO

Com tantas rimas tinha de ser verdade. O prof. Edward Miller cujo interesse, pelo menos por alguns dos aspectos do mundo da dança não pode duvidar-se (é casado com uma dançarina) afirma: «ser capaz de se lançar para o ar, completar duas voltas completas e cair sobre um pé num arabesco perfeito, ficando voltado a três quartos para a assistência, com uma precisão de 5 graus, é uma proeza física mais exigente do que os movimentos mais grosseiros dos jogadores de futebol. O preço que têm de pagar os dançarinos, no entanto, é uma elevada incidência de artrite degenerativa dos joelhos, lassidão crónica dos ligamentos da coxa, e alterações da forma do fémur e pelvis».

Os homens são mais afectados do que as mulheres pois que, tradicionalmente, começam a dançar mais tarde. As mulheres contudo, estão sujeitas a outras lesões devidas ao facto de dançarem em pontas o que provoca joanetes e calos. Uma Giselle com calos e joanetes!!! Que horror... o conselho do prof. Miller é de começar os treinos o mais cedo possível. Depois dos dez anos é já um pouco tarde para começar.

QUAL A DATA DO NASCIMENTO DE COPÉRNICO?

Actualmente em todo o mundo comemora-se o aniversário do nascimento de Copérnico que se diz (e nós repetimo-lo aqui) ter nascido a 19 de Fevereiro de 1473. Todavia, nesse tempo, usava-se o calendário juliano. Recorda-se que foi o Concílio de Latrão que se propôs reformar o calendário para o que foi até solicitada a colaboração de Copérnico. Como resultado adoptou-se depois o calendário gregoriano que vigora nos nossos dias. Para se obter uma data no nosso calendário correspondente a uma outra do calendário juliano, deve-se adicionar a esta, treze dias. Portanto, o aniversário do nascimento de Copérnico deveria ser celebrado em 4 de Março passado e não a 19 de Fevereiro, como foi.

ALGUMAS MÁXIMAS (E MINIMAS) DO MUNDO DA CIÊNCIA

Os leitores talvez ficassem surpreendidos se, com exemplos famosos, ilustrássemos alguns dos princípios coligidos pelo famoso Jornal dos Resultados Irreprodutíveis onde cientistas a sério acham que a ciência não pode ser tomada sempre a sério.

— Quando se trabalha na solução dum problema, ajuda muito se já soubermos a resposta (contanto que saibamos que há um problema).

— Há elementos co-existentes nos fenómenos de frustração que separam os resultados esperados dos resultados já alcançados.

A expèriência varia na razão directa do equipamento arruinado.

— Chama-se constante de Skinner, quantidade que, quando multiplicada por, dividida por, somada a, e subtraída da resposta que se obtem, nos dá a solução que deveríamos obter.

— Publique primeiro, e confirme a experiência, mais tarde...

Não importa cair se, quando nos levantarmos, apanhamos qualquer coisa do chão.

— Avanços importantes são realizados por cientistas jovens que realizam experiências que os cientistas velhos afirmam não dar resultado.

— Os problemas que vale a pena atacar afirmam a sua validade contra-atacando...

— O êxito dum simpósio depende da relação entre o número de reuniões e o de mastigações...

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 45 — LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE MÁQUINAS DE ESCREVER

Para o concurso acima referido, aceitam-se propostas que deverão ser entregues na Secção de Secretaria desta Instituição, em sobrescrito lacrado, até às 15 horas do dia 26 de Março de 1973. A respectiva abertura terá lugar, em acto público, pelas 16 horas do mesmo dia.

Na mesma Secção, dentro do horário normal do funcionamento dos serviços, é facultada às firmas interessadas nota das condições do fornecimento e prestada qualquer informação complementar sobre o equipamento pretendido.

Lisboa, 3 de Março de 1973.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

TOYOTA

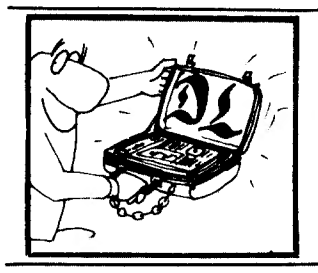
SERVIÇO OFICIAL

EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO

OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PEÇAS DE ORIGEM

TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA AFIXADA A PÚBLICO

COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105-A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113-A e B



INFORMAÇÃO

NEXUS

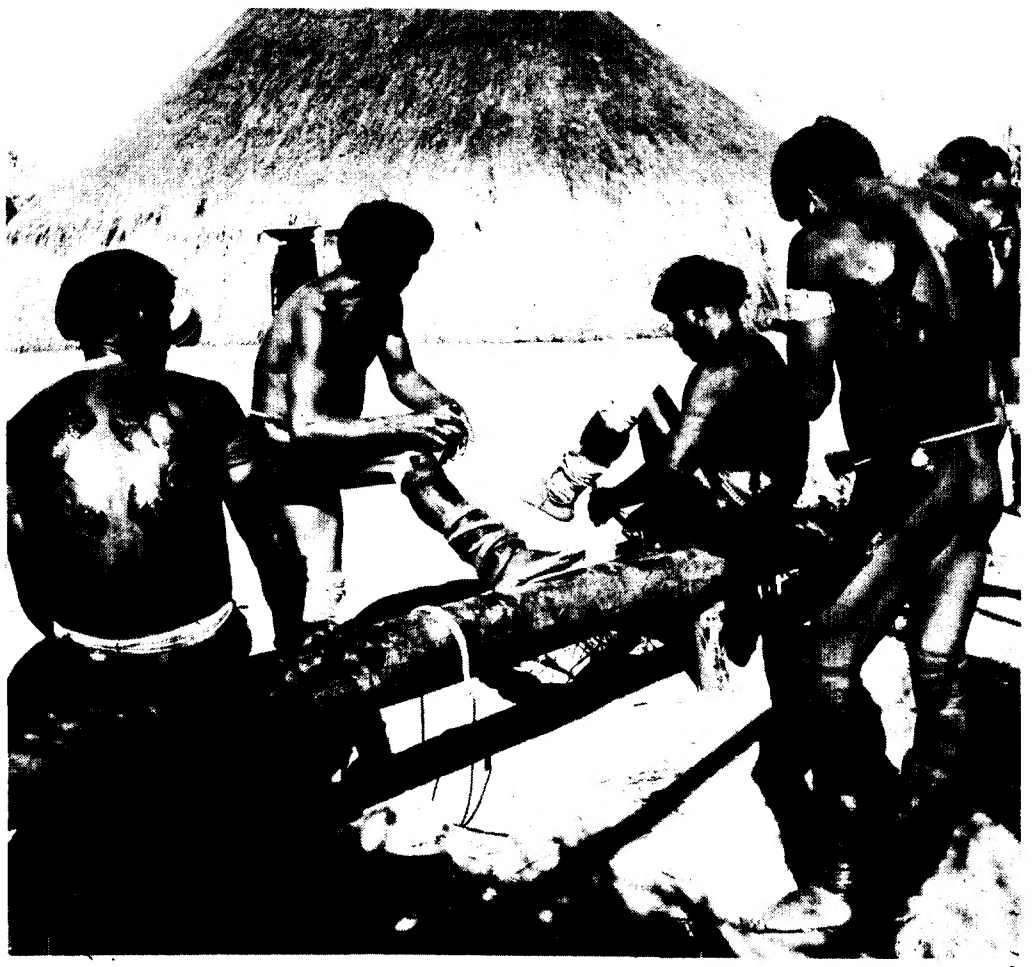
Dada a excepcional procura de bilhetes para os espectáculos de **«JOSÉ FELICIANO»** informamos que as lotações se encontram quase esgotadas. Informamos o público em geral que **José Feliciano** chega ao Aeroporto de Lisboa às 14.40 horas, do próximo dia 12 (segunda-feira), no voo da BEA n.º 262.

Estes espectáculos não serão televisionados.

CARTA DO BRASIL

AINDA UMA VEZ:

OS ÍNDIOS



Eu sou um pobre ser urbano. Um homem de cidade, de ruas, de praças, de lojas, de entra-e-sai, de carros rodando, de encontrões e de pragas. Além de cidades, só conheço praias e mar. De aí não ter um conhecimento verídico do que significa a selva.

Conheço, isso sim, por experiência e aventura, o nordeste brasileiro. Com seus fanáticos, seus folhetos-de-cordel, seus mitos, e suas legendas na dupla face da sua miséria: a seca e a chuva. Isso eu conheço.

Mas acerca de índios a verdade é que nunca pisei o chão agreste de nenhuma das suas tribos. Vivem longe, inseguros, lá onde o medo, como sempre, gera a represália.

Já eu estava no Brasil quando se deu início à histórica expedição Roncador — Xingu, destinada a desbravar o oeste brasileiro. Mais tarde após peripécias novelescas trouxeram até ao Rio de Janeiro alguns pagés que foram recebidos e abraçados por Getúlio Vargas. Vinham de paletó, calças, camisa e gravata.

ÍNDIOS I

O índio do Brasil não é de jeito nenhum igual ao índio das repúblicas andinas. Diferenças raciais e também de clima. O índio brasileiro vive nu. O dos Andes, defende-se do frio, do vento, da neve e do gelo, botando de fora apenas os olhos, dentro das suas lãs, grossas e coloridas. Fisicamente também pouco se parecem. Em tempos antigos, o nativo com a chegada dos lusitanos, tornou-se desconfiado e esquivo. Foram inúteis todas as tentativas para adaptá-lo ao uso doméstico. O índio é errante por natureza. Então, com a ajuda de Deus, e embora na condição de escravos, vieram os africanos, cabendo-lhes a missão de ajudar a construir o Brasil enquanto os índios sobreviventes iam sendo empurrados cada vez mais para dentro das selvas impenetráveis...

ÍNDIOS II

Isto o leitor sabe, e não é para o repetir que volto uma vez vais a um assunto eriçado de desconfiança. Mas se o faço é porque morreu há pouco um homem notável que dedicou trinta anos da sua vida a cuidar da preservação do índio brasileiro. Esse homem chamava-se Noel Nutels, e eu tive a felicidade de o conhecer pessoalmente.

Admirava-o, coisa rara em mim, que sou pessoa de poucas admirações.

Como ele, só os irmãos Villas-Boas, agora em vésperas de uma resignada aposentadoria, sabem contar mitológicas histórias em que falam dos indígenas com lágrimas nos olhos...

ÍNDIOS III

Noel Nutels não nasceu no Brasil. Era natural da Ucrânia. O pai, judeu russo, no começo da primeira guerra mundial, passando pelo Brasil, a bordo de um navio alemão, resolveu fixar aqui residência. E foi no Recife que o jovem Noel acabou tirando o curso de medicina.

Um médico como tantos outros, é certo, até que em 1943 descobriu sua verdadeira vocação: ir cuidar dos homens de arco-e-flecha que foi encontrar desprotegidos nos aléns do Roncador-Xingu.

E desde então não mais parou. Foram trinta anos de selva, com raras aparições no Rio de Janeiro, quando aqueles que tiveram a sorte de conhecê-lo descobriram a sua surpreendente personalidade, talvez mais extrovertida que a dos sacrificados Villas-Boas. É que ele colocava a sinceridade acima de qualquer temor. Os que sofriam, curava. O que via, estudava. O que estudava, dizia. E o que afirmava, nunca ninguém tivera coragem de dizer em voz alta. Nunca Noel Nutels teve manchetes nos jornais. E mesmo na hora de morrer provocou um certo alívio entre aqueles que, pensando diferente, não gostavam de ouvi-lo, como, por sua vez, continuam em desacordo com os Villas-Boas.

ÍNDIOS IV

E que no Brasil causas e efeitos são julgadas de modo diferente. No problema dos índios, então, é cada cabeça, cada sentença. Apesar disso e embora de forma sumária, vou procurar sintetizar as três causas em três pontos:

PRIMEIRO: Há os que pretendem integrar os índios na realidade nacional.

SEGUNDO: Há os que pretendem por meios ilegais e ilícitos apoderar-se de áreas que são sagradas para os índios, pois é na natureza que os cerca, nos seus rios, nas suas montanhas, nas suas florestas, nas suas lagoas, que estão presentes os deuses dos seus cultos.

TERCEIRO: Há os que pensam que o índio deve manter-se dentro da sua tradição milenar, cuidando-se para que a sua sobrevivência seja mantida através de exaustivos trabalhos de preservação.

Esta foi, desde sempre, a tese defendida por Noel Nutels.

ÍNDIOS V

Ora hoje acordei, de madrugada, decidido a escrever a seu respeito. Eu sabia que tinha guardado num velho caderno o relato de um diálogo que com ele mantivera há longos anos. Mas onde? Onde? Então mergulhei decidido, no fundo submerso dos meus gavetões. Encontrar curiosidades agora desnecessárias não foi difícil. Mas descobrir o que eu não sabia se perdera, ou existia, desesperava-me. Isso levou horas. Mas teimei. E por fim, entre nuvens de poeira, dentro de um caderno de modinhas baianas do século XVIII (obra do poeta Mário de Andrade) lá estavam, amarelecidas, as três páginas que eu sabia ter rabiscado. Onde? Na cidade do Salvador? Quando? No ano de 1961. Isto é, um ano antes de ter começado a escrever neste nosso «Diário de Lisboa».

E aqui está, leitor, como posso transcrever uma conversa perdida no tempo e no espaço...

CONVERSA COM O DR. NOEL NUTELS

— Porque se dedicou aos índios?

— Sei lá. Toda a minha luta pelos índios é pura consequência da minha solidariedade humana.

— Que frutos espera da sua dedicação?

— Prestando-lhes assistência e defendendo-os de contactos prematuros e nocivos com as frentes de ocupação da sociedade nacional, ajudo-os a sobreviver.

— Acha possível pacificar os índios?

— Protesto contra essa expressão «pacificar». Os civilizados é que precisam ter a noção de paz.

— O que nos separa dos índios?

— Há entre nós pelo menos vinte mil anos de diferenças étnicas.

— Porque não conseguiu, com os índios, a solidariedade que existe entre pretos e brancos, no Brasil?

— Existe, sim. Na Amazónia não houve europeização. O que houve foi tupinização do europeu.

— Os índios que vi no Rio, no tempo de Getúlio Vargas, usavam até gravata. Porquê?

— Protestei inutilmente. O índio vestido não é coisa nenhuma. E um ser humano profundamente infeliz.

— Quantos índios existiam no Brasil quando os portugueses chegaram?

— Por certo alguns milhões, divididos em milhares de tribos. Se você tivesse lido as cartas do Padre Anchieta e do Padre Manuel da Nóbrega lá teria encontrado coisas assim: — «Meu Deus, como os índios são fracos. Há dois anos tínhamos aqui cerca de dois mil. Hoje não vão além de quatrocentos»...

— Quais as causas?

— Foi inevitável esse minguamento da população indígena no Alto-Xingu. Quando nós lá chegámos, em 1946, e éramos muitos, provocámos violentos surtos gripais. Eles não estavam preparados para um encontro com os males que nós carregávamos da vida nas metrópoles...

— Isso justifica as palavras dos padres?

— Os padres, nesse tempo, não sabiam que era a presença deles que estava matando os índios. Ambos estavam doentes. Os padres, sem o saberem, contaminavam as tribos onde pregavam a fé.

— Como se entenderam com os índios? Em que língua?

— As principais famílias linguísticas do Brasil se dividem no Tupi, no Karib, e no Aruak. Com paciência acabei entendendo todas elas. A impressão que tive é de que as tribos do Alto-Xingu formavam uma legítima sociedade das nações, relativamente mais eficiente que a dos grandes países do mundo...

ÍNDIOS VII

E aqui termina, nas três folhas amarelecidas, o relato da minha conversa, em 1961, com o dr. Noel Nutels.

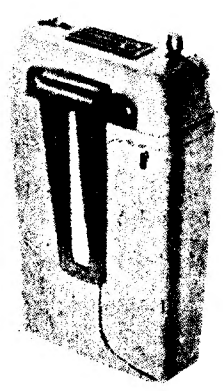
ÍNDIOS VIII

Já lá vão doze anos. E no entanto nas mais recentes entrevistas dadas por ele, nos seus últimos meses de vida, embora por outras palavras sempre se manteve firme nas mesmas opiniões, lamentando o desamor alheio aos índios. E são de Carlos Drummond estes versos que o Poeta lhe dedicou após a sua morte:

Valeu a pena Noel
voar e baixar, e assistir, e prover
e alertar
para que fique ao menos no espaço
este signo de amor compreensivo e ardente
que foi a tua vida sertaneja
a tua vida iluminada
e a tua generosa decepção.

Copacabana, 73

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28-ap. 908
COPACABANA — G. B. — BRASIL



MODELO 707

SURDOS
CASA SONOTONE

Chegaram novas remessas de LARINGES ELECTRÓNICAS para aqueles que não podem falar, assim como os aparelhos modelo 707 a 2500$00 com garantia.

Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou de quaisquer marcas. Se tem dificuldade em perceber o que lhe dizem vá hoje mesmo fazer um exame e demonstração que é gratuita. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Pedimos uma visita ficando muito felicíssimos e agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Rua António Enes, 42-2.º — Apartamento 26

abril em portugal

brevemente...

fado e folclore em nova dimensão
rua das taipas, 6-8

7 DIAS

1 DOMINGO Sempre hesitantes, os «Nove» continuam incapazes de tomar a grande decisão política para se defenderem das, inevitavelmente, cada vez mais frequentes crises monetárias provocadas pela debilidade do dólar. Encerrados os mercados de câmbios, os dirigentes da C. E. E. estudam a posição a tomar na reunião do «grupo dos dez». A lira e o esterlino flutuam em relação às outras moedas da Comunidade, o que constituiu uma dificuldade para a adopção de uma medida que levasse à flutuação de todas as moedas dos «Nove». Isso constituiria um golpe no dólar que se veria desvalorizado ainda mais, sem grande contrapartida. Mas os «Nove» dificilmente tomarão uma atitude de hostilidade ao dólar, Os alemães ocidentais continuam agarradps, pese embora a todas as «Ostpolitiks», à necessidade da manutenção das tropas americanas no seu território; a França, agora com a hipótese de Lecanuet entrar na roda do poder, não se atreverá a assumir posições radicalmente anti-americanas. Mas a questão permanecerá para além de qualquer arranjo de ocasião que os «dez» consigam fazer. Como já aqui tem sido dito, as crises monetárias têm raízes muito profundas que não se resolvem com paleativos. São necessárias decisões políticas importantíssimas que bolem com a aliança ocidental, com a hegemonia americana, com as IBM e as ITT e todas as outras grandes, enormes companhias americanas que vivem, em grande parte, a coberto de um valor fictício que só por razões de ordem política se atribui ao dólar. O ouro não tarda nada estará a 100 dólares por cada onça. O valor que Nixon arbitrariamente atribuiu à sua moeda aquando da última desvalorização não alcança metade desse valor. Algo anda aqui muito errado. Para se resolver as crises, é preciso que tudo entre no são.

2 SEGUNDA A produção industrial do Vietname do Norte regressa, anuncia-se em Hanói, à normalidade, apesar das destruições maciças causadas pelos bombardeamentos americanos. Algumas fábricas ultrapassaram mesmo o que se encontrava previsto no plano. Para quem tenha lido o empolgante relato «Bombas sobre Hanói», do australiano Wilfred Burchett, esta notícia não surpreende. O caso do Vietname do Norte é talvez único e constitui um exemplo espantoso de como um pequeno país pode enfrentar o maior colosso do mundo sem que isso altere substancialmente o seu modo de vida. O livro de Burchett refere-se aos bombardeamentos do tempo de Lyndon Johnson, ao que se sabe muito inferiores em capacidade destruidora e intensidade do que os que, recentemente, foram levados a cabo sob as ordens directas de Richard Nixon. Contudo, nada leva a crer que a táctica seguida pelos norte-vietnamitas tenha sido diferente desta vez. Mas: a experiência passada e a desconfiança natural que os americanos causam em Hanói deve ter feito com que grande parte das medidas tomadas durante o tempo de Johnson não tenham sido anuladas, uma vez que o país continuava em guerra. Burchett descreve como os norte-vietnamitas conseguiram manter as suas fábricas e outras instalações em funcionamento. Eles transportaram-nas para a selva, disseminando-as o mais possível, de forma a que, a coberto das árvores, fosse muito difícil aos aviões americanos descobrirem-nas. Por outro lado, as escolas nunca deixaram de funcionar, embora os alunos fossem obrigados a aprender as suas lições em abrigos subterrâneos. Enquanto esta notícia chegava de Hanói, sabia-se que norte-vietnamitas e americanos tinham chegado a um «modus vivendi» para a libertação dos prisioneiros e rocegagem do porto de Haiphong.

3 TERÇA Os argentinos vão no domingo às urnas para, aparentemente pelo menos, fazer com que o país regresse a uma situação constitucional e a ditadura dos militares acabe. Juan Perón, o velho ditador, advertiu, no entanto, os seus compatriotas contra a «armadilha» que as eleições constituiam. Embora considere as eleições como uma «armadilha», Perón não deixou de exortar os argentinos a votarem em Hector Campora, o candidato do Movimento Justicialista, mais conhecido por «peronista». Estas eleições são de grande importância para a Argentina, pois, pelo menos, constituem o reconhecimento formal por parte dos militares de que não podem governar sem dar uma aparente legalidade ao seu regime. Na verdade, os militares sabem que, para que os negócios da política argentina corram com um mínimo de normalidade, é imperioso que o povo sinta que participa de qualquer forma. Mais: é imperioso que os «peronistas» tenham uma voz activa e legal.

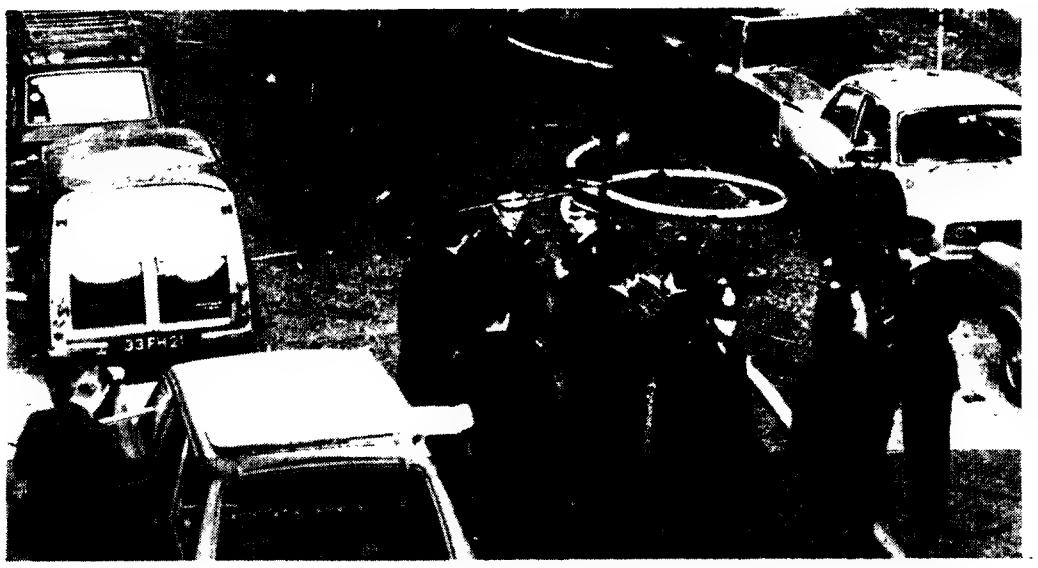
4 QUARTA O presidente Jaafar Numeiry, do Sudão, acusou a Fatah e a Líbia de estarem na origem do assalto à Embaixada da Arábia Saudita por um «comando» do Setembro Negro, durante o qual foram mortos três diplomatas ocidentais, dois dos quais americanos. Como corolário lógico desta acusação, Numeiry proibiu todas as actividades das organizações palestinianas no território por ele governado. Este tipo de atitude não surpreende. Quem talvez não esperasse essa posição de Numeiry é o coronel Muammar Gaddafi, da Líbia, o homem que contribui com importante quota-parte para salvar o presidente sudanês de um golpe de estado de tendência de esquerda. Gaddafi agiu então em nome dé um arabismo corânico que é exactamente o mesmo que move o general Numeiry. Gaddafi, em face desta atitude sudanesa, afirmou que a política árabe se encontrava na banca rota. Talvez o jovem coronel líbio tenha razão, mas a verdade é que ele próprio tem inúmeras culpas no cartório. A imaturidade e o reaccionarismo de Gaddafi têm-no feito tomar atitudes que em nada fortificam a causa árabe e, ainda menos se possível, a causa palestiniana. Um dirigente político que se interessa mais em desbaratar dinheiro subsidiando até movimentos negros nos Estados Unidos do que em promover o bem-estar e a educação (revolucionária mesmo) do seu povo, não pode acusar outros de levarem a política árabe à bancarrota.

5 QUINTA Os comboios ingleses pararam. Começa a ser um hábito, que nada tem a ver com defeitos técnicos. Pessoalmente testemunho que os caminhos-de-ferro britânicos, quando funcionam, são muitíssimo bons. A razão que leva os ferroviários ingleses a não andar com as composições está na política governamental de luta contra a inflação.

6 SEXTA A China e a Espanha estabeleceram relações diplomáticas. Ao facto foi dado bastante relevo na imprensa portuguesa, o que é natural devido à proximidade política e geográfica da Espanha. Contudo, ele não é surpreendente e está de acordo com a política externa — por certo reflexo da interna — da China Popular, desde há uns tempos a esta parte. As relações diplomáticas com os coroneis de Atenas são um exemplo da abertura da diplomacia de Pequim. Mais surpreendente foi o anúncio da vontade dos dirigentes de Pequim em encetar negociações com o regime de Taipé. Esse anúncio constituiu, de facto, o reconhecimento de alguma legitimidade àquele regime, o que — estando, no fundo, de acordo com a actual política de Pequim — não seria de esperar, pelo menos tão cedo, em virtude de se tratar de uma grave questão interna.

Makarios, o arcebispo-presidente de Chipre, foi excomungado pelos outros três bispos da ilha. Makarios considerou imediatamente que a decisão — que lhe acarreta a perda da categoria de arcebispo — carecia de qualquer valor e era nula. Os três excomungadores alegam para a sua decisão razões de ordem religiosa, como não podia deixar de ser. Dizem eles que a situação de Makarios na hierarquia da religião ortodoxa da ilha é imcompatível com o seu cargo de presidente da República. Evidentemente, isto é um pretexto, pois no fundo da questão está a Enosis — a tão falada união com a Grécia — a que Makarios continua a opor-se, com o apoio da grande maioria da população de Chipre, incluindo a que tem as suas origens na Turquia, evidentemente. Os cipriotas sabem bem como é o regime de Atenas e — até porque existe em Chipre um forte e legal Partido Comunista — nada de bom esperam da tal Enosis, pela qual luta o velho general Grivas e os três bispos.

7 SÁBADO O presidente Pompidou foi à televisão exortar os franceses a não votarem nos «comunistas e seus aliados». Para que o apelo surtisse efeito, o presidente não hesitou em prometer que a UDR faria aquilo que não tem feito durante 15 anos de governo. Evidentemente Pompidou escolheu a oportunidade propícia, de forma a que lhe não possam responder. Na verdade, o discurso é a expressão de uma aflição que um presidente não pode ter, se é que pretende — o que não parece ser o caso — estar «acima» dos partidos. Mas o presidente, na sua desesperada tentativa de obter uma maioria para o seu partido, chegou ao ponto de deixar aberta a porta à participação dos socialistas em futuras administrações. Pompidou reconheceu que havia «imperfeições» e «injustiças» na actual sociedade francesa e prometeu ser ele, representante de 15 anos de governo ininterrupto, a «corrigi-las», através de «reformas ousadas» de forma a assegurar uma «maior justiça social». Os perigos que Pompidou apontou foram todos vagos, ao contrário do que reconheceu serem os erros a «corrigir»: a separação dos aliados, o fim da participação numa verdadeira construção europeia (à qual aliás o gaullismo sempre tem posto muitos entraves). Todos os observadores reçonheciam, antes do discurso, que a vitória da coligação social-comunista era praticamente impossível. Pompidou também o sabe. O que ele pretende com este último apelo anti-comunismo é, evidentemente, a vitória isolada do gaullismo à custa dos reformadores. Lecanuet, como todos os oportunistas, foi ultrapassado. O eleitorado está hoje a dizer o que quer e a decidir o que será a França no futuro, o que não pode ser exactamente a mesma coisa, uma vez que 60 por cento dos votantes disseram já que não queriam o gaullismo.



Bombeiros acorrem a uma rua de Londres pouco depois de um automóvel ter deflagrado nas imediações do Parlamento britânico

COMENTÁRIO

INTERNACIONAL

As duas eleições

As consultas ao eleitorado chileno e francês voltam a ser o tema deste comentário semanal. Isso acontece naturalmente, pois os resultados de uma e da primeira volta de outra dominaram em grande parte o noticiário da semana.

Falemos primeiro da França, que nos está aqui mais próxima. Diga-se, em primeiro lugar, que, apesar dos «apelos dramáticos» do sr. Messmer, a União Popular pouquíssimas ou nenhumas probabilidades tem de ganhar hoje as eleições. A próxima Assembleia Nacional Francesa só por um quase milagre poderá ser dominada pela frente de esquerda. Convém, no entanto, lembrar que a maioria gaullista, com o auxílio precioso mas inevitável do sr. Jean Lecanuet, vai obter os lugares que lhe são indispensáveis, sobretudo nas circunscrições onde 25 mil a 30 mil sufrágios são o bastante para eleger um deputado, enquanto socialistas e, especialmente comunistas, terão de dar muito no duro para ganhar em locais onde é necessário ter mais de uma centena de milhar de votos para se obter um lugar no Palácio Bourbon. Este é o resultado — um deles, pelo menos — da modificação constitucional que o general de Gaulle obteve dos franceses por referendo, quando transformou a França num país presidencialista. A percentagem de votos não corresponde, nem de perto, à composição da Assembleia. Para ter uma maioria no poder legislativo a coligação social-comunista teria de recolher um número de sufrágios algo superior aos 50 por cento.

Como se diz no futebol, tudo pode acontecer. É verdade, mas as hipóteses são mínimas para a Unidade de Esquerda, porque, ao contrário do que se diz no futebol, a bola não é redonda, isto é, as regras são melhores para uns que para outros.

De qualquer forma, uma coisa é certa o gaullismo, tal como o conhecemos até aqui, morreu. Uma aliança dos gaullistas com os centristas de Lecanuet poderá revelar-se mais retrógrada do que a actual administração.

No Chile, Allende e os seus companheiros obtiveram uma votação muito superior àquela que levou a Unidade Popular ao Palácio de La Moneda. Mas a direita (o partido Cristão-Democrata é cada vez mais direita) manteve a maioria no Congresso, não conseguindo, no entanto, os dois terços que lhe permitiriam «despedir» o presidente e anular os seus vetos.

Fundamentalmente, a situação manteve-se. A coligação de esquerda tem mais quatro anos — os que restam de mandato a Allende — para levar até às últimas consequências a política revolucionária encetada há pouco mais de dois anos pela via legal. Ainda não foi possível à Unidade Popular obter um apoio eleitoral suficiente para alterara «a legalidade burguesa, dentro da legalidade burguesa». Esse momento poderá vir num período mais ou menos longínquo dentro destes quatro anos. Entretanto, no plano social e económico o governo já cumpriu quase todo o programa com que venceu as eleições presidenciais. Os frutos desse programa levam certo tempo a mostrar-se devido à oposição tenaz que lhe movem aqueles que por ele se sentem legitimamente lesados. Assentes as coisas, muito poderá acontecer. Porém, um dos pontos em que Allende continua muito fraco é na propaganda, pois os grandes meios de informação continuam nas mãos da grande finança.

A. Villaverde Cabral

CÂMBIOS

Continuação da pag. 7

países da Comunidade Económica Europeia, gorou-se por os Estados Unidos não aceitarem as propostas elaboradas pelos países europeus. Hoje, em Bruxelas, os ministros das Finanças da Comunidade Europeia tentarão definir uma política comum, o que parece difícil dadas as contradições existentes entre os interesses dos diferentes países europeus.

PORTUGAL E A EUROPA

Portugal tem estado a salvo destes movimentos de capitais, em parte devido às baixas taxas de juro praticadas pelos nossos institutos bancários. E o nosso país não participa nas negociações entre os Estados Unidos e a Europa. Nem por isso deixarão de nos afectar profundamente as soluções que forem encontradas para a presente crise monetária. É possível que as actuais paridades do escudo venham a sofrer uma revisão. Por outro lado, uma revalorização das principais moedas europeias terá consequências directas, e imediatas, na nossa balança comercial e de pagamentos. Bastará referir a relevância das exportações e importações no conjunto da nossa actividade económica para se compreender a importância que têm para nós as negociações que se estão a realizar em Bruxelas. Acresce que as transferências dos emigrantes ocupam lugar, fundamental no equilíbrio da nossa balança de pagamentos. Embora doa a alguns saudosistas, a verdade é que o nosso destino está estreitamente ligado à situação nos restantes países europeus.

ÁTOMOS PARA A PAZ

A VACINA ATÓMICA

Uma pequena baga, conjugada com a energia atómica, pode em breve libertar a Humanidade de uma doença grave — a chistosomiase — que afecta actualmente duzentos milhões de pessoas.

A Agência Internacional de Energia Atómica, que é uma das ramificações da ONU com base em Viena e foi estabelecida para as utilizações pacíficas da energia nuclear, anunciou que está a trabalhar numa vacina destinada a evitar e finalmente a erradicar a doença.

A baga em questão é oriunda da Etiópia e destina-se a matar o principal meio de transporte do mal — uma cobra de água das regiões tropicais e subtropicais.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, há actualmente cerca de duzentos milhões de pessoas atingidas pela doença, que pode acabar por destruir a vesícula e o fígado. A OMS diz que o mal «afecta a energia do indivíduo e reduz todas as suas resistências a outras infecções».

«A Chistosomiase é considerada, nos nossos dias, um dos problemas mais importantes da saúde pública» — segundo uma declaração recente da Organização Mundial de Saúde.

A doença é uma infecção causada por parasitas transmitidos pelas cobras que vivem nos canais de irrigação.

«Pessoas infectadas e não-infectadas acorrem a esses canais ou rios, bebem da sua água, banham-se na corrente e, muitas vezes, esgotos mais ou menos rudimentares vão desaguar nos mesmos cursos de água. Desta combinação altamente perigosa resulta tudo quanto é preciso para o desenvolvimento da Chistosomiase, especialmente entre as crianças, altamente vulneráveis ao mal» — salienta a Agência de Energia Atómica num dos seus últimos relatórios.

Para apressar a erradicação da doença, os cientistas da Agência estão a estudar uma vácina submetida à radiação atómica. A ideia é submeter os parasitas à acção suficientemente forte da energia atómica para que fiquem incapazes de se reproduzirem. Mas a dosagem tem de ser especialmente estudada para que não chegue a imunizá-los.

Os «parasitas atómicos» serão depois injectados no doente. Julga-se que, deste modo, se conseguirá que se espalhem pelo corpo e, ao encontrarem-se perante outros organismos parasitários, os eliminem.

Simultâneamente, está a realizar-se também um esforço para a erradicação do mal na Universidade de Adis Abeba, onde cientistas da Agência de Energia Atómica estudam um novo moluscicida, proveniente de uma planta local — as bagas do Enode — na esperança de acabar com as cobras de água, transmissoras da Chistosomiase.

Há séculos que os etíopes usam aquelas bagas para limpezas. Mas os cientistas só recentemente repararam que não há cobras de água nos ribeiros onde as mulheres nativas usam essas bagas como sabão para lavar a roupa.

Os estudos em curso tendem a provar a eficiência que teria manter essas bagas suspensas nos cursos de água para erradicar as cobras.

A Agência de Energia Atómica declara-se optimista quanto à eficiência dos dois métodos em estudo e manifesta a opinião de que, muito provavelmente, a utilização das bagas e da «vacina atómica» possam mostrar caminhos para erradicar outras doenças africanas, como a doença do sono e a malária.

A silheta em contra-luz, a fazer lembrar uma cena de filme de cow-boys, oculta a vigília solitária de uma sentinela índia no horizonte de Wounded Knee. À semelhança do que aconteceu há mais de um século, brancos e peles-vermelhas voltam a defrontar-se de armas nas mãos nas planícies americanas. Cerca de 250 Sioux, de modernas espingardas automáticas, mostram-se dispostos a resistir pela força ao ultimato que lhes foi dirigido pela administração federal para abandonarem Wounded Knee, a povoação que ocupam há nove dias e onde os seus antepassados foram massacrados há oitenta anos.

COSTURAR, EIS A QUESTÃO

Continuação da pag. 5

efeito, a sua fábrica na Alemanha estava saturada quanto a produção e tornava-se mais lucrativo fabricá-las em Portugal — mão-de-obra mais barata, etc. — do que aumentar a fábrica de origem. Portanto, é este colosso, que só em Portugal possui a Imprimarte, o Hotel Sheraton, as Listas Telefónicas, os motores Rabor, quem domina a única produção nacional de máquinas de costura.

COSTURAR OU NÃO?

Mudam-se os tempos. Hoje a mulher é solicitada por um outro tipo de vida, em que necessita de trabalhar fora de casa, não só para o seu sustento como para equilibrar o orçamento familiar. A máquina de costura deixou de ser objecto de primeira necessidade e a imagem da dona de casa a pedalar agarrada a uma peça de pano depois de ter feito o almoço ou o jantar tornou-se absoleta com o pronto-a-vestir. O aumento de vendas que ultimamente se registou pode ser o canto do cisne da máquina de costura para fins exclusivamente domésticos.

A emancipação de qualquer coisa, de qualquer classe, acarreta sempre o sacrifício dos elementos que ajudavam a manter a situação de dependência. Coube a vez à máquina de coser?

A costura foi mais uma maneira de subordinar a mulher ao lar, com todas as suas implicações

RECUPERAÇÃO MILAGROSA

Brutalmente atropelada por um caminhão, e ainda na flor da idade, Ginny ficou irreconhecível e às portas da morte. O sangue jorrava da cabeça. Apresentava fracturas e afundamentos do crâneo. Suspeitava-se de que tivesse coágulos sanguíneos no cérebro. Só uma operação lhe daria uma possibilidade, contra um milhão, de sobreviver. Era necessário a autorização da família, pois poderia ficar parcial ou totalmente incapacitada. Dramàticamente, os pais concedem essa autorização. Graças ao neurocirurgião e à dedicação total de seus familiares, Ginny recuperou-se gradualmente, ao longo de três anos de sofrimentos. Hoje, é uma criança com pleno gosto pela vida. Leia este impressionante relato no número de Março de Seleções do Reader's Digest

rações não estejam susceptíveis a um deslize, a tentacular empresa que é a ITT, move-se com o maior cuidado, evitando sempre que possível situações semelhantes à ocorrida recentemente com os assalariados das Publicações das Listas Telefónicas.

No dia 8 de Julho de 1948 foi inaugurada oficialmente a fábrica nacional de máquinas de costura, pertencente à Indústria A.J.Oliveira e Filhos, Lda., de capitais nacionais e que já anteriormente funcionava como fundição importante. Esta iniciativa propunha-se preencher o mercado nacional com máquinas de costura em virtude da guerra ter feito baixar substancialmente a produção mundial.

Em Dezembro de 1969, a Imprensa diária noticiava, com certo destaque, que mais uma empresa nacional tinha sido comprada por capitais estrangeiros. Com efeito, a ITT pagara cerca de 498 mil contos pela Oliva. Contudo e é preciso ter isso em conta, a ITT que segue uma lógica de rentabilidade compra tudo o que pode desde que isso represente um bom investimento. Ora na Oliva as máquinas de costura representam cerca de 10 por cento do total da produção, compreendendo o restante a fabricação de tubos, banheiras, acessórios de alta-tensão em ferro esmaltado, material de grandes cozinhas, etc. Ultimamente, corria o boato de que um novo lançamento estava previsto. Assim, a diversificação da ITT leva-a a produzir torneiras de alta qualidade para o mercado europeu, negócio que só no primeiro ano deverá render perto de 10 milhões de dólares. Com

ESTREMISTAS DA ESQUERDA

Desde o eclodir de Maio de 1968 que o esquerdismo mudou lentamente de natureza. Em 1969 e 1970 foi dominado pelos maoistas de Alain Geismar, reagrupados na Esquerda Proletária. Mas desde que esta formação foi dissolvida pelo Governo, em 27 de Maio de 1970, as duas correntes que rivalizavam no seio da nova extrema-esquerda, os maoistas e os trotsquistas, envolveram-se em processos políticos cada vez mais divergentes.

Os trotsquistas, e muito especialmente a Liga Comunista, de Alain Krivine, decidiram construir à esquerda do Partido Comunista, uma força coerente, participando de maneira sequente, na vida política do país. Desta maneira, começaram rapidamente a rivalizar com o P.S.U. Este, com efeito, após Maio de 1968, aspirava a congregar os grupos que tinham aparecido com os motins do Bairro Latino. Esta rivalidade manifestou-se, por exemplo, quando da preparação das eleições, pois nunca surgiu nenhum acordo entre as formações trotsquistas e o partido de Michel Rocard: candidatos das duas organizações serão rivais em algumas das circunscrições.

De início, três formações trotsquistas tinham tentado pôr a funcionar uma frente comum, dividindo as circunscrições mais ou menos por terços. Este acordo devia envolver a Organização Comunista Internacionalista, a Luta Operária e a Liga Comunista, mas só se tornou definitivo entre a Luta Operária e a Liga Comunista.

A O.C.I. — A Organização Comunista Internacionalista representa a corrente «lambertista» (do nome de Pierre Lambert que originou uma cisão na IV Internacional, em 1952, levando consigo, nessa altura, a maioria da secção francesa). Em 1961, a O.C.I. lançou o Comité de Ligação dos Estudantes Revolucionários (CLER) que, em Abril de 1968, se transformou na Federação dos Estudantes Revolucionários (FER), dissolvida pelo Governo em Junho de 1968. Apesar de tudo, a O.C.I. continua a ter como movimento juvenil a Aliança dos Jovens para o Socialismo (A.J.S.), cujo secretário-geral é Charles Berg. A O.C.I.-A.J.S., preconiza a constituição de uma frente única operária entre o Partido Comunista e o Partido Socialista. Apresentando, finalmente, vinte candidatos, ela pede que votem nas outras circunscrições pelos candidatos que se reclamam do programa comum, excluindo, no entanto, os radicais de esquerda que não são admitidos entre os partidos do «movimento operário».

LUTA OPERÁRIA — Incarna uma corrente trotsquista que, em 1940, se recusa juntar aos comités franceses para a IV Internacional. Sucedeu à Voz Operária, compreendida entre as organizações dissolvidas em 12 de Junho de 1968. Há já vários anos que a Luta Operária mantem conversações com a Liga Comunista, para uma eventual fusão das duas organizações. Está presente em cento e setenta e uma circunscrições; naquelas em que está representada a Liga Comunista, ela pede que votem nos candidatos que apoiam Alain Krivine. O mesmo acontecendo reciprocamente.

A LIGA COMUNISTA — Secção francesa da IV Internacional, saiu de uma fusão entre os quadros da Internacional trotsquista, um deles é Pierre Frank (aliás, chama-se por vezes a esta corrente «frankista»), e os militantes da Juventude Comunista Revolucionária (J.C.R.), na generalidade, oriundos do movimento estudantil do Partido Comunista. A J.C.R. foi também dissolvida pelo Governo em 12 de Junho de 1968. A Liga, que assume como tarefa principal trabalhar pela reconstrução de um partido revolucionário, apresenta noventa e dois candidatos. Após a ruptura das negociações com a O.C.I.-A.J.S., desencadeou-se uma severa polémica entre estes dois ramos do movimento trotsquista: a Liga considera a Organização Comunista Internacionalista a «extrema direita da extrema esquerda», fórmula audaciosa inspirada por certos métodos de acção empregados pela O.C.I., em particular no meio estudantil.

AQUELES QUE DENUNCIAM O «CIRCO ELEITORAL»

Factor a considerar nos próximos escrutínios, os trotsquistas não representam, no entanto, a totalidade dos «esquerdistas». As outras correntes, se bem que desprezem as urnas, esforçam-se por continuar as suas actividades políticas, apesar de serem prejudicadas pelo contexto eleitoral do momento. Recusando um jogo que consideram falseado, preconizam a abstenção. Organizou-se mesmo uma frente intitulada «Contra a ordem social, abstenção», e que denuncia o «circo eleitoral». Na base desta frente encontram-se dois grupos:

. A ESQUERDA MARXISTA — Constituída em Abril de 1972, reune militantes vindos de outros grupos de diversas orientações, como o Poder Operário (desaparecido em 1969), Luta Operária e os Cadernos de Maio. Em certa medida, são os herdeiros da revista «Socialismo ou Barbárie», nascida em 1948 duma cisão na secção francesa da Internacional trotsquista, cuja doutrina englobava já um certo espontaneismo. Os militantes da Esquerda Marxista, consideram que o movimento revolucionário actual está prisioneiro de ideologias do passado (trotsquismo, espontaneismo, etc.) ou de «sucedâneos herdados do estalinismo: o maoismo», mas que as lutas sociais da actualidade começam a quebrar estes esquemas prefabricados, tornando necessária a elaboração de uma nova estratégia.

A ORGANIZAÇÃO COMUNISTA LIBERTÁRIA — Na sequência do malogro da tentativa de fusão entre o Movimento Comunista Libertário, de Georges Fontenis e Daniel Guérin, e a Organização Revolucionária Anarquista, o M.C.L. deu nascença à O.C.L. (Organização Comunista Libertária), enquanto que a O.R.A. prossegue as suas actividades.

A recusa ao voto não é, porém, privilégio destes dois grupos, pelo que outras organizações da extrema esquerda adoptaram posições similares.

A ORA — Nascida em 1967, a Organização Revolucionária Anarquista, reprova à maior parte das correntes anarquistas o facto de serem demasiado «espontaneistas». Apesar de se inspirar, até certo ponto, em análises de tipo marxista, rejeita esta ideologia que, segundo ela, só pode conduzir a um socialismo autoritário. Havia uma minoria no seu seio que propunha a candidatura unida da extrema esquerda, quando das eleições, e uma desistência a favor da união da esquerda. Excluída esta minoria, uma parte juntou-se à Liga Comunista, e outra parte à Luta Operária.

REVOLUÇÃO — Também preconiza a recusa ao voto. Movimento nascido em Fevereiro de 1971 duma cisão da Liga Comunista, reune antigos trotsquistas e antigos maoistas. Apesar de desejar, a longo prazo, construir um partido revolucionário, quer, de momento, denunciar o carácter «reformista» da direcção do P.C.F. e não está, por isso, disposta a apoiá-la pedindo que votem pelos candidatos que ela patrocina.

OS MARXISTAS-LENINISTAS À PROCURA DE UM FEDERADOR

Uma outra corrente da nova extrema esquerda preconiza a abstenção: os «pró-chineses». Preferindo, por seu lado, baptizarem-se «marxistas-leninistas», os partidários franceses de Mao Tsé-Tung estão divididos em grupos rivais.

Os grupos marxistas-leninistas hoje existentes, rejeitam as perspectivas «maoistas» de Alain Geismar e dos seus partidários reagrupados à volta da «A Causa do Povo», considerando-a um desvio de tipo «espontaneista». Por seu lado distribuem-se por diversas organizações. Uns vieram do Partido Comunista Marxista-Leninista de França (P.C.M.L.F.), que sobreviveu dificilmente à sua dissolução pelo Governo em 1968, outros do P.S.U.

O P.C.M.L.F. espalhou-se por diversas regiões geográficas, dando origem ao grupo «O Trabalhador», implantado sobretudo no Centro e no Oeste, à «Frente Vermelha», que teve origem na região lionesa, e à «Humanidade Vermelha», em Paris.

Do P.S.U., de há dois anos para cá, saiu um certo número de militantes que se dizem maoistas. Uns à volta de Alain Badiou, criaram a U.C.F. (União dos Comunistas de França), os outros formaram «A Esquerda Revolucionária» quando ainda estavam no P.S.U., pelo que foram excluídos em Junho de 1972. Imediatamente após a ruptura com o partido de Michel Rocard, conheceram um certo número de dificuldades internas, posto que um dos seus principais porta-voz, Terray, os abandonou. Dever-se-ia, claro, juntar a esta nomenclatura, um certo número de grupos autónomos que, frequentemente, transitaram pela «Humanidade Vermelha» ou são sobrevivências do Socorro Vermelho.

Estas organizações têm como objectivo comum, construir um partido revolucionário, pelo que querem dar origem ao que chamam uma «direcção proletária». Nesta estratégia, as eleições limitam-se a ser uma ocasião para «desmascarar e combater as ilusões eleitoralistas». Por outro lado, todas estas organizações estão mais próximas das teses marxistas do que os militantes da «A Causa do Povo», a quem a «Frente Vermelha», por exemplo, acusa de colocar no mesmo plano a classe operária e a pequena-burguesia. Mas esta identidade de objectivos, não impede uma viva rivalidade, como o testemunha a polémica que se estabeleceu entre os hebdomadários «Humanidade Vermelha» e «Frente Vermelha». No entanto, têm-se estabelecido contactos, existindo mesmo um «intermediário para o diálogo» na pessoa de Gilbert Mury, antigo membro do Centro de Estudos e Investigação Marxistas, que, após a sua ruptura com o P.C.F., participou na criação do P.C.M.L.F. Porém, por enquanto, as tentativas de reagrupamento ainda estão a dar os primeiros passos.

«TER A PALAVRA»

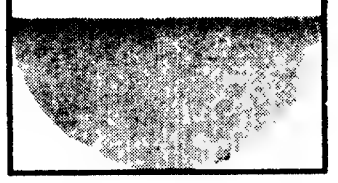
São, pois, os militantes agrupados à volta da «A Causa do Povo», os que estão mais afastados das preocupações eleitorais. Com efeito, eles não se situam em relação a nenhuma das forças políticas organizadas, quaisquer que elas sejam. Esta corrente esquerdista, que Alain Geismar representa, tem, actualmente, por única tarefa, conseguir lançar um quotidiano: «Libertação». Chegou-se assim ao termo de um processus, que transformou uma organização política particularmente activista, num movimento de opinião, que tem por suporte principal o hebdomadário «A Causa do Povo» e que beneficia do apoio de intelectuais célebres como Maurice Clavel e, sobretudo, Jean Paul Sartre. Já passou o tempo em que os «maoistas» queriam «instalar a luta de classes nas fábricas», utilizando para isso os meios mais agressivos. De Maio de 1968, fixaram, sobretudo, o famoso «direito à palavra», procurando, pois, criar uma imprensa que seja verdadeiramente do povo. Foi sob este ponto de vista que se começou por criar uma agência de informações, a A.P.L. (Agence de Presse Libération).

Esta preocupação conduziu os militantes a mobilizarem-se, especialmente a partir de acontecimentos que têm mais a ver com o dia-a-dia que com a política. O crime de Bruay-en-Artois, o perdão de Paul Touvier, o incêndio do «dancing» «5-7», ou o caso Aranda, foram os principais assuntos tratados durante estes últimos tempos na «A Causa do Povo». A partir destes assuntos, os amigos de Alain Geismar tentam pôr a funcionar um embrião de organização. Foi assim que graças ao crime de Bruay-en-Artois, criaram «comités Verdade e Justiça».

O conjunto destas actividades é coordenado ao nível da A.P.L., que não se limita a recolher informações mas procura também mobilizar. Assim, lançou-se em Novembro uma «União Nacional dos Comités de Luta das Oficinas», que «não quer fazer política», limitando-se a querer dar aos operários o direito à palavra, de forma a que possam decidir o seu próprio destino. Semelhante ideologia leva Alain Geismar a explicar: «Nós não votaremos para podermos ser totalmente livres».

THIERRY PFISTER

ELEIÇÕES EM FRANÇA



UMA NOVA TENTATIVA DE REAGRUPAMENTO DA EXTREMA DIREITA

....Desde há muito tempo que está na ordem do dia, a unificação das forças que compõem a família da extrema-direita. A aproximação das eleições legislativas provocou uma nova tentativa nesse sentido. A Frente Nacional, criada em 5 de Outubro de 1972, agrupa diversos movimentos e personalidades com vista a representar « a direita popular e social», na altura dos escrutínios de 4 e de 11 de Março. A defender as suas cores haverá uma centena de candidatos.

O principal, senão a totalidade, das tropas militantes da Frente Nacional, é constituído pelo movimento Ordem Nova. Nascida em Dezembro de 1969, esta formação que herdou do movimento Ocidente (dissolvido em Outubro de 1968) o gosto pelas acções violentas, fez-se notar, sobretudo, em Março de 1971, quando de um comício realizado no Palácio dos Desportos de Paris: nessa altura, recontros violentos, opuseram as forças da ordem e manifestantes esquerdistas que tentavam impedir a reunião.

Desde então, da mesma maneira que a extrema-esquerda, a extrema-direita entrou um pouco na ordem. A Ordem Nova — que já de início englobava diversos «grupúsculos» — participou activamente na nova tentativa de reorganização da Frente Nacional. Os seus dirigentes — pouco conhecidos, à excepção de François Brigneau, chefe da redacção do hebdomadário «Minute» — desenvolveram conversações com personagens que tiveram a sua hora de glória durante o conflito argelino: Jean Marie Le Pen (que foi deputado «poujadista» por Paris e criou, após 1958, a Frente Nacional pela Argélia Francesa), Roger Holeindre (fundador da Frente Unida de Apoio ao Vietnam do Sul), Guy Ribeaud, adjunto de Georges Bidault, no seio do movimento Justiça e Liberdade. Dessas conversações saiu a formação da Frente, não sem que certos militantes da O. N. lamentem ver o seu movimento fundir-se numa formação mais moderada, também mais idosa, e, sobretudo, preocupada em não dar a entender que muito lhe deve.

As palavras de ordem de Frente Nacional são: «Corramos com os que roubaram o poder» e «Barremos o camimho à Frente Popular». o seu presidente, Le Pen, expõe nestes termos a sua táctica na segunda volta: «Nós queremos corrigir a U.D.R., o que significa que, em certos casos, mesmo em muitos casos, è possível que escolhamos dar os nossos votos áqueles que estão o mais perto de nós. Num caso extremo, é mesmo concebível que a Frente Nacional votasse em candidatos da União das Esquerdas que não fosse comunistas» («Le Monde» de 22 de Dezembro de 1972).

NOSTÁLGICOS

Acontece porém, que nem todas as formações da extrema-direita pertencem à Frente Nacional. Os nostálgicos da grande aventura que foi para esta família política, a candidatura de Tixier — à Vignancour à eleição presidencial de 1965, ainda participam na corrida eleitoral, mas estão divididos. A Aliança Republicana para as Liberdades e o Progresso, dirigida por esse antigo candidato à presidência da República, acaba de sofrer um certo aumento de notoriedade, após a detenção de um dos seus quadros, Humberto Massol, chefe do comando que tentou transportar para o forte os restos mortais de Philippe Pétain. Esta formação tencionava formar uma «frente eleitoral comum», com os movimentos dirigidos por Jacques Soustelle e Georges Bidault, e mesmo com o Centro Nacional dos Independentes e Camponeses. Não teve qualquer sucesso. Recentemente anunciou que «votassem pelo candidato em melhor posição para trazer uma mudança de política na ordem e na liberdade «Le Monde» de 17 de Fevereiro).

Nascida em 1971 dum desacordo no seio da A.R.L.P., a Aliança Republicana Independente e Liberal, cujo secretário geral é Jean Barbet, conselheiro municipal de Bordéus, diz-se da «maioria presidencial» que ele opõe á maioria parlamentar. A aliança apresenta setenta e sete candidatos sob a etiqueta União para a Maioria Presidencial de Apoio ao Presidente da República.

Finalmente, os monárquicos, que se arrumam tradicionalmente neste lado do xadrez político, não participam directamente na batalha eleitoral. Também eles estão divididos. A Restauração Nacional (centro de propaganda monárquica e de acção francesa), conheceu uma crise, que veio a dar na fundação, por alguns jovens dissidentes, da Nova Acção Francesa, movimento que chegou a opôr-se com mais violência aos outros grupos da extrema-direita, do que aos grupos esquerdistas. Estas afinidades com a nova extrema-esquerda, exprimem-se, aliás, na maneira de contestar: «Eleições-Contestação», título do último número da N.A.F. que ainda acrescenta: «Métro, boulot, dodo élections» (Metro, trabalho ó-ó, eleições).

N.G.B.

ELEIÇÕES EM FRANÇA

A comparação entre os programas em matéria económica e social (discursos de Provins e brochura eleitoral da U. R. P., para a maioria, «projecto reformador», programa comum de governo dos partidos Comunista e Socialista, manifesto e cartazes-programa do P. S. U.) é duplamente delicada. Primeiro, porque alguns passam em silêncio assuntos que outros abordam em extensão: as nacionalizações, por exemplo, tratadas no programa comum e no manifesto do P. S. U., mas sobre as quais a maioria se mantem em silêncio. Depois, porque o próprio modo de abordar as questões difere de um texto para outro: a maioria insiste mais nas suas realizações do que nos seus projectos; o documento dos reformadores e o «programa comum» enumeram as suas sugestões para os cinco próximos anos; o manifesto do P. S. U., centrado na autogestão, situa-se na perspectiva de uma profunda mudança da sociedade. A comparação tema a tema não deixa, pois, de sofrer de arbitrariedade, muito embora ofereça a vantagem da clareza.

As questões económicas e s

	NÍVEL E CONDIÇÕES DE VIDA	ALOJAMENTO-URBANISMO
MAIORIA	Prioridade às pessoas de idade: duplicação das pensões mínimas, por etapas, daqui até 1978, encarregando-se o Estado da maior parte das despesas; reforma aos sessenta anos com 40 por cento do vencimento (em vez dos 25 por cento de 1972) daqui até ao fim da legislatura; votação de uma lei com vista à protecção social e melhoramento das condições de vida dos reformados. Discussão de um contrato com as associações familiares e os sindicatos, a fim de garantir a relação entre os vencimentos e os preços e melhorar os abonos ditos específicos (encargos de vigilância, órfãos, deficientes). Reforma do financiamento dos regimes de segurança social na base de uma compensação dita demográfica (relação entre activos e reformados). Extensão progressiva do horário único, e, posteriormente, da semana de cinco dias.	Nos discursos de Provins, foi estabelecido um objectivo global de 600.000 alojamentos por ano, que está «ao nosso alcance». A parte das casas individuais «a que os franceses tanto aspiram» aumentará. Nas cidades, reservar-se-ão programas prioritários aos jovens casais e às pessoas de idade. Nada se disse sobre a política imobiliária. Oliver Guichard, ministro do Ordenamento do Território, apenas evocou, no dia 16 de Janeiro, a necessidade de pôr em funcionamento meios «complexos e diversificados»: desenvolvimento das reservas imobiliárias das colectividades locais, melhoramento do «habitat» antigo no centro das cidades, «humanização» da expropriação. Quanto à taxa de urbanização, Oliver Guichard declarou «ainda» se não encontrar em situação de dar uma resposta.
REFORMADORES	Uma página em cem é dedicada ao alojamento no «projecto reformador». É necessário atingir, o mais depressa possível», o ritmo de 600.000 alojamentos por ano e realizar 100.000 casas de renda económica por ano. Os créditos públicos serão aumentados de pelo menos 20 por cento em relação ao seu montante actual. O subsídio de renda de casa será generalizado. Para lutar contra a especulação imobiliária nas cidades, o preço dos terrenos será «congelado» a um nivel fixado, contraditóriamente, entre a administração dos domínios e os particulares, sob o «controle» dos tribunais, e o seu valor evoluirá, depois, de acordo com os preços. O imposto imobiliário, assim como a indemnização por expropriação, incidirá sobre aquele valor real dos terrenos. Os decretos de aplicação da lei de orientação imobiliária de 1967 (nomeadamente sobre a taxa de urbanização) serão imediatamente publicados.	Medidas imediatas: duplicação das pensões mínimas de 1971 para as pessoas de idade; importante aumento do salário único e dos abonos de família; estabelecimento de um coeficiente entre os rendimentos familiares e os preços e, em parte, os salários. Adopção de um plano quinquenal com vista a conceder a reforma aos sessenta anos, com 40 por cento do vencimento; conceder a todos assistência na velhice e modificar o financiamento do conjunto dos serviços sociais (doença e velhice) na base de uma «fiscalização», de um «déplafonnement» parcial dos salários submetidos à quotização e de uma reforma do cociente familiar. Salário mínimo elevado progressivamente a mil francos por mês («IMEDIATAMENTE», dizia o projecto reformador, «PROGRESSIVAMENTE» para ter em conta o risco de inflação», indicaram, depois, os reformadores no seu programa em dez pontos). Contratos de trabalho entre empresas e organismos regionais garantindo a sorte dos trabalhadores.
UNIÃO DE ESQUERDA	O objectivo é construir, «a partir dos primeiros anos da legislatura» setecentos mil alojamentos por ano, três quartos dos quais compostos por casas de renda económica, sobretudo de aluguer. O financiamento será assegurado por dotações orçamentais, o desconto de 1 por cento sobre os salários e a concessão de empréstimos a longo prazo e a juros baixos. Sobre a política imobiliária, são propostas diversas medidas a favor das colectividades: direito de opção em todas as transações no interior dos perímetros de urbanização; estabelecimento de preços de referência; adaptação da expropriação; taxa imobiliária determinada a partir dos preços de referência e taxa sobre as «mais-valias» («os interesses dos pequenos proprietários serão salvaguardados» por reduções de impostos), criação de serviços públicos de ordenamento imobiliário.	A partir de 1973, duplicação das pensões mínimas para as pessoas de idade; melhoramento sensível da assistência familiar e dos abonos específicos, e revogação das determinações de 1967 sobre a Assistência Social. Reconhecimento progressivo do direito à reforma aos sessenta anos para os homens e aos cinquenta e cinco para as mulheres, com 55 por cento do vencimento (75 por cento com os subsídios complementares) e aumento da pensão de reversão. Reforma do cociente familiar e integração do salário único nos subsídios familiares. Gratuitidade progressiva da assistência na doença. Estabelecimentos, por etapas, de um regime único de assistência social com reforma do financiamento. Salário mínimo elevado, imediatamente, para mil francos mensais. Escalas hierárquicas únicas. Criação de um novo SMIC, revisto segundo um índice de preço fixado com o acordo das organizações sindicais. Semana de quarenta horas em cinco dias, com manutenção integral do salário. Extensão das férias para as mulheres, os jovens e os O. S. Limitação das cadências.
P.S.U.	Direito à reforma aos sessenta anos (cinquenta e cinco para os ofícios mais penosos), com 80 por cento, pelo menos, do salário dos dez melhores anos. Melhoramento da assistência social, na perspectiva de um rendimento mínimo garantido, substituindo o SMIC e assegurado aos não-assalariados. Duplicação da pensão mínima às pessoas de idade. Gratuitidade efectiva e total da assistência na doença. Congelamento dos preços dos produtos de grande consumo. SMIC (salário mínimo) imediato de mil francos mensais, com aumento automático em função da alta dos preços. Revalorização do conjunto dos salários horários (com integração dos prémios fixos) e ordenado mensal para todos os trabalhadores pagos à hora. Aumento uniforme dos vencimentos de mais de mil francos (de modo a reduzir a hierarquia dos salários) e estabelecimento progressivo de uma escala única de remunerações indo do operário especializado ao engenheiro. Integração do tempo gasto nos transportes e nas refeições na duração do trabalho. Regresso às quarenta horas.	«Para transformar a vida, torna-se necessário controlar a cidade». No anifesto do P.S.U. são fixados quatro objectivos prioritários: colectivização dos solos imediatamente urbanizáveis e reserva dos terrenos que rodeiam os aglomerados; nova definição das rendas e dos encargos de locação, em função das possibilidades das famílias e com exclusão de todo e qualquer lucro; versão do 1 por cento patronal nas casas de renda económica; supressão das agências parasitárias e criação de um serviço colectivo de alojamento. O P.S.U. prevê a requisição dos alojamentos vagos, a construção de setecentos mil alojamentos por ano (quinhentos mil dos quais de carácter social), e a interdição dos mandados de despejo sem prévio realojamento nas proximidades. «Mais amplamente, torna-se necessário chegar-se ao domínio da urbanização»: luta pela autogestão das cidades.

...aquela máquina!

3

O padre Bartolomeu de Gusmão inventou uma 'máquina de andar pelo ar', também chamada 'Passarola', na qual, em 1709, perante D. João V, conseguiu voar.
Nesse tempo era ...*aquela máquina!*

(Continua)

COLECÇÃO PEÇAS RARAS

Vende-se pela maior oferta. Mostra-se Rua Pascoal de Melo, 62-A dias 12 — 13 e 14 das 10 às 13 e das 15 às 19 horas.

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço, vendo barato mobílias c. jantar, quartos, escritório, modernas, nórdicas. Q. Anne, D. Maria, Império, século XVII, roupeiros, cómodas, jogos maples, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte da igreja de Arroios).

Um copo de boa disposição...

...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 carteiras individuais

A venda nas Farmácias

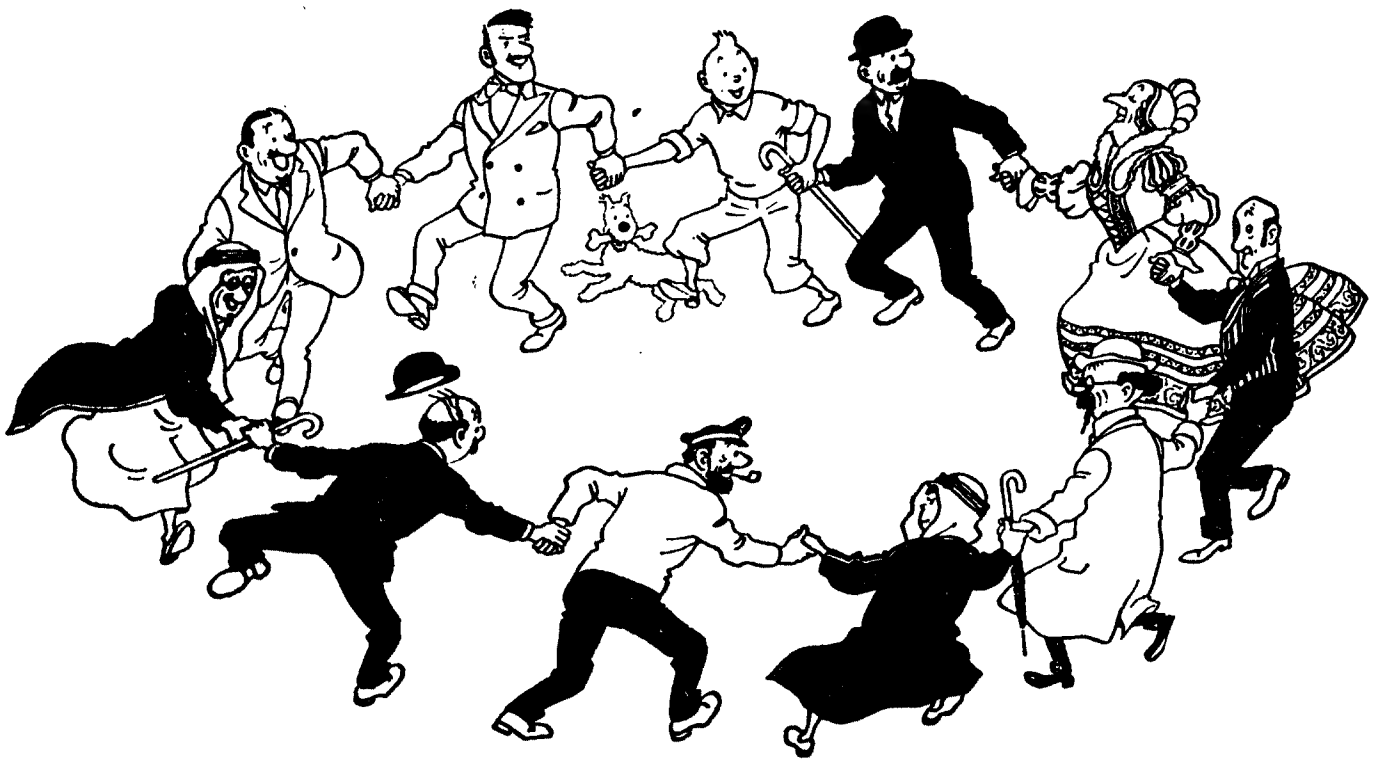
ociais nos programas eleitorais dos principais partidos

AGRICULTURA	GESTÃO DA ECONÓMIA	CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS	FINANÇAS E MOEDA
A maioria anunciou como bjectivo: «Facilitar a vida e trabalho no campo». Todos s programas de fornecimento e água potável e de electrici-ade serão dados por findos entro de cinco anos. Em ma-éria de ordenamento do terri-ório: prosseguimento do es-orço público de desenvolvi-ento das zonas rurais; incen-vos à descentralização indus-ial, vantagens fiscais, multi-licação das universidades de rovíncia, etc..	A maioria não tem em vista nenhuma nova nacionalização. Sendo o seu objectivo de crescimento de 6 por cento por ano, calcula que «o desenvolvimento económico, o pleno emprego e o progresso social se mantêm»; mas o plano não é mencionado no documento-programa da maioria. Uma acção particular, diz-se aí, será conduzida a favor «de sectores mais vulneráveis à competição»: indústrias mecânicas ou alimentares, nomeadamente. A investigação e os sectores de ponta (informática, aeronáutica, energia nuclear...) serão desenvolvidos «no âmbito de uma cooperação europeia tão desenvolvida quanto possível». Dedicar-se-á particular atenção ao desenvolvimento das cidades médias; beneficiarão de prioridades na atribuição da subvenção global de equipamento e instalações ou ligações próprias para estimular as suas actividades. Será facilitada a transferência para as colectividades das terras dominiais insuficientemente ocupadas. Quanto à «participação» apenas se mencionam três disposições: alargamento do campo de aplicação do interesse nos lucros; encorajamento do accionariato do pessoal no sector privado; «procura de uma participação aprofundada» de todos os trabalhadores na empresa e nomeadamente dos quadros, que têm um papel essencial nas firmas.	A maioria afirma que o conjunto do seu programa poderá ser financiado «sem sobrecarga fiscal», o que significa — Giscard d'Estaing confirmou-o — que a pressão fiscal (peso dos impostos sobre a riqueza nacional medida em termos de produto interior bruto) não será aumentada. Neste âmbito geral, «o imposto sobre os rendimentos» mais fracos será reduzido. O Estado procurará evitar, para todos os contribuintes, uma «carga excessiva». O princípio «a rendimento conhecido igual, imposto igual» será aplicado, o que significa que os não-assalariados serão submetidos ao mesmo regime que os assalariados e que os rendimentos do trabalho serão tratados da mesma maneira que os rendimentos do capital. A luta contra a fraude fiscal será «implacável».	Os discursos de Provins não dão qualquer precisão sobre estes pontos. Messmer declarou apenas, quanto ao «controlo» dos câmbios, que «mais do que por arranjos, é pela confiança que as poupanças continuarão a apostar na força da nossa economia». O primeiro-ministro precisou que, em caso de necessidade, o Governo tomará «com vigor e rapidez, todas as medidas necessárias para que nenhuma especulação seja tolerada».
Os preços agrícolas cobrirão s custos de produção e remu-erarão, correctamente, os in-estimentos, o trabalho e a ompetência. Serão reforçados s agrupamentos de produto-es. As explorações familiares oderão estender-se e concen-ar-se graças a empréstimos longo prazo e a taxas de juro adaptadas»; uma isenção es-ecial sobre os direitos de su-essão será concedida aos fi-os que se comprometerem a rosseguir na exploração das rras e serão dadas facilida-es de crédito para a compra as suas partes aos co-herdei-os. Os não-agricultores serão ncorajados a financiar a com-a de terras cultiváveis no âm-o de sociedades imobiliárias constituir.	Os reformadores não têm em vista nenhuma nova nacionalização: esta fórmula, «onerosa para os dinheiros públicos» e que se arrisca a «esmagar a economia sob uma política sem «controlo» e uma burocracia sem contrapeso», só se deve ter em vista «em circunstâncias extremas». O plano terá por objectivo a protecção do emprego, o melhoramento das condições sociais, a distribuição dos «dividendos de progresso» aos que vivem em França. Será imperativo para os equipamentos colectivos (financiados essencialmente pelos dinheiros públicos) e controlado, para o resto, pelo Conselho Económico e Social. Integrará os planos preparados pelos poderes regionais e assegurará a sua coerência; as organizações representativas dos grupos socio-profissionais e dos consumidores serão associadas à sua preparação. Na empresa, a escolha dos dirigentes, que devem revelar «grande capacidade» sairá do «círculo estreito dos herdeiros ou dos amigos da família»; deve ser submetida a exame dos operários e empregados, dos quadros e dos accionistas. A fórmula das sociedades de directório permite «uma representação eficaz daqueles três poderes»; o director do pessoal deverá, posteriormente, ser designado após serem ouvidos os trabalhadores. A defesa do consumidor impõe a criação de um tribunal económico. O Conselho Económico verá alargadas as suas atribuições.	Nada de novos impostos mas reforma para tornar a fiscalidade justa e compreensível. Rendimentos imobiliários: supressão do adiantamento liberatório sobre as obrigações; modificação do crédito fiscal sobre as acções; concentração dos créditos exonerados (tipo Pinay). Impostos sobre o rendimento: reduções numa base mais favorável que a actual, para ter em conta «as necessidades reais da existência»; igualmente de incidência entre rendimentos do trabalho e rendimentos do capital. Redução das taxas de valor acrescido sobre os produtos de largo consumo; desagravamento dos produtos de «utilidade social». Imposto sobre as sociedades: a fiscalidade será reformada para estabelecer a imposição sobre «os elementos reais de enriquecimento e a capacidade contributiva da empresa». O imposto imobiliário das colectividades locais será revisto e estabelecido sobre o valor real dos terrenos. Direitos de sucessão: exoneração para as médias e pequenas heranças, taxa mais elevada do que a actual sobre as grandes fortunas. Sanções agravadas contra a fraude fiscal. Impostos locais: o Estado cederá certas taxas à região, aos departamentos e às comunas; a s; a contribuição industrial será suprimida assim como a contribuição mobiliária.	O projecto dos reformadores não aborda estes pontos.
Serão criadas serviços imo-iliários, cantonais e departa-entais para pôr (em proprie-ade ou arrendamento) a terra disposição dos produtores ue mais necessidade dela ti-erem: será revisto o estatuto a renda agrícola. São previs-os certos mecanismos — quantums» de produção, «pla-onnement» dos créditos — pa-a evitar que «os grandes pro-utores recebam o essencial o apoio público». A hierar-uia dos preços será modifica-a em favor da criação de ga-o, e a indemnização de parti-a substituída por um regime e reforma que permita aos endeiros e aos membros da ua família, que com ele traba-em, o cessarem a sua activi-ade aos sessenta anos; os di-eitos gerais dos assalariados ornar-se-ão extensivos aos as-alariados agrícolas.	Nacionalização, «após a instalação do Governo», de nove grupos industriais (Dassault, Roussel-Uclaf, Rhône-Poulenc, I.T.T.-França, Thomson-Brandt, Honeywell Bull, Pechiney-Ugine-Kuhlmann, Saint-Gobain-Pont-à-Mousson, Générale d'Electricité) e participação (maioritária, se necessário) do Estado em quatro outras (Usinor-Vallourec, Wendel-Sidélor, Schneider, Française de Pétroles). Serão igualmente assumidas participações públicas nos transportes aéreos e marítimos, no tratamento das águas, no financiamento das telecomunicações, nas concessões de auto-estradas. Serão igualmente nacionalizados os bancos comerciais ou de depósito, os «holdings» financeiros, os estabelecimentos de venda a crédito, de financiamento imobiliário, os seguros privados. No caso de os trabalhadores desejarem ver a sua empresa entrar no sector nacionalizado, o Governo poderá propô-lo. A indemnização dos accionistas «será objecto de uma solução equitativa», estando previsto um regime preferencial «para os pequenos e médios portadores». Extensão das competências dos comités de empresas e dos delegados do pessal. Nas empresas públicas, a «intervenção dodos trabalhadores na gestão e direcção «poderá assumir» novas formas». O plano, elaborado de modo descentralizado, «impôr-se-á ao sector público» e «enquadrará o funcionamento do sector privado».	A fiscalidade será reduzida para «a população trabalhadora» e aumentada para as empresas (os rendimentos do trabalho sendo menos sobrecarregados do que os outros). Imposto sobre o rendimento: progressividade atenuada para as camadas baixas e médias, aumentada para as outras; vantagens do cociente familiar limitadas para os grandes rendimentos; dedução especial para os reformados. Supressão das vantagens sobre os rendimentos mobiliários, salvo para a poupança popular. Supressão dos impostos sobre os «produtos de primeira necessidade» e reembolso da importância cobrada sobre os trabalhos e aquisições das colectividades locais. Imposto anual sobre o «capital», progressivo e de fraca incidência; redução dos direitos sobre as «sucessões» modestas e agravamento quanto às grandes fortunas; supressão da exoneração da «renda Pinay»; imposição das mais-valias de cessão; luta contra a fraude fiscal.	O «controlo» dos câmbios será reforçado e a especulação sobre a moeda constituirá um delito definido por lei. O Governo controlará particularmente os movimentos de fundos das sociedades multinacionais entre a França e o exterior. Pedirá um «controlo» dos movimentos de capitais na C.E.E. para impedir a tomada de «controlo» de sectores vitais por grupos multinacionais. O Banco de França e o Conselho do Crédito exercerão um «controlo» real na distribuição do crédito, que deverá ser orientado para os objectivos do plano.
O P.S.U. apoia as lutas em urso para assegurar aos cam-oneses um rendimento míni-o garantido, o «controlo» das endas e a criação de um fun-o nacional contra as calami-ades naturais. Para «assegu-ar a terra aos que a cultivam», reconizà o «controlo» dos sal-os destinados à agricultura defesa contra a expropriação esses solos pelo Exército ou s Bancos que se ocupam com turismo) e o «controlo» da ua utilização (manutenção no ocal dos rendeiros, luta contra s acumulações). Reclama, lém disso, o «controlo» pelos gricultores (e os trabalhado-as a ela ligados) das in-ústrias relacionadas com a ultura das terras: adubos, pro-utos químicos, rações de ga-o, material agrícola, assim co-o das indústrias daquela deri-adas: transformação dos pro-utos, complexos agro-pe-uários.	A organização da economia, tal como a da vida política, deverá orientar-se para a «autogestão», isto é, a participação de cada um nas decisões que lhe dizem respeito na empresa (contratos, cadência, escala de salários...) no bairro, na região, no Estado. Aquela implica, ao mesmo tempo, o «controlo» de sectores-chave para o futuro económico do país e a preparação de uma planificação democrática assegurando a vontade do maior número sobre o egoísmo dos pequenos grupos. O P.S.U., reclama, por consequência, a nacionalização (sem indemnização) — e a gestão pelos trabalhadores — da química, da siderurgia, da indústria automóvel, da Banca, da aeronáutica, das indústrias de armamento, do petróleo, assim como dos grandes «trusts» da construção eléctrica, da electrónica e da informação (nomeadamente a Hachette). A autogestão necessitará, além disso, de uma redução progressiva do papel do Estado em proveito das colectividades (locais e regionais) e de uma afirmação do carácter político do plano; este deverá reduzir, prioritariamente, as desigualdades (entre cidadãos e regionais), preencher o atraso dos equipamentos colectivos, definir finalidades de produção conforme os votos da maioria, facilitar o nascimento de estruturas de autogestão (conselhos de produtores e de utentes). Os responsáveis pelas empresas serão eleitos pelo pessoal e periodicamente controlados por este.	O objectivo é transferir, cada vez mais, para as autoridades locais e regionais, eleitas de direito, o estabelecimento do imposto, de modo a favorecer o «controlo» por parte do contribuinte. Os princípios gerais em que se basearão as opções serão os seguintes: tributação da fortuna: imposto anual sobre o capital, aumento dos direitos de sucessão, supressão da exoneração do «Pinay», imposto sobre as mais-valias; redução dos impostos sobre o consumo sobre os produtos mais necessários à vida corrente e reembolso aos pequenos contribuintes de uma parte aleatória do imposto pago sobre as suas aquisições; imposto de rendimento: supressão das vantagens actuais as portadores de valores mobiliários; substituição do sistema de cociente familiar por uma redução fixa aleatória por filho, seja qual for o rendimento dos pais; aumento do «imposto sobre as sociedades» para a supressão das numerosas reduções ou exonerações (nomeadamente supressão do direito dos presidentes directores gerais de serem tributados como assalariados).	No caso de fuga de capitais, será instituído um «controlo» dos câmbios, comportando, nomeadamente, uma limitação das importâncias que cada um pode levar para o estrangeiro. As empresas deverão, dentro de prazos normais, repatriar as divisas ganhas pela exportação e regularizar as suas importações. O Banco de França não comprará aos bancos centrais estrangeiros os francos que tiverem passado a fronteira. As firmas de uma certa envergadura (mais de mil ou dois mil assalariados) que não investirem entre 3 a 5 por cento mais do que em 1972 serão nacionalizadas sem indemnização.

ENTREVISTA

HERGÉ: "TINTIN SOU EU"

Após quatro anos de silêncio, Tintin volta à actividade. «Contratado» pelos realizadores do filme «Tintin e o Lago dos Tubarões» (1) que, com o acordo e a colaboração de Hergé, utilizaram as suas personagens num argumento da sua lavra, o célebre jovem de Bruxelas prepara, nesta altura, uma expedição à América Latina. Voltaremos a entrar em contacto com a República de S. Teodoro, com os fogosos generais Alcazar e Tapioca, e travaremos conhecimento com os Pícaros, guerrilheiros indolentes. Tratar-se-á do vigésimo terceiro album de Tintin. Nascido em 1929, traduzido em dezanove línguas, com uma tiragem de uns trinta milhões de exemplares, continua a dominar a literatura infantil. Como se explica tal êxito? Como é que o mesmo resiste ao desgaste do tempo? Que significará ele? Fomos formular estas e outras perguntas a Hergé, o criador do célebre herói.



«TINTIN SOU EU»

Sessenta e quatro anos, o encanto descontraído de um herói de «westerns», a impassibilidade de um jogador de póquer, Gerorges Rémi (R. G. para a posteridade) não se deixa deslumbrar pela glória. «Uma questão de sorte», alega, com um sorriso ao canto da boca. No entanto, consagram-lhe teses, comparam-no a Balzac (2), e o general de Gaulle confiava a André Malraux: «O meu único rival internacional é Tintin».

Mas quem é esse tal Tintin cujo rosto delicado (um pouco mais viril do que o de Bécassine) terá marcado um meio século?

. Um aventureiro moral? Um justiceiro pacifista? O primeiro cidadão do mundo? Ou, como insinuam alguns, um perigoso racista, imbuído da sua superioridade de homem branco, um produto perfeito do capitalismo, a cujo serviço se encontra?

. «Não», responde Hergé, «Tintin sou eu. O meu mais luminoso reflexo, o meu duplo realizado. Eu não sou um herói, mas, como todos os rapazes de quinze anos, sonhava vir a sê-lo. E ainda não deixei de sonhar. Tintin realiza, por mim, as «minhas proezas».

No decurso de uma tão longa vida em comum, você nunca se sentiu tentado, uma vez por outra, a mudar de «alter ego», exprimindo-se através de um personagem mais adulto?

. __ Nunca. Tintin permite que eu diga quanto me apetece. Não conta «histórias para crianças», mas, através das suas aventuras, vê-se misturado com os principais acontecimentos da época. Já o vimos bater-se contra os comerciantes de canhões, os traficantes de drogas, os tecnocratas em delírio. Se apenas consegue vitórias parciais isso deve-se ao facto de os «maus» serem eternos, tal como os bons. Sugeriram-me que lhe submetesse os grandes problemas de hoje: a poluição, a fome no mundo... Recuso-me. Não temos, ele e eu, capacidade para os resolver. Devemos contentar-nos com tirar a língua de fora aos que abusam da sua força, e fazê-los escorregar em cascas de banana.

Tintin será, portanto, um «Superman»?

__ Claro, pois incarna a juventude e assume, sistematicamente, a defesa dos pequenos contra os grandes.

Irá você ao ponto de pretender que o herói contesta a ordem estabelecida?

. __ Sim, quando aquela significa injustiça ou pressão. Na América; colocou-se do lado dos índios contra os brancos, em África, do lado dos negros contra os últimos traficantes de escravos; na Ásia, do lado dos chineses contra os imperialistas e os invasores. Claro, nada tem de militante, nem de teórico. Mas, quando a acção o mobiliza, parece-me que escolhe bem.

Rengega «Tintin entre os sovietes», um precursor da guerra fria?

__ Foi o meu primeiro Tintin, executado por conta do «Petit XX», suplemento de um jornal católico das direitas, para o qual o «comunismo ateu» era o inimigo número um. Isso influenciou-me. Se fizesse uma nova edição revista desse album, a história seria, por certo, mais subtil e, sobretudo, melhor desenhada. Mas Tintin nem por isso se converteria ao totalitarismo.

NO DIVÃ DO PSICANALISTA

O seu herói trocou as anacrónicas calças à golfe por um «blue-jeans» à moda. Não deveria, também, rejuvenescer-lhe o vocabulário, o estilo de vida? Empenhá-lo em aventuras mais violentas ou mais complexas? Na época da educação sexual, Tintin não fará figura de escuteiro fora do seu tempo?

__ Devo ao escutismo o gosto da amizade, o amor da Natureza, dos animais, dos jogos. Trata-se de uma boa escola. Tanto melhor se Tintin conserva a marca de tudo isso. Esta não o impede de viver com o seu tempo, pelo contrário, adapta-se a todas as situações, mas conservando a sua personalidade. Parece-me que continua fiel ao espírito da infância, a uma liberdade que os adultos ameaçam com os seus próprios problemas, como a obsessão da sexualidade. Evito, por outro lado, embarcar no último navio, explorar o folclore «à la mode». Nada envelhece mais depressa do que o cómico baseado na actualidade. Aí está porque escrevo sem piscadelas de olho.

E a gíria de Bruxelas, que você islamiza os esclaviza, conforme o contexto? E a sua «Castafiore» que se inspira na Callas? E o professor Tournesol que faz lembrar Jean Rostand?

__ Tudo isso não passa de modestos brindes aos conhecedores. As pessoas podem desconhecê-los, que a obra nada sofre com isso.

Tintin leva a cabo as suas proezas num universo quase exclusivamente masculino. Esta particularidade não deixou de interessar os psicanalistas. Desconfiou-se da pureza de costumes do capitão Haddock, chegou mesmo a pretender-se que entre Milou e o dono se organizava uma espécie de «partilha da sexualidade». (3) Este género de comentários não o faz dar saltos?

. __ Não, dão-me até vontade de rir. E porque é que Tintin não havia de ser psicanalizado? Até eu já o fui. Descobri um monte de coisas, algumas delas muito mortificantes, mas aprendi a aceitar-me. Durante as «operações», o meu psicanalista avisou-me de que eu seria incapaz de trabalhar. Enganou-se. Isto chega para lhe dizer até que ponto necessito de Tintin para viver.

NA ESCOLA DOS CHINESES

Depois de ter produzido, sozinho, onze albuns, você fundou os estúdios Hergé. Como é que partilha as tarefas com os seus colaboradores?

__ Escolho, primeiro, um tema, argumento que alinhavo no papel. A partir deste fio condutor, empreendo o corte da história em bandas e sequências. Esboço as silhuetas, os fragmentos de diálogo. As palavras e as imagens nascem ao mesmo tempo. O mais difícil é encontrar o «gag» ou o «suspense» que deve, obrigatoriamente, rematar cada página. Quando os meus rascunhos me parecem «au point», volto a copiá-los, conservando, apenas, o essencial. As folhas são passadas aos meus colaboradores que se encarregam de vestir as personagens, de pintar os cenários, de calcular os volumes das «bolhas» onde se inserirá o texto, etc. Um album representa, no mínimo, dos anos de trabalho e necessita de uma documentação minuciosa que vai das reportagens fotográficas aos livros de etnologia, dos tratados de mecânica, ao estudo dos caracteres hebraicos ou dos dialectos africanos. Claro, só me sirvo de parte das informações, mas necessito delas para criar uma realidade paralela. As crianças são juízes temíveis. Ai de mim se me esqueço de um ilhó de polaina, ou se me engano no pormenor de uma carrosseria! Um erro qualquer desencadearia uma saraivada de rectificações.

__ **Essa ânsia de perfeição e o estilo minucioso que dela resulta podem parecer, também elas como anacrónicas, numa altura em que triunfa a banda desenhada «estúpida e má». O realismo poético não terá sido ultrapassado?**

__ Tudo depende do público a que nos dirigimos. Aprecio a agressividade de um Reiser ou de um Wolinski, mas eles não fazem como eu romance em imagens. Hoje em dia, a banda desenhada conquistou um novo público, mais sofisticado, mais intelectual. Quando, há dezassete anos, sonhava criar as «Hergé Moving Pictures», ninguém previa o êxito dos «comics». Inspirei-me nos pioneiros americanos, especialmente em Geo Mac Manus (o criador da família Illico). Entretanto, aprendi a desenhar. Um amigo chinês forneceu-me excelentes manuais, utilizados nas escolas de pintura do seu país. Utilizei o meu gosto pela ordem, o meu desejo de conciliar minúcia e simplicidade, harmonia e movimento, uma espécie de classicismo. Antes de tudo o mais, é preciso não fazer batota. Se invento um país (como a Sildávia, nos Balcãs, ou S. Teodoro, na América do Sul) atribuo-lhe uma história, uma economia, uma língua, uma Constituição, um folclore. É necessário que tal Estado «exista», para que funcionemos, os leitores e eu.

O QUE É QUE FAZ TEMER TINTIN?

Invantariam (2) na sua obra mais de trezentas personalidades, que desaparecem para voltarem, por vezes, ao cabo de uma dezena de anos. Conserva as suas biografias em fichas?

__ Seria inútil. Quando me aparecem, no decurso de uma história, dou-lhes inteira liberdade. Suponho que até mesmo Balzac e Proust recebiam, por vezes, a visita de personagens de que não estavam à espera.

A princípio, você alinhava os bons e os maus em dois campos distintos. Nos seus últimos albuns, mostra-se mais ambíguo.

__ Não nos esqueçamos do campo dos imbecis, sem dúvida o mais povoado. Quanto aos maus, à força de conviver com eles, apercebi-me de que eram, muitas vezes, uns miseráveis, uns mesquinhos. Por seu lado, os bons estão longe de ser irrepreensíveis (à excepção de Tintin, e, ainda assim, se o observássemos de perto...). São conhecidas a tendência do capitão Haddock para o alcool, as frequentes tolices de Milou, as perigosas distracções do professor Tournesol.

Finalmente, na sua obra existe apenas um mal absoluto: o dinheiro. No entanto, você ganha muito, tendo-se tornado na sociedade anónima Hergé. Aceitaria ser cotado na Bolsa?

. __ Mais devagar! Somos uma empresa modesta, um bom negócio, nada mais. Nada para uma pessoa se gabar ou ter de se envergonhar. O que eu receio e condeno é a vontade de poderio, o sentimento de que o dinheiro dá direitos, o respeito com que o rodeiam. E censuro na sociedade de consumo o seu materialismo primário e a sua imprevidência. Organiza a pilhagem da Terra. Os sábios advertem-nos de que, dentro de dez anos, não disporemos de água. Quem é que se preocupa com isso? Destrói-se, cegamente, a qualidade da vida, sacrifica-se o futuro a pseudo-imperativos económicos. Vi, nos Estados Unidos, os planos de uma cidade de 80 quilómetros, que ligará Pittsburgh a Chicago. Como não tremer perante tal concepção do progresso?

Os seus livros, no entanto, respiram optimismo.

__ Isso é porque, apesar de tudo, tenho confiança. Não consigo imaginar que os homens se resignem a desaparecer. Ignoro o que farão para evitar o Apocalipse, mas recuso-me a desesperar.

TINTIN NÃO FALARIA DE OUTRO MODO

(Exclusivo «Le Monde»/DL)

---

*) Um album extraído do filme, a aparecer, em Abril, nas edições Castermann.

2) Pol Vandrome: «Le Monde de Tintin», Gallimard

3) Pierre Steckx, artigo publicado na revista «Schtroumpf», número especial «Hergé», edições Jacques Glenat, Grenoble

restaurante 1900

uma cozinha de grand prix

(no autodromo do estoril)

Marcações: 241-559 • Encerrado à 2ª feira

SINTESES CRÍTICAS

Teatro

Carlos Porto

AS CRIADAS
Teatro Experimental de Cascais

Um dos raros exemplos de espectáculo em Portugal em que é possível assistir à criação de uma linguagem teatral (Victor Garcia). Uma escrita poética extraordinariamente bela (Jean Genet). Uma interpretação excepcional (Eunice Muñoz e Glicínia Quartin).

OH PAPÁ, POBRE PAPÁ, A MAMÃ PENDUROU-TE NO ARMÀRIO E EU ESTOU TÃO TRISTE...
de Arthur Kopit
Casa da Comédia

Uma mãe-baleia; o seu filho que naturalmente se chama Jonas e, afinal não é tão atrasado mental como parece; um comodoro que sofre de asma; uma pequena duas plantas carnivoras; uma piranha; uma fabulosa colecção de selos; uma fantástica colecção de moedas; uma biblioteca de livros que ninguém lê; valsas de Strauss; uma piranha; um morto no armário — um «cocktail» a que João Lourenço, na sua primeira encenação, deu a necessária carga explosiva. Fernanda Alves: sublime; uma revelaçãoJorge Valle. Você vai ver.

ESPECTÁCULO CAMONIANO
Tardes Culturais
Teatro da Trindade

Tão chato como dividir as orações nos «Lusíadas».

Cinema

Lauro António

ATALANTE (Atalante), ZERO EM COMPORTAMENTO (Zero de Conduite), A PROPÓSITO DE NICE (A Propos de Nice)
todos de Jean Vigo (França, 1930-1934)
Cinema Estúdio (2.ª semana)

Um dos mais importantes, dos menos conhecidos e mais influentes cineastas de toda a história do cinema. A revelação integral da sua obra, até hoje inédita em écrans nacionais. Irreverência, humor, um profundo lirismo, um anarquismo de ressonâncias surrealistas. A não perder.

EM NOME DO POVO ITALIANO (In Nome del Popolo Italiano)
de Dino Risi (Itália, 1972)
com Ugo Tognassini, Vittorio Gassman, etc
Cinema Monumental (4.ª semana)

Uma comédia popular, carregada de um humor diabolicamente dirigido contra a actual sociedade italiana e alguns dos seus vícios. Um processo contra a cidade, cheio de coragem e de lucidez. «Popular» e inteligente. Ugo Tognazzi — magnífico! A não perder.

O ÚLTIMO A RIR (Charles Mort ou Vif)
de Alain Tanner (Suiça, 1969)
com Françoise Simon, Marcel Robert, etc
Cinema Satélite (3.ª semana)

O cinema também nasce na Suiça dos relógios, do queijo e das contas bancárias. Alain Tanner, de câmara de 16 milímetros na mão, em cenários naturais, com reduzido orçamento, é um exemplo de inteligência, agressividade e talento. A não perder.

AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYL (The Nutty Professor)
de Jerry Lewis (E.U.A. 1963)
com Jerry Lewis, Stella Stevens, etc
Cinema Berna (3.ª semana)

Obra-prima da comédia americana dos anos 60, esta película adaptada livremente de **O Médico e o Monstro**, de Stevenson, vale, só por si, para definir e comprovas o humor, o talento, a invenção corrosiva do maior actor-autor de comédias da actualidade. A não perder.

O GRANDE CONQUISTADOR (Play it Again, Sam)
de Herbert Ross (E.U.A. 1972)
com Woody Allen, Diane Keaton, etc
Cinema Estúdio Apolo 70 (11.ª semana)

Depois de **O Inimogo Público** e **Bananas**, eis Woody Allen de regresso, agora sob a batuta refreadora de Herbert Ross. Uma sátira à grande América, empreendida através de alguns dos seus mitos mais seguros. Woody Allen, genial! A não perder.

TELEVISÃO

"DOMINGO À NOITE": REPETIÇÕES E DOVA

1. VALÉRIO SILVA — «Cantarei, cantarei (indicativo futuro) sonhos de homem livre» (pedaço de uma canção que interpretou).

2. TERESA PAULA BRITO — «Existem Pedras», música de Nuno Filipe para poema de Teresa Horta. Terceira presença de Teresa em «Domingo à Noite». Talvez a melhor de todas.

3. HUGO MAIA DE LOUREIRO — Iguala Teresa Paula Brito quanto ao número de presenças em «Domingo à Noite». Cantou «Semi-Dito», de Fernando Guerra, uma canção bem construída.

4. Todos estes artistas actuaram dentro da parte do programa reservada ao concurso «Nossos Artistas, Nossas Canções», 2.ª fase. «O que quer dizer, portanto, que foram apurados na primeira» (La Palisse).

PORQUE GOZAM A «TOURADA»?

Florbela veio, a primeira vez de esquiadora frustrada e, a segunda, de mulher da limpeza outra vez. (A repetição é uma constante de «Domingo à Noite»). A primeira intervenção da comediante terminou com uma piada à «Tourada». Na segunda vez que Florbela veio ao palco, novamente se gozou com a canção vencedora do último festival. Mania? Fobia? Não de Florbela, mas... de quem?

MÚSICA

Estupendos tecnicistas, os componentes do Trio Harmonia passaram pelo palco do Maria Matos com a música que sabem tocar como poucos. Foi o melhor do programa. E o público que estava no teatro (meia casa, pouco mais ou menos) reagiu da melhor maneira. Donde se prova que a qualidade tem público. Se calhar, até, o mesmo que aplaude o que de mau nos servem, mas sempre há aquela mania velha de «aplaudir o artista». «É um estímulo...»

Claro que, se calhar, o público não sabe distinguir entre o bom e o mau. E quem o ensina? Com quem é que esse público (des) aprende?

Já agora: estava o Trio Harmonia no fim, mesmo no fim de uma das suas interpretações, e eis que Eliana Pittman entra na plateia do Maria Matos, desatando a bater palmas sem, sequer, ter ouvido 5 segundos de música. Ah, o espectáculo! «Dá aos outros o que queres que te dêem a ti.»

Depois foram «Les Chéries», duas «meninas» daquelas a que vulgarmente se chama «vedetas de music-hall», que vestiram de preto, primeiro e de cor-de-rosa depois, dando passos muito certinhos por toda a superfície do palco. Também cantaram.

Isto para não falar do «ballet» que, numa primeira vez e de «babygrow» rosa, arremedaram dançar o «Hello Dolly!» e, numa segunda intervenção, também andaram por ali...

A VEDETA

Chama-se Dova. Chegou ao palco a cantar em inglês um trecho do filme «Cabaret». Depois cantou em espanhol. E foi aí que Eládio Clímaco invadiu o palco para dizer, entre outras coisas, o seguinte:

«Dova, nascida en Valencia, pero maiorquina de coraçón».

Antes do final, actuara Manuel Sobral Torres, um «novo» que estuda em Coimbra e que, entrevistado por Luis Filipe Costa disse, entre outras coisas de somenos, que **«a canção não deve ser um veículo de protesto»**. Manuel Sobral Torres canta composições suas com letras de Couto Viana. Ah! Já me esquecia! Luis Filipe Costa, para começar a apresentação deste estudante de Direito (5.º ano), disse, parafraseando o texto de apresentação do disco de Sobral Torres recentemente lançado. **«Cantar é, antes de mais, comprometer-se»**. Com quê?

MANUEL SOBRAL TORRES NÃO CONTESTA, CANTA

Manuel Sobral Torres foi lançado nos contactos com o grande público no «Domingo à Noite» que os telespectadores verão logo. Para um melhor conhecimento deste «novo» que, pela primeira vez, se apresenta ao telespectador desprevenido, resolvemos dá-lo a conhecer um pouco mais. Pode ser que haja quem esteja interessado. Por isso fomos ter com ele e atirámos-lhe com «aquelas perguntas do costume». Por exemplo, lembráma-nos de perguntar ao Manuel Sobral Torres porque canta ele.

«Porque gosto».

Só?

«E talvez porque queira criar algo de diferente do que há».

Quais os instrumentos de que se serve Sobral Torres para **«criar algo de diferente do que há»**, eis a pergunta que a seguir lhe fizémos e que teve a seguinte resposta:

«Sirvo-me da música, neste caso de uma maneira pessoal de a fazer, e do poema, logicamente (Couto Viana, neste caso)».

Parecera-nos ouvir Manuel Sobral Torres dizer, no decorrer da entrevista que lhe foi feita no programa, que **«a canção não deve ser um veículo de protesto»**. Seria isso mesmo?

«Sim. Acho que a canção não deve, de facto, ser um veículo de protesto, porque isso desvirtua o sentido que a canção deve ter. A canção não deve servir certos desígnios. Eu pretendo cantar valores espirituais incontestáveis».

Nesse caso, quem é importante, para Sobral Torres, na Música portuguesa?

«Não sei. Intérpretes há vários que são bons: Paulo de Carvalho, Paco Bandeira, etc. Realmente, há muitos com boa voz e que sabem cantar. O Gois está, ainda, dentro dos intérpretes de que mais gosto. Quanto a autores, não vejo, francamente, que haja um melhor. Há vários estilos, vários tipos de música. Mas gosto do José Afonso que, dentro da balada, é um valor extraordinário, como autor e como intérprete»:

DOVA: CANTAR, SIM, MAS TAMBÉM RECEBER

A promoção que foi feita a Dova foi exactamente a mesma que anunciou Massiel ou seja: nenhuma. Embora negativamente, Dova e Massiel foram encaradas da mesma maneira pelos serviços de promoção da RTP. O que é um erro. Mas o mais importante é que qualquer delas veio como grande estrela, para utilizar a terminologia usual destas andanças e Dova não é, propriamente, uma «estrela» com a luz da sua compatriota que acima referimos. Mas passemos adiante.

«Canto porque gosto», começou por nos dizer Dova. E continuou: **«Depois, há compensações. O meu trabalho é dos que dá, nesmo, compensações: trabalha-se muito mas recebe-se muito, também».**

De há uns tempos a esta parte que os «cantantes» espanhóis, mesmo os mais comprometidos, se profissionalizam e se habituaram a receber elevados «cachets» por cada actuação. A propósito de outros «cantantes» compatriotas de Dova: quem é o melhor, no seu país (e na sua opinião).

«Há vários estilos. Por isso não te posso dizer quem é o melhor. Por exemplo, um «cantante» muito interessante é Juan Manuel Serrat, criador de um estilo que logo outros imitaram. Noutro estilo, mais como actor-cantor, está Rafael. Como voz, e apenas isso, Nino Bravo».

De música portuguesa, Dova conhece pouco, mas o suficiente para dizer que...

«... Tonicha é fantástica! Aquela canção do «Aleluia» é uma coisa linda! De resto conheço muito pouco da canção portuguesa. Há uns anos ouvia-se muito em Espanha a Madalena Iglésias. Agora já não. Mas conheço o fado. Gosto muito porque é música tradicional. Da música moderna conheço pouco, como já te disse, mas, da que conheço, gosto».

Dova falara-nos de alguns nomes da música espanhola. Não mencionara «Aguaviva», mas tem a sua opinião formada sobre o assunto:

«Já trabalhei com eles, em Munique. São um conjunto especial, que não tem nada a ver, por exemplo, com o «Mocedades» ou com «Nuestro Pequeño Mundo». Os «Aguaviva» trabalham para minorias, mas o grande público gosta deles. Quanto a mim, gosto da forma como eles se expressam. É uma música de testemunho».

Dova referiu os «Mocedades», conjunto que representará a Espanha no próximo Festival da Eurovisão. Qual a sua opinião sobre esse grupo?

«Mocedades» não é a melhor nem a pior representação espanhola à Eurovisão. Têm o seu estilo e, dentro dele, são bons. Mas há agora um novo conjunto, em Espanha, que é excelente. Chama-se «Vino Tinto».

LEITÃO & IRMÃO
(JOALHEIROS)

Comunicam que, para efeitos de balanço, o seu estabelecimento se encontrará encerrado nos dias 12, 13 e 14 do corrente.

ARMÁRIOS
ESTANTES
ROUPEIROS

e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, executamos por desenhos e medidas nas nossas oficinas próprias

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64
(perto da igreja dos Anjos)

Música

JOSÉ FELICIANO: TERÇA-FEIRA NO MONUMENTAL

José Feliciano, o criador de «Light my fire» e «Califórnia Dreamin», canções com que recebeu, em 1969, o prémio «Grammy», da Academia Nacional de Artes e Ciências dos Estados Unidos, é aguardado na próxima terça-feira em Lisboa, iniciando, assim, uma digressão que inclui vários países europeus, além de duas apresentações em Israel.

Em Lisboa, José Feliciano fará dois espectáculos no Cinema Monumental. A primeira dessas apresentações está prevista para as 18,30 horas do dia 13; a segunda nos primeiros minutos da madrugada de quarta-feira. Nesse dia, possivelmente pela manhã, o artista seguirá viagem com destino a Paris, de onde deve seguir para Israel e Jugoslávia.

VIDA DE ARTISTA

Considerado pela crítica como um dos maiores artistas populares da nossa época, José Feliciano é o segundo dos nove filhos de um casal de camponeses porto-riquenhos. Cego de nascença, a sua infância transcorreu nos bairros pobres de Nova Iorque, cidade para onde os seus pais emigraram, quando tinha apenas cinco anos, em busca de melhores condições de vida. Sobre a cidade e os seus pais, nesses primeiros anos, o cantor disse, em recente depoimento:

— **Não posso afirmar que tive uma infância feliz. Meu pai trabalhava nos ofícios em que trabalham, nos Estados Unidos, os negros e os porto-riquenhos. Isto é, como lavador de pratos, «graxa», mandarete e, por fim, como estivador. Apesar disso, acho que ele foi um grande homem, pois conseguiu manter a família unida.**

A PRIMEIRA VIOLA

Não podendo brincar como os demais amigos, José Feliciano voltou-se para a música. Aos três anos começou a bater ritmos numa caixa de bolachas; aos quatro a dedilhar um acordeão, a imitar os intérpretes da época. Quando tinha nove anos, um amigo ofereceu-lhe a primeira viola:

— **Lembro-me até do seu preço. Custou-lhe dez dólares e esse foi o melhor presente que jamais recebi. Pouco depois eu já dominava o instrumento. Graças a isso, apresentei-me pela primeira vez em público, no Teatro «El Porto Rico», de Bronx.**

Também são dessa época os primeiros aplausos recebidos pelo artista: o talento «assustador» do miúdo de nove anos foi reconhecido pelos seus compatriotas com uma tremenda ovação, de pé. Entretanto, a música ainda não ocupava totalmente as atenções de José Feliciano. Como os seus amiguinhos, ele frequentava a escola do bairro, seguindo depois alguns cursos, em «braille», numa escola especializada:

— **Mas, de qualquer maneira, o facto de ter ganho uma viola foi decisivo na minha vida. Todos os meus momentos livres passava-os com o instrumento. Procurava, também, em casas de amigos ou usando os discos que minha mãe comprava em segunda mão, ouvir os artistas da guitarra, entre os quais Segóvia e o brasileiro Luis Bonfá. Pouco depois, ganhei uma guitarra, e comecei a cantar, imitando e assimilando os estilos de Sam Cooke, Ray Charles, Frankie Laine e Elvis Presley.**

ADEUS AOS PAIS

Até aos 16 anos, quando se começou a apresentar nos cafés de Greenwich Village, a vida de José Feliciano não teve muitas variações. Mas, quando tomou esta decisão, aconteceu o rompimento com os seus pais:

— **Foi uma época difícil. A música, nesta altura, já era uma razão de ser, para mim. Os meus pais não compreenderam e eu tive que sair de casa. Vivia, ora com um amigo, ora com outro. E cantava, recebendo como pagamento, as moedas que o público deitava num cesto que levava comigo. Como se sabe, Greenwich Village é um bairro boémio, habitado pelos «beatnicks», jovens intelectuais em busca de oportunidade ou marginalizados pelo sistema. Por isso quase não recebia dinheiro pelas minhas actuações: nos cafés todos eram tão ou mais pobres do que eu. Nessas ocasiões, então, cantava de graça. Apenas para me divertir, para ter a sensação de estar fazendo alguma coisa.**

Sobre os motivos pelos quais abandonou os estudos, o artista diz:

— **Compreendi que queria ser uma vedeta e a escola nunca me faria tal. Meus pais não pensavam assim e por isso saí de casa. Os pais, na sua maioria, não compreendem que os filhos não são propriedades deles, que têm uma vida própria e que devem decidir, eles mesmos, o que e como será esta vida. Entretanto, não aconselho a ninguém o meu procedimento. Isso porque vim a compreender, bem mais tarde, que um artista necessita cultura. Se eu tivesse que recomeçar tudo de novo, teria terminado os meus estudos. Por outro lado, completei a minha formação informando-me sobre muitos assuntos. Acho que uma formação intelectual é muito importante ao artista. O talento, só, não serve, se o cérebro não for desenvolvido.**

FINAL FELIZ

Mas, como todas as histórias americanas a de José Feliciano termina bem: nessa mesma época ele passou a actuar regularmente num dos cafés do bairro, o **Café Id,** onde uma das suas ouvintes habituais era uma estudante de psicologia e medicina, Hilda Perez. Casaram-se em 1965 e vivem agora numa casa cercada por três hectares de campo ondulado, em Orange Country, na Califórnia.

Voltando à época do seu casamento: ele coincide com a sua ascensão artística. Um agente conseguiu-lhe um contrato de gravação com a RCA e os seus primeiros discos começaram a aparecer nas listas dos mais vendidos, principalmente na América do Sul. Em 1966 a sua carreira atingiu o auge, quando, em Mar del Plata, cantou e tocou para uma plateia calculada em mais de 100 mil pessoas. Entretanto, nos Estados Unidos, o sucesso começou mesmo a partir de 1968, com os seus primeiros êxitos em língua inglesa: «Light my fire» e «California Dreamin».

De lá para cá, além de dezenas de gravações, José Feliciano conseguiu para si um programa na televisão, o «Feliciano Very Special», que é apresentado pela NBC, além de ter recebido 29 discos de ouro por suas gravações, no mundo inteiro.

Casado, famoso, feliz. O que pensa o artista:

— **Estou no momento mais difícil da minha carreira. Cheguei ao topo e agora tenho que trabalhar com um empenho ainda maior. Não posso descansar-me nos êxitos já conseguidos. As pessoas fizeram-me o que eu sou. Agora tenho que viver esta verdade, continuando a fazer a música que elas querem ouvir.**

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DOS COMBOIOS

TRANVIAS LISBOA--VILA FRANCA--AZAMBUJA

Por motivo dos trabalhos necessários para introdução ao serviço do novo viaduto sobre as Avenidas da República e 5 de Outubro, vão ser feitas, a partir de 5 de Março próximo, leves alterações no horário dos comboios que circulam no troço compreendido entre Braço de Prata e Campolide.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que daí possam resultar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o horário transitório terá de estar em vigor. Esse horário encontra-se afixado em todas as estações do percurso, onde poderá ser consultado.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

31.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com JOSÉ VIANA

no protagonista

SUA EXCELÊNCIA O VEDOR

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

2.ª e 4.ª feira: 21.45 h.
3.ª feira: Descanso da C.ª
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingo: 16 e 21.45 h.

HOJE

2 Sessões: às 20.45 e às 23 h.
Telefone do teatro: 55 51 33

Uma Fabulosa Revista de Bons (e Maus) Costumes no Teatro MONUMENTAL
Uma produção de VASCOMORGADO
com
CARLOS de OLIVEIRA
em
MULHERES E COMIGO?!
com AIDA BAPTISTA
UM ÊXITO
LINDA SALVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA
THE RED ROSE BALLET
Maiores de 18 anos

DOMINGO «matinée» às 16 horas

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

11.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco

IRENE ISIDRO

Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª feira: 21.45 h.
4.ª feira: Descanso da C.ª
6.ª, Sáb. e Domingo: 2 sessões, 20.45 e 23 h.
DOMINGO: «matinée» às 16 h.

Ministérios das Finanças e das Comunicações

AEROPORTO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DE INSTALAÇÃO E EXPLORAÇÃO DAS LOJAS FRANCAS NO AEROPORTO DE LISBOA

Faz-se público que perante a Comissão a que se refere a Portaria n.º 13/70, de 12 de Janeiro, se encontra aberto o concurso acima identificado.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia 14 de Maio próximo futuro, na Sala de Reuniões do Aeroporto de Lisboa.

As propostas poderão ser entregues na Secretaria do Aeroporto de Lisboa até às 12 horas do dia fixado para a realização do concurso.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar um depósito provisório de esc. 500 000$00 (quinhentos mil escudos) na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, à ordem do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, mediante guia passada pela Secretaria do mesmo Aeroporto, ou garantia bancária devidamente aceite pelo Ministério das Finanças.

Local da consulta do processo: Secção de Expediente da Secretaria do Aeroporto de Lisboa onde, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias do programa de concurso e caderno de encargos.

Aeroporto de Lisboa, 7 de Março de 1973.

A COMISSÃO

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)

hoje e todos os dias às 22 horas, sábado e domingo às 16 horas

OH PAPÁ POBRE PAPÁ

e mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...

De ARTHUR KOPIT.

Marc. T. 677299—Maiores 18 anos — Subsidiado Fundo Teatro

PRECISAM-SE

Oficiais estucadores. Bons salários. Informa-se na Rua Luz Soriano, 44-Lisboa, na próxima 2.ª feira das 8 às 9 horas.

POSEIDON: UMA AVENTURA NO MAR

A Aventura do Poseidon, que Lisboa verá nos próximos dias é um filme quw reúne no seu elenco nada menos do que cinco actores já premiados com o **Oscar:** Gene Hackman (Os Incorruptíveis Contra a Droga), Red Buttons (Saynora), Shelley Winters (O Diário de Anne Frank), Ernest Borgine (Marty) e Jack Albertson (The Subject Was Roses), além de Stella Stevens e Carol Linley. Além dessas vedetas, o filme tem uma outra. o paquete **Queen Mary,** onde foram filmadas grandes parte das sequências, sem contar o trabalho do director de arte William Crebber, responsável pelo **décor,** que, neste filme, desempenha papel importante. São suas estas palavras:

— Todos pensam que os cenários não têm importância nenhuma num filme. Ora, o «décor» é o ambiente, ao qual até mesmo os actores reagem. No caso do Poseidon», o cenário tem uma importância vital.

O início da tragédia, ou a importância dos cenários

De facto para o filme o realizador Ronaldo Neame necessitou mais do que nunca do talento do seu director de arte. O paquete envolvido por uma gigantesca onde, vira-se de cabeça para baixo. Era preciso criar esta realidade, tanto para o espectador como para os próprios actores. Fala William Crebber:

— Fizemos tudo em paralelas sendo que as paredes e os cômodos eram reversíveis. Quando o navio vira de cabeça para baixo, as saidas passam para o tecto e as luminárias ficam no assoalho. Isso foi conseguido de uma forma simples. Fizemos um tecto rebaixado, móvel, e por baixo atapetamos tudo. Depois foi só virar o «décor», implantar as cadeiras e as mesas, invertenfo as suas posições. O efeito ficou tão real que até os actores tiveram dificuldades de orientação. Alguns ficaram completamente tontos com aquelas mesas reversíveis, e outros pelo contrário divertiram-se muito em andar naquilo que, até há pouco fora tecto.

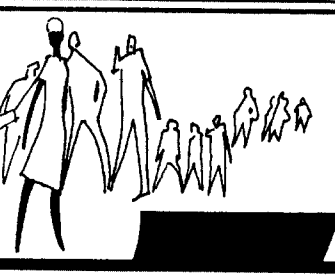
Este trabalho cuidadoso, somado á história e aos nomes que encabeçam o elenco de «A Aventura do Poseidon» tem sido altamente recompensado pelo público. Nos Estados Unidos o filme está entre os de maior bilheteira da presente temporada. Em Lisboa, segundo tudo leva a crer, não será diferente.

"BIA" NO BRASIL

Beatriz da Conceição vai partir para o Brasil, onde permanecerá três meses. O objectivo da viagem é uma temporada na casa típica «Lisboa à Noite», no Rio de Janeiro, bem como alguns programas de TV.

Entretanto vai sair mais um disco seu, com sêlo Movieplay, que inclui as composições «Canoa do Tejo», de Frederico de Brito, **«A Menina dos Teus Olhos»,** de Fernando Pinto Ribeiro, **«Minh' Alma de Amor Sedenta»,** de António dos Santos e Mascarenhas Barreto e **«Pão dos Gestos»,** de Álvaro Martins.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES



Pretende:

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

Que possuam os seguintes requisitos:

— Sexo masculino
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade
— Curso comercial completo ou equivalência oficial com razoável formação contabilística
— Razoáveis conhecimentos de inglês

Oferece:

— Vencimento inicial compatível
— Gratificação de Natal
— Subsídio de férias
— Salários diferidos
— Regalias sociais
— Viagens

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

Os interessados devem inscrever-se na Divisão do Planeamento do Pessoal até ao dia 19 do corrente. Edifício 25, 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 30/73

Faz-se saber que no dia 30 de Marco de 1973, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição -- Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE 30 000 QUILOGRAMAS DE FITA DE ALUMÍNIO, EM BOBINES, PARA CÁPSULAS DE GARRAFAS DE LEITE — 1973», com a base de licitação de 1 150 000$00 (Processo n.º 16/73/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 28 750$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

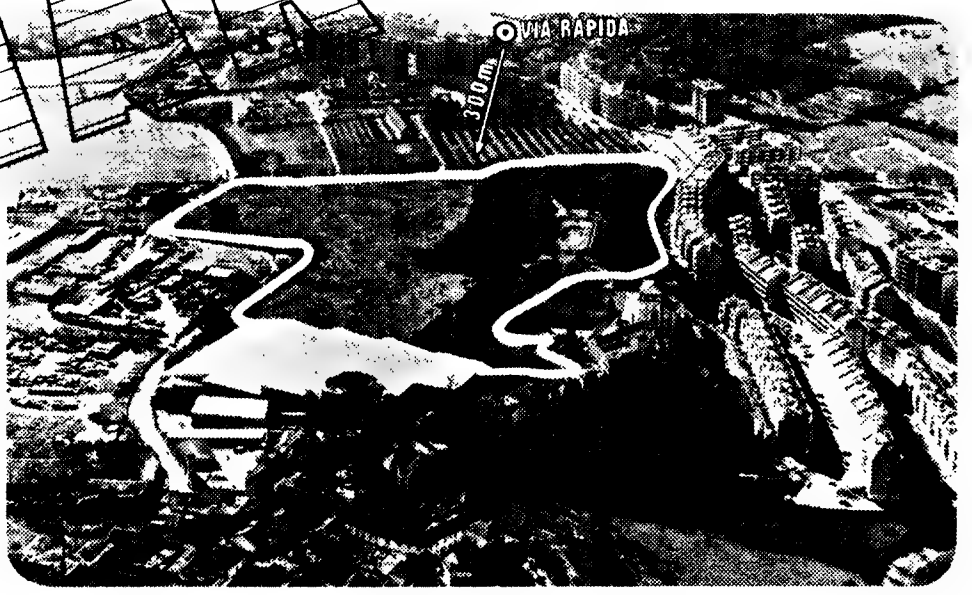
O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 2 de Março de 1973.

O Presidente,

António Jorge da Silva Sebastião

NO LUMIAR



CUPÃO-PREFERÊNCIA

Assinale seguidamente o que deseja para a sua nova casa

— Quantas assoalhadas? ...
— Considerando imoveis de grande porte ! mais de 7pisos ! em que piso? ...
Com: entrada de serviço? ... cozinha? ... kitchenette? ... fogão de sala? ... copa? ... arrecadação? ... garagem privativa? ... garagem comum? ...
— OUTRAS SUGESTÕES: ...

Nome: ...
Morada: ...
Localidade: ... Tel: ...

NA QUINTA DE Sta CLARA, JUNTO A RUA ALEXANDRE FERREIRA, A 300 M DA VIA RÁPIDA, A 2 PASSOS DO CENTRO DA CIDADE.

DIGA COMO PRETENDE A SUA CASA, E NÓS ACEITAREMOS A SUA SUGESTÃO.

NÓS VAMOS CONSTRUIR PARA SI!

SPOC
Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.
Rossio 74-3º telfs. 35438·35521·36625 7 LISBOA

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Com a entrada, no mercado, dos discos com as canções que disputaram o X Grande Prémio TV da Canção, esperava-se em Lisboa, uma total subversão na lista dos «Dez Mais». Talvez isso venha de facto acontecer nos próximos dias. Até lá, entretanto, apenas três das dez concorrentes, segundo as pesquisas, parecem ter caído no gosto popular. E, mais: dessas três canções, a vencedora do festival é a que menos tem vendido, colocando-se em posição inferior à «Semente», canção que nem sequer foi classificada pelo juri.

1	1) **Conquistador** (2) PROCOL HARUM	6	.6) **Kiss Me** (__) C. JEROME
2	.2) **My Reason** (1) DENIS ROUSSOS	7	.7) **Semente** (__) PAULO DE CARVALHO
3	.3) **É Por Isso Que Eu Vivo** (__) PACO BANDEIRA	8	.8) **Blockbuster** (5) SWEET
4	.4) **Crocodile Rock** (__) ELTON JOHN	9	.9) **Tourada** (__) FERNANDO TORDO
5	.5) **Mary Had a Baby** (7) Mary HOPKIN	10	10) **Pop Corn** (10) POP CORN MAKERS

DISCOS

"Tourada" já está na praça

Os discos de Festival saíram esta semana. Alindados com orquestrações a «soarem» melhor do que no dia 26 do mês passado no Maria Matos, que o papel dos estúdios é, cada vez, mais importante, eles invadiram o mercado em busca da venda que, todas as editoras o esperam, será em maior quantidade do que noutra qualquer época do ano.

Podíamos referir, qui, vários discos que incluem as canções que estiveram presentes no X Grande Prémio TV da Canção Portuguesa. A qualidade (se não pensarmos em obras-primas) esteve, de facto, presente neste Festival. Mas será melhor referirmos, nesta coluna, apenas um disco: o que inclui duas canções do Festival. E não apenas «duas canções do Festival», senão duas das melhores canções do X Grande Prémio da Canção. Referimo-nos, como não podia deixar de ser, ao disco de Fernando Tordo, com letras de José Carlos Ary dos Santos, que inclui «Tourada», a canção vencedora, no lado A, e «Carta de Longe» (talvez a melhor canção do festival, mas não a mais importante) no lado B.

Tordo conseguiu, na noite do Grande Prémio, uma interpretação excepcional. Quanto a este ponto, ninguém terá oportunidade de discutir (a não ser, claro, alguns membros do Sindicato dos Toureiros). Difícil seria conseguir outra igual. Não acontece no disco, por exemplo. Não estamos a querer dizer que o Fernando não tenha conseguido uma boa interpretação na gravação. Longe disso. Só que essa boa interpretação não chega à cotação óptima que obteve na noite do Festival.

Na face B já não é isso que se passa. Aí, Tordo está em casa, interpretando uma canção muito mais dentro do género das que costuma compôr. «Carta de Longe», em disco, ultrapassa ainda mais «Tourada». Mas, como não podia deixar de ser, continua a ser menos importante. Um bom disco, em suma.

No estrangeiro

LONDRES __ Slade, um dos piores mutiladores da língua inglesa no panorama mundial da «Pop-Music», mas uma das suas atracções mais excitantes no palco, catapultou-se literalmente esta semana para o topo dos «Dez Mais» da Grã-Bretanha com «Cum On, Feli The Noize», o último da sua série de discos com as calinadas do costume, mas muito cativante.

O conjunto de quatro elementos, que adquiriu o hábito não só de estropiar o título das suas canções, mas de aparecer em concertos segundo o estilo dos palhaços do circo, pulou 16 lugares até à posição cimeira e substituiu os Strawbs, cuja sátira ao movimento sindicalista «Part Of The Union» foi relegada para segundo posto.

Os Detroit Emeralds, um conjunto de «Soul-Music», podiam em breve ter, com «Feel The Need In Me», o seu primeiro lugar cimeiro na tabela de classificação de Londres, pois o disco passou, também, do 20.º para o nono posto.

Contudo, enfrentarão na próxima semana o grande desafio dos ídolos dos adolescentes Donny Osmond e T. Rex. Ambos os seus novos «singles» __ «Twelfth Of Never», de Donny, e «20.th century Boyx», de T. Rex __ surgem esta semana na parte inferior das tabelas de classificação.

Nos Estados Unidos, «Killing Me Softly With His Song», a bela canção de Roberta Flack, passou para a posição cimeira, destronando «Duelling Banjos», de Deliverance Soundtrack.

A seguir, os «Top-Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (17). «Cum On, Feel The Noize»: Slade
2 (1). «Part Of Teh Union»: Strawbs
3 (3). «Cindy Incidentally»: Faces
4 (2). «Blockbuster»: Sweet
5 (4). «Sylvia»: Focus
6 (5). «Whisky In The Jar»: Thin Lizzy
7 (7). «Baby I Love You»: Dave Edmunds
8 (5). «Do You Wanna Touch Me?»: Gary Glitter
9 (20). «Feel The Need In Me»: Detroit Emeralds
10 (13). «Hello Hurray»: Alice Cooper

NOVA YORK

1 (2). «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
2 (1). «Duelling Banjos»: Deliverance Soundtrack
3 (5). «Love Train»: O'Jays
4 (6). «Last Song»: Edward Bear
5 (3). «Could Ir Be I'm Falling In Love?»: Spinners
6 (11). «Also Sprach Zarathrusta»: Deodata
7 (8). «Rocky Mountain High»: John Venver
8 (9). «Daddy's Home»: Jermaine Jackson
9 (12). «The Cover Of Rolling Stone»: Dr. Hock And The Medicine Show
10 (10). «Jambalaya»: Blue Ridge Rangers

AMSTERDÃO

1 (1). «Go Like Elijah»: Chi Coltrane
2 (5). «Yellow Boomerang»: Middle Of The Road
3 (3). «Bianca»: Freddy Breck
4 (6). «Do You Wanna Touch Me?»: Gary Glitter
5 (2). «Blockbuster»: The Sweet
6 (7). «Uche Uche, Vader Abraham»: Goede Zonen
7 (10). «The Jean Genie»: David Bowie
8 (2). «Maybe Tomorrow, Maybe Tonight»: Earth And Fire
9 (4). «Long Haired Lover From Liverpool»: Osmond
10 (15). «Hallejujah Kameraden»: Adele Bloemendaal

BONA

1 (2). «Blockbuster»: Sweet
2 (1). «Crocodile Rock»: Elton John
3 (16). «Rock Me Baby»: David Cassidy
4 (3). «Delta Queen»: Ricky Shayne
5 (5). «Solid Gold Easy Action»: T. Rex
6 (6). «Mein Schatz Du Bist (My Treasure You Are)»: Chris Roberts
7 (18). «You're So Vain»: Carly Simon
8 (4). «Crazy Horses»: Osmonds
9 (8). «Jeder Weg Hat Mal Ein Ende (Every Road Comes To An End)»: Marianne Rosenberg
10 (13). «Ein Festival Der Liebe (A Festival Of Love)»: Juergen Marcus

HONG-KONG

1 (1). «I Won't Las a Day Without You»: The Carpenters
2 (2). «Sweet Surrender»: Bread
3 (5). «Dreidel»: Don McLean
4 (4). «Alive»: The Bee Gees
5 (3). «I Never Said Good Bye»: Engelbert Humperdinck
6 (8). «You're So Vain»: Carly Simon
7 (11). «Relay»: Teh Who
8 (6). «A Brand New Song»: Cliff Richard
9 (12). «I Am Woman»: Helen Reddy
10(7). «Separate Ways»: Elvis Presley

ESTOCOLMO

1 (9). «Ring Ring»: Bjoern And Benny
2 (1). «Crocodile Rock»: Elton John
3 (5). «Mexico»: Les Humphries Singers
4 (2). «Feliz Navidad»: José Feliciano
5 (4). «Hi Hi Hi»: Wings
6 (3). «Sofia Dansar Go-Go»: Stefan Ruden
7 (8). «Haala Du Gamla Indian (Wait, You Old Indian)»: Jigs
8 (6). «Sixteen Tons»: C.C.S.
9 (__). «Jambalaya»: Blue Ridge Rangers
10 (__). «It Never Rains In Southern California»: Albert Hammond

NOTÍCIAS

O Coro da Universidade de Lisboa vai ter, dentro em breve, um LP no mercado. Nele se incluem várias composições de música portuguesa, desde a tradicional à erudita, de várias épocas. À frente do coro, quer no disco quer nos ensaios e apresentações, está o maestro Fernando Eldoro.

O LP que Hugo Maia de Loureiro prepara há tempos vai surgir no mercado dentro em breve.

Está já à venda o disco de Manuel Sobral Torres, um autor intérprete que logo à noite poderão ver e ouvir no programa «Domingo à Noite», na televisão.

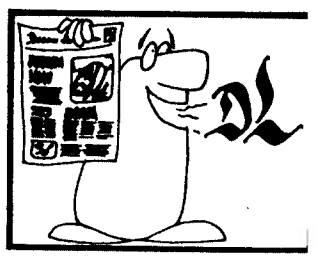
Seu nome é Mortimer Shuman, mas normalmente conhecem-no, apenas, como Mort Shuman. São dele as músicas do seu próprio «single», agora lançado entre nós, pois ele assina as canções de pareceria com E. Roda e Gil. Os arranjos e direcção de estúdio são de Jean Claude Petit. Títulos: «Le Lac Majeur» (face A) e «Shami-Sha» (face B).

Petula Clark tem novo disc a circular entre nós. Produzid por Mike Curb e Don Costa com arranjos deste último, o «single» inclui as composiçõ «Wedding Song (There is L ve)», no lado 1, e «Song W thout End», na face B. A pr meira destas canções tem a ass natura de Stookey, e a segund é da responsabilidade de Clark

Carlos Alberto Moniz e M ria do Amparo preparam inte samente um LP com trechos d folclore açoreano. Os arranj foram entregues à experiênc de Thilo Krasman. Este «lon duração» deverá estar pron em 15 de Abril.

Entretanto, e desta feita se canções açoreanas mas, apena com canções, o mesmo duo v fazer um EP de cuja orque tração se encarregará Ped Osório.

Está já pronta a gravação d EP de Jorge Palma, com comp sições e interpretação suas poemas seus e de Ary dos Sa tos. As orquestrações que, dizer de alguns entendidos q já tiveram a oportunidade de ouvir, são de boa qualidade, l vam, também, a assinatura Jorge Palma.



CINEMA

Luis Buñuel regressa a Lisboa com "O Discreto Encanto da Burguesia"

Nomeado pela Academia de Hollywood para o «Oscar» da melhor película estrangeira, considerado por Paul Zimmerman (Newsweek), Jay Cooks (Time Magazine), Charles Champlin (Los Angeles Times) e Judith Crist (NBC TV), um dos melhores filmes do ano, sendo da mesma opinião a National Society of Film Critics, vem aí «O Discreto Encanto da Burguesia», de Luis Buñuel. O realizador, por seu turno, foi citado como o melhor director do ano, pelo seu trabalho neste filme, pela National Society of Film Critics.

A HISTÓRIA

«Nonsense?» Talvez. Mas, pelo menos, mais do que isso. **O Discreto Encanto da Burguesia**, que Lisboa vai ver dentro em breve, não existe tanto pelo que é, realmente, mas pelo que traz escondido. O filme de **Buñuel** será, portanto, o filme do que está escondido e, que neste caso, é apresentado às claras.

A história gira, se quiserem, à volta de um jantar que três altas personalidades querem ter em conjunto e que, por mais voltas que dêem, não conseguem realizar. Tudo gira à volta disto, de obsessão que se cria em cada uma das três personalidades implicadas neste «jogo», mas o mais importante é o «jogo» de cada um dos personagens em questão: as amantes, o negócio de drogas, as festas de sociedade, o dedo satírico de **Luis Buñuel** a temperar da melhor maneira o pitéu.

O ELENCO

Nos principais papéis vamos encontrar **Fernando Rey**, que se notabilizou pelo desempenho que teve em «The French Connection» (em português «Os Incorruptíveis Contra a Droga»), **Delphine Seyrig, Jean-Pierre Cassel, Stephane Audran, Paul Frankeur**, e mais uma série de óptimos intérpretes. Se aliarmos este elenco, de primeiro plano, à direcção de **Buñuel** e ao «achado» que é o argumento escrito pelo realizador e por **Jean-Paul Carrière**, começamos, de pronto,

a dar razão a quem, à partida, considera este filme «um caso sério» da cinematografia dos últimos tempos.

O REALIZADOR

Luis Buñuel nasceu em 1900 em Calandra, localidade da vizinha Espanha. Veio de uma família cem por cento burguesa: pai e mãe católicos tradicionalistas. Por isso recebeu uma educação austera, tanto em casa como, mais tarde, num colégio jesuíta. Contudo, perde a fé aos 16 anos.

Aos 24 anos, **Buñuel** está já licenciado em Literatura e Filosofia pela Universidade de Madrid. Só depois, e atraído pelo Teatro, ele tem contactos com **Lorca** e **Dali**.

Vai, então, para Paris. Nessa altura começa a achar que o Teatro não é suficiente para se exprimir. A sua obsessão passa a ser o cinema, numa altura em que se sente atraído pelo surrealismo. Assim, em 1926 **Buñuel** é assistente de realização de **Jean Epstein** nos filmes **Maupra** e **House of Usher**. Em 1928 e 1929 colabora com **Salvador Dali** e roda **Un Chien Andalou** e **L'Age d'Or**.

Regressado a Espanha, descobre Las Hurdes, uma terra miserável, e filma **Terra sem Pão** (1932). Durante a Guerra Civil, roda um documentário político intitulado **España 1936**.

No fim da guerra emigra para os Estados Unidos e trabalha na biblioteca de cinema do Museu das Artes Modernas de Nova Iorque.

Em 1945 vai para o México, o seu segundo país. Durante

Buñuel dá indicações a Delphine Seyrig

uma série de anos contribui decisivamente para um arejamento do cinema mexicano. São desse tempo os filmes **Los Olvidiados** (1950), **El** (1953) e **Nazarin** — talvez o seu filme favorito (1959).

Em 1961 regressa, de novo, a Espanha, para filmar **Viridiana**. Este filme vai conseguir o prémio para a melhor película estrangeira do Festival de Cannes, mas é proibido em Espanha. A partir desse momento todos os seus filmes foram considerados unânimemente pela crítica como excepcionais: **L'Ange Exterminateur** (1962), **Le Journal d'Une Femme de Chambre** (1964), **Simon du Désert** (1965), **Belle de Jour** (1967), **La Voie Lactée** (1968) e **Tristana** (1969).

Em **Luis Buñuel**, um dos grandes mestres do cinema, fundem-se magistralmente o surrealismo e o realismo espanhol. Este paradoxo é uma constante dos seus filmes sendo, embora, as suas preocupações fundamentais relacionadas com a sociedade e a religião.

O Discreto Encanto da Burguesia, filmado em 1972, é o seu último filme.

A cidade vista por John Huston

— Recebi um choque quando li pela primeira vez o livro de Leonard Gardner «Fat City». O estilo muito incisivo, muito moderno quanto a diálogos, a descrição elíptica com que Gardner falava das coisas muito importantes, a descrição simultâneamente brilhante e púdica, as personagens que me pareciam muito próximas, tudo isso me impressionou. Há muito já que queria realizar um filme sobre boxe, mas de maneira nenhuma a biografia de um campeão... Queria mostrar o inverso, nos bastidores.

Estas palavras são do veterano John Huston, o realizador de **Cidade Viscosa**, que ontem foi exibido em ante-estreia no Cinema Alvalade. Sobre o filme, diz ainda John Huston:

— «Fat City» (Cidade Viscosa) permitiu-me falar de todos esses «boxeurs» que não têm nenhuma possibilidade de vencer, mas que abraçam todos uma esperança de encontrar uma saída. É uma esperança vã, pois estão condenados a lutar apenas em locais miseráveis, em lutas falsas, e nunca chegarão a nada. Continuam, porém, a bater-se na esperança de escapar aos seus destinos, ao abominável trabalho de operários agrícolas. Com efeito eles passam de uma a outra forma de exploração menos deprimente mas igualmente cruel. Esta atmosfera é típica de certas cidades da Costa Oeste, onde a maior miséria está lado a lado com a maior riqueza. «Cidade Viscosa» é um filme que fala da esperança e do fracasso. É, como «The Misfits», uma fábula alegórica sobre a condição humana que tanto amo. Espero, no entanto, que não seja apenas um simples filme naturalista. Há muito tempo já que queria trabalhar com Stacy Keach, pois vira-o em «The Travelling Executionner» em que a sua interpretação era dum modernismo espantoso.

CIDADE VISCOSA

«Fat City» não se encontra em nenhum mapa. É preciso procurá-la nos vales profundos do coração humano. É o sonho de cada um, o paraíso na terra, é também a nostalgia do que foi e não regressará mais, é o que brilha e desaparece no fim do caminho, é a procura muda do viajante.

Billy Tully (Stacy Keach), tem 29 anos, e foi um boxeur cheio de promessas. Depois de um período de bebedeiras devidas ao abandono da mulher, ele tenta, timidamente regressar ao ringue. Durante os treinos encontra um jovem amador, Ernie Munger (Jeff Bridges) que o impressiona a valer! Convence Munger a encontrar-se com o seu velho «manager» Ruben Luna para que possa tornar-se profissional.

Ernie começa a combater e casa com Faie porque ela espera um filho dele, Billy, por sua vez, encontra uma jovem alcoólica tão atraente como patética, num bar de Skid Row. Oma tem um amigo negro com quem vive, Earl. Mas este é apanhado e preso; Billy instala-se então em casa de Oma, vivendo à custa dela e do que ela ganha quando trabalha no campo. Bebem sem parar e nunca deixam de estar embriagados.

Billy tenta retomar os treinos com Ruben, e, assim, vai ao encontro de Ernie que ganha um combate na noite em que Billy é severamente batido por Arcadio Lucero. Desgostoso por ver que os seus ganhos não ultrapassam os 100 dólares, Tully refugia-se de novo na bebida. Como abandonara, porém, a casa de Oma para se treinar, não pode regressar. Earl, saído da prisão, retomou a vida comum. Convencido agora de que é Oma o grande amor da sua vida e não a sua mulher, tristemente, Billy continua a beber.

Um dia, Billy encontra por acaso Ernie regressado de Oakland onde ganhou um combate sem importância. Instalam se num «bistrot» e encomendam cafés. Embora Billy tenha dois anos mais do que Ernie, um e outro estão perfeitamente conscientes que o seu caminho será o mesmo e que ambos acabarão por regressar ao ponto de partida, Stockton. Nunca conseguirão atingir «Fat City», a cidade-miragem.

RETRATO DE UM ACTOR

Nascido em Savannah, na Georgia, Stacy Keach, o novo rosto do cinema americano, é considerado o actor do momento.

— Foi a primeira vez, diz Stacy Keach, **que tive a honra de trabalhar com John Huston. Estou muito contente com o êxito que o meu filme «Doc» conheceu e estou convencido que «Cidade Viscosa» obterá, igualmente, um grande sucesso.**

Stacy Keach pensa voltar para o lado de lá da câmara, para realizar um filme cujo argumento ele próprio escreveu e que será interpretado por Kitty Win. O filme terá por tema a história escabrosa dum incesto.

— Porque se tornou actor?

— Porque não sabia fazer mais nada, e como me interessava por mil e uma coisas, pensei que a única maneira de satisfazer a minha curiosidade seria a de escolher esta profissão. Depois, evoluía de melhor vontade na fantasia de que na vida real. Este trabalho foi para mim uma espécie de fuga na juventude. Hoje dá-se precisamente o contrário; ser actor é para mim uma forma de enfrentar a realidade.

— Qual a linha que seguiu?

— Embora o meu pai fosse argumentista, os actores eram considerados em minha casa como pessoas pervertidas, e daí o quererem que eu tivesse uma profissão séria de advogado, médico... Nada me foi facilitado; mas na escola, e depois na universidade fazia teatro e cinema de 16 mm com os meus camaradas! Interpretei muito Shakespeare e obtive muito êxito com a sátira política «Mac Bird». Depois foi o cinema...

— Por acaso ou por vontade?

— Sempre quis fazer cinema. No cinema, a câmara torna-se o espelho da consciência enquanto que no teatro essa consciência é o público. É uma questão de vibrações que se sentem, quer pela presença da câmara no interior de nós próprios, quer pela sensação de nos encontrarmos no interior do público. A primeira vez que me vi no écran fiquei muito chocado na medida em que o resultado não correspondia em nada ao que eu pretendera fazer... Tive de esperar por «Cidade Viscosa» para me sentir à vontade, na minha própria pele...

— Como foi o seu trabalho com Huston?

— Falamos muito do argumento e repetimos todas as cenas uma semana antes de iniciarmos as filmagens. Huston queria perservar o sentimento que nada tinha previsto. Pessoalmente, vi nessa personagem um homem que sonha ser o que na realidade não é, e que não encara a realidade de frente, preferindo a fuga, como eu quando era um actor jovem...

— Qual é a sua concepção da profissão de actor?

— Creio que é essencial para o actor perder-se na sua personagem, de se deixar absorver por ela. Deve abrir-se, tornar-se absolutamente livre para obter isso; é uma questão de técnica que faz com que ele se surpreenda com a sua personagem.

— Quais as razões que o levaram a realizar um filme?

— Durante umas filmagens numa verdadeira prisão, descobri cartas, canções, e poemas de homens que alí tinham vivido e falei com verdadeiros cadastrados que faziam figuração no filme. Senti então a necessidade de realizar uma história que ilustrasse bem a vida na prisão. Escrevi um argumento baseado no que me dissera um prisioneiro, e ofereci-o a uma televisão que o aceitou. O filme chama-se «The Repeater» e trata do problema dum prisioneiro que regressa sempre após ter saído sem dinheiro e sem segurança pois prefere estar no interior.

— Como actor não sente igualmente o probelma da frustração?

— Sim, é verdade. O sentimento que eu não podia exprimir que um só personagem enquanto o realizador criava um universo. De facto, conheço a pintura a música, o cinema, e gostaria de fazer de tudo; escrever uma sinfonia, pintar e contar tudo em imagens. Mas só existe uma vida, demasiado breve. Assim é preciso preenchê-la o mais possível!

— Que fez depois de «Cidade Viscosa»?

— Interpretei com George Scott um filme de Richard Fleischer «Centuriões do Século XX». Porjecto um novo filme desta vez como realizador. Vou voltar ao teatro para interpretar o papel de Hamlet. Considero este um grande papel e já foi interpretado por dois actores que foram o meu modelo: Laurence Olivier e Jean-Louis Barrault.

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH
(Reconhecida oficialmente)
CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO
CURSOS ESPECIAIS para: pessoal em Viagem e Turismo, Secretárias, Executivos, Professores de Inglês, Funcionários de Banco, pessoal de Hotel e Restaurante

INTERLINK School of English
CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School
CURSOS DE FÉRIAS para menores, 10 — 16 anos

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em Bournemouth, Londres e Oxford sem compromisso para
INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom, Rua Castilho, 38 - 1º E, Lisboa, Telef. 45698

Nome Sr. / Sra.
PP12A
Rua _____ Cidade _____

DESPORTO

Foreman: o retrato

NOVA IORQUE, . (Por Greq Gallo e Darrell Mack, da UPI, exclusivo da ANI em Portugal) . No dia seguinte áquele em que se tornou campeão mundial dos «pesados», George Foreman trouxe á memória tudo aquilo que em breve estaria ao seu alcance: a alta finança, os carros desportivos, as roupas caras, as entrevistas á televisão, o seu futuro na «nobre arte». E pensou: Tudo isto pode esperar. No centro do seu pensamento continuava algo de muito mais significativo, algo que muito mais lhe tocava o coração.

Mais de cem repórteres o aguardavam na piscina de um hotel de Kingston (Jamaica), ansiosos por conhecerem os planos do novo ídolo do pugilismo profissional. Iria ele conceder a desforra a Joe Frazier? e Muhammad Ali (Cassius Clay)? Então, George, que (ou quem) se segue?

Talvez tivessem ficado desapontados com a resposta:

«Agora vou andar pelas ruas e falar aos miúdos. Convencê-los a entrar no bom caminho, a deixar a droga e coisas assim. Dizer-lhes que também têm possibilidades de vencer, tal como eu».

Na verdade, George Foreman tem uma importante mensagem a transmitir aos jovens pobres e inadaptados deste país: foi um deles, e regenerou-se. Quando adolescente viveu «ao Deus dará», ao abandono pelas ruas do bairro da lata de Houston, no Texas. Um deliquente que se embebedava e com frequência se envolvia em lutas.

Agora, Foreman aprendeu a abafar a violência que borbulha na sua alma até soar o «gong». Tornou-se um dos mais agressivos socadores do pugilismo, tal como o mundo teve oportunidade de verificar a 22 de Janeiro, em Kingston, na Jamaica. Em menos de cinco minutos «destruiu» Joe Frazier. Foi a sua 38.ª vitória consecutiva, e a 35.ª por Ko.

Não perdeu nenhum combate como profissional, mas as provações psicológicas que teve de suportar na adolescência quase arruinaram a sua vida. Assim, o seu objectivo agora é dar uma palavra amiga aos miúdos que, do mesmo modo que ele próprio, há apenas seis anos precisam de ajuda.

O êxito não conseguiu apagar da sua memória as más recordações dos dias passados no «Ghetto».

«Eu estava sempre metido em refregas» recordou Foreman ao regressar ao bairro recentemente, para assistir á festa dada em sua honra. Nessa altura, ao contrário do que acontecia há seis anos, os polícias estavam ali para o proteger...

«Lutar fazia parte da minha vida. Lutar por tudo e por nada» acrescentou.

A maioria das refregas não se passou na escola, onde não esteve tempo suficiente para isso: abandonou os estudos aos anos.

«Na escola nunca passei da mediocridade» declarou Foreman, de 24 anos, que actualmente possui uma casa em Hayward (na Califórnia) e outra em Minneapolis (no Minnesota) onde vivem a sua mulher (Ardienne) e a sua filha de sete semanas (Michi).

«Por vezes (prosseguiu) **pensava estar no lugar errado. E não estava disposto a esperar para entrar no liceu porque queria jogar râguebi. Era isso que mantinha o meu interesse. A meio da época lesionei-me numa perna, e os estudos atrasaram-se ainda mais. Era mais do que certo que isso chegaria ao conhecimento do treinador: e não tardou muito. Um dia, estava eu a fumar um cigarro, depois das aulas, o treinador James Bryant viu-me antes de eu poder disfarçar. «George, amanhã vem falar comigo», disse-me ele. Mas nunca mais o vi. Abandonei a equipa.**

Bryant ainda o procurou para tentar chamá-lo à razão, mas inútilmente. Era jovem, tinha as suas próprias ideias. Como o próprio Foreman admite agora, era teimoso, muito teimoso.

«Ninguém me dizia o que devia fazer» diz Foreman.

Agora é a vez de Bryant recordar esses tempos.

Costumava convidá-lo a ir a minha casa. Dizia-lhe que era sempre tempo de mudar, a questão é que ele tivesse vontade. Eu também fora criado no Ghetto e isso não me fizera enveredar pelo mau caminho. Se eu, em vez de ter ido para o liceu de Washington, tivesse ficado em Houston, George não teria entrado no pugilismo: teria jogado râguebi. E seria o melhor. Quando decidia fazer algo, entregava-se ao trabalho de corpo e alma.

Não obstante as afirmações do seu treinador, Foreman não construiu a sua reputação no rectângulo de jogo. Longe disso: era muito mais hábil a socar pessoas na rua.

«Muitos inadaptados juntos e um pouco de vinho eis a receita para uma luta, ou um roubo de vez em quando. A minha corpulência ajudava-me» diz Foreman, que aos 15 anos tinha 1,80 metros de altura e pesava mais de 80 quilos.

Don Thomas, que nesse tempo foi um dos melhores amigos de Foreman, é actualmente professor de química da Universidade do Texas. Recorda ele.

Monkey (Macaco) Alcunha de Foreman quando era garoto **era extraordinàriamente constituído e corria com os mais velhos. Luta em que ele entrasse, o melhor era desistir-se. Se ele apanhava algum partia-lhe a espinha. Em poucos minutos havia dois ou três no chão. Os outros utilizavam navalhas ou coisas do género: mas George não precisava, pois os seus punhos eram suficientes».**

«A Polícia apanhou-me várias vezes diz ainda Foreman. **A última vez foi por partir vidros das janelas. Nessa altura, eu já tinha quase abandonado esse «divertimento», mas poucos anos antes partir vidros de janelas era o meu grande prazer».**

Para a inadaptação de Foreman podem tambem ter contribuido dois outros factores: a separação dos pais e o colapso nervoso sofrido pela sua mãe, em 1963. A esse respeito, lembra a senhora Nancy Foreman:

«Esse colapso nervoso abalou-o profundamente. Ele era muito chegado a mim, mais do que os outros. Talvez porque, sendo ele tão brigão, eu tinha de me ocupar mais dele».

Cassius Clay:

Ken Norton está na linha de fogo

Nascido de uma família negra da classe média, em Louisville, no Kentucky, em 17 de Janeiro de 1942, Cassius Clay iniciou a sua carreira de pugilista apenas com 12 anos de idade.

Certo dia, quando a sua bicicleta foi roubada, Clay apresentou queixa na Esquadra da Polícia. O agente Joe Martin, a quem o jovem se dirigiu, notou imediatamente que ele era excepcionalmente desenvolvido para a sua idade, e convenceu-o entrar para a equipa de pugilismo da cidade.

Desde então, Clay dedicou-se inteiramente à «nobre arte», e de 108 combates que disputou como amador venceu cem. Ganhou por duas vezes o torneio nacional das «luvas de oiro» e, em 1960, conquistou a medalha de oiro olímpica na categoria de «meios pesados».

Logo após os Jogos Olímpicos tornou-se profissional, com o apoio de uma associação de negociantes de Louisville. Clay recebeu dez mil dólares pela assinatura do contrato e o seu salário mensal foi fixado em quatrocentos dólares. Da «bolsa» de cada combate recebia cinquenta por cento, ficando o resto depositado num Banco. As despesas de treino corriam por conta da associação.

Os seus progressos foram rápidos: e, em 24 de Fevereiro de 1965 arrebatou a Sonny Liston o título mundial dos «pesados». Poucos dias depois de se tornar Campeão do Mundo, anunciou que desde 1963 aderira à seita dos muçulmanos negros, pelo que gostaria de passar a ser conhecido por Muhammad Ali.

A sua popularidade era enorme. Mas, em 17 de Fevereiro de 1966 as coisas começaram a não lhe correr de feição. Nesse dia foi dado como apto para o serviço militar, numa segunda inspecção: em 1964 fora rejeitado, por ter sido reprovado no «test» de inteligência...

Clay (Ali) iniciou uma série de apelos, alegando objecções de consciência. Todos os apelos foram rejeitados e, em 28 de Abril de 1967, viu-se convocado para o serviço militar. Não obedeceu, e em pouco tempo a maioria das organizações oficiais de pugilismo tinham-no suspendido, retirando-lhe o título mundial.

Clay esteve inactivo até Outubro de 1970, altura em que o Supremo Tribunal se pronunciou a seu favor. Regressando ao ringue, derrotou Jerry Quarry por KO: mas, entretanto, o título de Campeão do Mundo passara para Joe Frazier.

Ninguém duvidava de que estava próximo o dia do «grande combate», entre Clay e Frazier. Assim aconteceu, a 8 de Março de 1971, e Frazier saiu vencedor, depois de ter derrubado o seu adversário no último assalto.

O combate-desforra parecia inevitável. Seria, sem dúvida, o maior acontecimento na história do desporto pugilístico. Porém, há poucas semanas, Frazier perdeu o ceptro a favor de George Foreman e este não deixou margem para dúvida de que não tenciona enfrentar Clay antes de um ano ou dois.

Assim, com 31 anos, Clay vai defrontando adversários da estirpe de Joe Bugner e Ken Norton...

Clay mede 1,90 metros e pesa 98,4 quilos. Venceu 41 dos quarenta e dois combates que disputou como profissional. Casado pela segunda vez, tem três filhos e vive numa luxuosa residência de Cherry Hill, em Nova Jérsia, um subúrbio de Filadélfia. Dentro de dias jogará contra Ken Norton: que irá passar-se?

Foreman: a outra mira de Cassius

ANDEBOL

SCHMIDT REGRESSOU AO "SETE" ALEMÃO

. A selecção da Alemanha Federal perdeu em andebol com a Checoslováquia (medalha de prata nos Jogos Olímpicos), num jogo realizado no pavilhão Gruga, de Essen. O resultado final foi de 20-14, situando-se ao intervalo em 10-7, já favorável aos checos. Assinala-se, entretanto, o regresso do melhor goleador da Alemanha e talvez do mundo, Hansi Schmidt, a grande «estrela» do Gummersbach.

Schmidt tinha abandonado os trabalhos da selecção em véspera dos Jogos Olímpicos, como protesto contra a escolha dos dirigentes. Sem ele, a selecção alemã parece um corpo sem cabeça: e, por isso, o prof. Kaestler, actual técnico, convenceu-o a regressar. O jogo de estreia foi contra a Suécia, em que Schmidt (na gravura rematando à baliza) foi, uma vez mais o atacante mais perigoso.

O futuro treinador da Alemanha Federal, o jugoslavo Vlado Stenzel, já declarou que atribui muita importância à manutenção de Schmidt na selecção. No seu clube, já foi várias vezes campeão europeu, tendo empatado em Lisboa, com o Sporting, no decorrer de uma das competições oficiais da modalidade, com Schmidt na primeira linha de «jogo».

DESPORTISTAS DISTINGUIDOS PELA CASA DA IMPRENSA

Três desportistas vão ser distinguidos esta semana pela Casa da Imprensa, graças aos predicados atléticos e morais demonstrados ao longo do ano de 1971. São eles Adílio Silvério e Carlos Lopes (atletas do ano) e José Henrique (futebolista). Paralelamente o eng.º Vasco Pinto de Magalhães recebe a distinção que um júri da Casa de Imprensa lhe concedeu, como melhor técnico amador do ano (modalidade: râguebi).

Os prémios são distribuídos no decurso da Gr a n de Noite do Fado, no Coliseu dos Recreios, no próximo sábado à noite. Os bilhetes para o acontecimento que faz parte da tradição lisboeta estão já à venda.

José Henrique: o melhor do ano

A "QUINZENA QUENTE" DAS SELECÇÕES

O sono de José Augusto vai ficar mais quinze dias «adiado», tal é a carga de complicações, emoções e responsabilidades que o espera, até ao dia fulcral de 28 do corrente, uma etapa decisiva para o futebol português a nível internacional.

Com os treinos que marcou para a manhã da próxima quarta-feira e para a tarde de quinta, o seleccionador nacional de todas as categorias deu o passo inicial para essa «quinzena louca» que vai culminar com a girândola de três jogos no mesmo dia: um em Conventry, contra a Irlanda do Norte, em selecções principais e a contar para as eliminatórias do campeonato do Mundo; outro em Bruxelas, com a selecção junior envolvida na disputa com a Bélgica, para o torneio europeu da categoria e um terceiro em Lisboa, entre as selecções de Portugal e Itália, de menos de 23 anos.

Humberto Coelho: a ausência que a selecção principal não pode sentir

Quanto aos futebolistas mais famosos, as complicações prendem-se apenas com algumas lesões que alteraram o xadrez fundamental da equipa. Se Malta da Silva pode ser substituído por Artur, já se torna mais difícil encontrar um homem para a vaga aberta pela lesão grave de Humberto Coelho, que (quase certo) não defrontará a Irlanda. José Augusto, pelas convocatórias já divulgadas, optou por uma solução que parece certa, recorrendo de novo aos serviços de Rui Rodrigues (certamente terá com ele a adequada conversa explicativa dos motivos porque o preferiu contra a França...) colocando-o ao lado de Freitas na muralha defensiva da rede de José Henrique. O resto, como contra a França, com a subsequente moralização da vitória e com a tranquila confiança de quem sabe que pode ganhar, seja contra quem for. Neste caso, contra uma Irlanda desfalcada de Best, jogando longe de Belfast (onde a vida queima diáriamente e onde o horizonte não é propício a jogos de futebol), mas no ambiente húmido e nebuloso em que actua a maioria dos seus jogadores.

Após duas vitórias sobre o grupo de Chipre, um triunfo ou mesmo um empate seria ouro sobre azul: e a possibilidade de, em Maio, a selecção viajar à Bulgária e jogar tudo por tudo.

DESENCONTRO CLUBES-SELECÇÕES

Nos trabalhos da selecção de «esperanças» (idade inferior a 23 anos) tem havido menos rosas e o futuro não está tão clarificado. O último contratempo surgido assume extraordinária importância e significado, pois deu indícios de um desencontro clubes-seleção que pode ser extremamente prejudicial, se não for debelado a tempo.

Na manhã de quinta-feira, tanto Allen como Hagan (não é por chauvinismo ou anglofobia que apontamos os nomes, mas sim porque, efectivamente, estiveram na base das complicações) submeteram os seus pupilos, no Sporting e no Benfica, a sessões de preparação tão ou mais intensas que nas outras ocasiões. Com a agravante de estarem convocados para o treino da tarde, na selecção de «esperanças» Vítor Martins, Jordão e Matine (do Benfica), Chico, Laranjeira e Fraguito (do Sporting). De nada valeram os pedidos de brandura por parte dos jogadores, de nada resultou a informação de que à tarde teriam um treino de conjunto «puxado». Allen e Hagan não tiveram contemplações: e aconteceu que estes seis jogadores, a base e a estrutura da selecção, se apresentaram contra o Barreirense em mau estado físico e sem possibilidades de se aplicarem convenientemente.

Julgamos que tenha sido (apenas) um mal entendido e que não se repita. Se não for isso, então a Federação terá mesmo de tomar medidas drásticas, como seja convocar os futebolistas em causa para estágio, um dia antes. Com as consequentes despesas (dispensáveis) e atritos.

O que espera os «sub-23»? Pouco se sabe da Itália, a não ser que ganhou por 1-0 em recente jogo com a Turquia, numa cidade italiana. Mas, pode calcular-se pelo desenvolvimento geral do calcio», pelo elevado número de profissionais e pelo seu tradicional tecnicismo. Esperemos (pois) por este jogo, o único travado em Portugal na quarta-feira «H», dia 28 deste mês de Março.

REGIONALISMO JUNIOR

Se bem que as equipas do Sporting e do Belenenses sejam base da selecção (cinco de cada equipa, nos 22 nomes indicados à UEFA), pode dizer-se que José Augusto teve a preocupação de regionalizar ao máximo o grupo junior, convocando elementos que não compareciam (por hábito) nas sessões de trabalho futebolístico na capital. Só assim foi possível ver em acção jogadores de Benavente, Elvas e Palmela, para não falar já de um novato de Guimarães e várias caras novas do Sporting e Barreirense, iniciadas nestas andanças.

A atitude de José Augusto é de referir: quanto mais não seja (e na equipa definitiva poucas novidades deve haver) constituiu um incentivo para quem trabalha no silêncio dos clubes da província. De futuro (com mais rodagem) e depois de ambientados é bem possível que um ou outro jovem futebolista destes agora convocados pela primeira vez seja chamado a missões de maior responsabilidade.

E, para os dois jogos com a Bélgica, bem precisos vão ser todos os reforços e todos os cuidados, uma vez que, pelas informações chegadas aos comandos técnicos da selecção, o grupo belga é mesmo forte, com elementos de formação futebolística de nível

José Augusto e Peres Bandeira: serenidade na responsabilidade de uma quinzena quente

senior e dirigidos com a habitual agressividade de Raymond Goethaks.

São dois jogos «para doer». Os juniores portugueses sabem isso. Por isso se justifica compenetração no trabalho e ausência total de tibiezas, para não se repetir o «desastre» de Badajoz...

Os juniores à espera da Bélgica. Optimistas, mas atentos às explicaçõesde José Augusto

Fraguito, no centro das atenções dos «menos de 23 anos», para o jogo com a Itália

Mini campeonatos: números e nomes

Jogados (aproximadamente) três quartos do Campeonato Nacional da I Divisão vejamos (como curiosidade) os futebolistas de cada clube que alinharam em todos os encontros, bem como aqueles que foram mais vezes substituídos.

BENFICA — Totalistas: José Henrique, Humberto, Toni e Simões. Máximo de substituições: Nené (4 jogos em 20) e Simões (4 jogos em 22).

BELENENSES — Totalistas: Mourinho, Murça, Calado, Freitas, Quaresma, Quinito, Laurindo e Luís Carlos. Máximo de substituições: Godinho (4/16).

VITÓRIA DE SETÚBAL — Totalistas: não há. Jogadores com mais partidas disputadas: Rebelo, Mendes, Octávio, Câmpora, José Torres e Duda (21 jogos). Máximo de substituições: Arcanjo (8/18).

F. C. PORTO — Totalistas: Guedes, Pavão e Abel. Máximo de substituições: Oliveira (6/20).

SPORTING — Totalistas: Damas, Carlos Pereira, Yazalde e Nelson. Máximo de substituições: Pedro Gomes (4/12) e Vagner (4/12).

CUF — Totalistas: Conhé, Arnaldo, Vítor Gomes, Manuel Fernandes e Monteiro. Máximo de substituições: Monteiro (8/22).

BOAVISTA — Totalistas: Bernardo da Velha, Mário João, Moura, Barbosa e Acácio. Máximo de substituições: Acácio (15/22).

VITÓRIA DE GUIMARÃES — Totalistas: Costeado, Manuel Pinto, José Carlos, Osvaldinho, Ernesto, Silva e Tito. Máximo de substituições: Silva (6/22).

LEIXÕES — Totalistas: Fonseca, Teixeira e Raul. Máximo de substituições: Eliseu (7/15).

MONTIJO — Totalistas: José Martins, Celestino, Moreira, Simplício e Rachão. Máximo de substituições: Rachão (5/22).

BARREIRENSE — Totalistas; Patrício e Luís Mira. Máximo de substituições: Nelson Faria (7/21).

FARENSE — Totalistas: Sério. Máximo de substituições: Mirobaldo (5/17) e Jorge Félix (5/9).

UNIÃO DE COIMBRA — Totalistas: não há. Jogadores mais vezes utilizados: Melo e Barros (21 jogos). Máximo de substituições: Nisa (5/20).

BEIRA-MAR — Totalistas: Marques, Soares, Severino, Eurico e Colorado, Máximo de substituições: Almeida (6/19).

UNIÃO DE TOMAR — Totalistas: Kiki, João Carlos, Cardoso, Manuel José e Camolas. Máximo de substituições: Camolas (11/22).

ATLÉTICO — Totalistas: não há. Jogadores com mais partidas disputadas: Baltasar (21 jogos). Máximo de substituições: Raimundo (4/17) e Zézinho (4/12).

OS JUÍZES

São já em número de trinta e três os árbitros utilizados neste «Nacional». Vejamos os mais assíduos: António Garrido (13 jogos), Mário Alves e Porém Luís (10), Joaquim Campos (9), Américo Barradas, António Espanhol, Carlos Dinis, César Correia, Fernando Leite e João Nogueira (8), Ismael Baltasar (7), Fernando Gomes, Francisco Lobo, Jaime Loureiro e Maximino Afonso (6), Adelino Antunes, Armando Paraty, Henrique Silva e Raul Nazaré (5).

MÚSICA SACRA NA IGREJA ALEMÃ

Messiaen e Bach irão ecoar pelo espaço sacro da Igreja Evangélica Alemã em Lisboa, na noite de quarta feira. Pelas mãos de Karl Hochreiter professor da Escola de Música Sacra e organista da Kaiser Wilhelm Gedaechtniskirche, de Berlim. Serão executadas obras pouco conhecidas entre nós, não só dauqles dois compositores mas também de Max Reger, Ernest Pepping, Buxtehude e Messiaen. A entrada é livre e o local situa-se na Av. Columbano Bordalo Pinheiro 48.

SINDICATOS NACIONAIS DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DOS DISTRITOS DE LISBOA, PORTO E COIMBRA

AS VIÚVAS DE EMPREGADOS BANCÁRIOS (OU SEUS FILHOS MENORES OU INCAPACITADOS DE TRABALHAR)

Desde 5 de Junho de 1970 que, por força do C. C. T. dos Empregados Bancários, os estabelecimentos bancários estão obrigados a pagar, por morte dos seus empregados, no activo ou já reformados, o seguinte:

«Uma pensão mensal de sobrevivência, a favor da viúva, desde que o empregado, à data do seu falecimento, tenha mais de cinco anos de serviço e haja contraído matrimónio há mais de um ano.

A pensão será mantida enquanto a viúva se conservar nesse estado.

Se o empregado não tiver deixado viúva, ou por morte desta, a pensão reverterá a favor dos filhos do empregado, enquanto forem menores ou sofrerem de incapacidade permanente e total para o trabalho».

Estas normas são aplicáveis também aos casos que se reportem a data anterior a Junho de 1970.

Tem entretanto vindo a verificar-se que há familiares sobreviventes de empregados bancários que continuam sem receber a pensão por desconhecerem o direito que lhes assiste.

Chama-se, por isso, a atenção dos interessados para a conveniência de se dirigirem aos Sindicatos dos Empregados Bancários das áreas em que se situava o estabelecimento bancário em que o empregado falecido prestava serviço para se informarem cabalmente dos direitos que lhes assistem.

Para esse efeito, a seguir discriminamos os distritos abrangidos na área de cada Sindicato:

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE COIMBRA:
Leiria, Guarda, Coimbra e Viseu.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA:
Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Santarém, Setúbal, Angra do Heroismo, Funchal, Horta e Ponta Delgada.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO:
Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTRO-LOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

PARA O PERÍODO DE 11 A 17 DE MARÇO

horóscopo pelo astrologo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: — As influências contrárias aos seus interesses sentimentais teimam, por enquanto em fazer sentir os seus efeitos, se bem que em menor intensidade. A prudência com amizades, a paciência com o ser amado e com os seus familiares, devem ser a sua bússola durante esta semana.

DINHEIRO: — No plano financeiro só com um bom raciocínio levará a bom termo os seus interesses.

PROFISSÃO: — A sua posição poder-se-á tornar embaraçosa, se der motivo a atritos ou más vontades no seu emprego. Procure não alterar nada, de contrário encontrar-se-á numa situação delicada.

SAÚDE: — Qualquer mal-estar é proveniente do estado de espírito que presentemente atravessa.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: — O período apresenta-se feliz para aqueles que desejarem casar. O ambiente familiar decorre sob bons auspícios e num clima tranquilo. As pessoas de família e as amizades prestarão a sua ajuda sobretudo moral, para que tudo corra bem na sua vida sentimental.

DINHEIRO: — Financeiramente é propício para alcançar, em parte, o desejado. Não tome deliberações de ânimo leve.

PROFISSÃO: — Neste período deve pôr em prática os seus projectos importantes. Os astros influem benéficamente sobre as suas iniciativas. Concentre os seus esforços e proceda confiadamente.

SAÚDE: — Pequenos incómodos de ordem passageira. Repouse o necessário.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: — O período é pouco favorecido neste capítulo. A moderação e a paciência são os trunfos com que deve jogar para que não haja agravamento na sua vida sentimental durante esta semana.

DINHEIRO: — A sua actividade neste campo será feliz se limitar a sua acção a empreendimentos e negócios de carácter rápido e prático.

PROFISSÃO: — A actividade profissional caminhará com uma certa lentidão, mas observa-se segurança em todos os seus actos. Fuja das complicações de novas empresas que requeiram grandes responsabilidades e rapidez de execução.

SAÚDE: — Estará em óptima forma física e isso muito contribuirá para que o seu espírito de iniciativa dê o melhor rendimento.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: — A sua disposição durante esta semana é confiante, honesta, simpática e idealista. Boa oportunidade para melhorar a sua posição sentimental, as relações familiares e tratar de assuntos importantes relacionados com os seus interesses domésticos e amorosos.

DINHEIRO: — Os seus assuntos de carácter financeiro sofrerão aumento, isto é, beneficiarão de uma certa melhoria, tanto pelo seu esforço próprio como pela intervenção favorável de outros.

PROFISSÃO: — Mostre-se sob reserva nas suas ocupações profissionais. Tenha prudência em todos os assuntos. A atenção e perspicácia são-lhe muito úteis durante a corrente semana.

SAÚDE: — Não se observam grandes alterações no seu estado de saúde. Não faça excessivos esforços e procure consolidar o seu estado actual.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: — Pode contar com protecções secretas nos seus casos de coração. Alguém se interessará por si para vos ajudar a compor a vida familiar e amorosa.

DINHEIRO: — A actividade que despender não será em vão, porque os ganhos compensarão a sua actividade e todo o seu esforço. Momento oportuno para aplicar o seu capital em empreendimentos cujos resultados não são imediatos, mas terão êxito no futuro.

PROFISSÃO: — Entregue-se com mais entusiasmo ao seu trabalho se não quiser ver fracassado todo o seu esforço anterior. A sua inconstância pode ser a causa desse infortúnio. Mantenha-se firme e não tome decisões precipitadas.

SAÚDE: — É grande o seu nervosismo e a sua impaciência, mas com um pouco de calma e perseverança, e algum repouso, tudo decorrerá da melhor forma.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: — Os maus aspectos astrais do seu signo conferem-lhe durante a presente semana, uma disposição melancólica e certas apoquentações no campo afectivo.

DINHEIRO: — As possibilidades financeiras desta semana são minguadas, em parte devido a desinteligências em sociedades ou falsas amizades. De qualquer modo o período é pouco compensador.

PROFISSÃO: — Proceda com cautela antes de agir e mantenha-se na defensiva em todos os assuntos referentes á sua actividade e aos seus afazeres quotidianos. Não tome a seu cargo novas responsabilidades.

SAÚDE: — Não é má, mas o seu estado de nervos continua a fazer sentir os seus efeitos. Tente distrair-se e, se possível, viaje ou mude de ambiente.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: — Semana de aborrecimentos do plano afectivo. Nos assuntos de amor e na sua vida domésticas as coisas não estarão a seu favor. Possibilidades de pequenos desentendimentos.

DINHEIRO: — Pensará em muito dinheiro, em projectos grandiosos, aventuras financeiras, etc., quando afinal — salvo raras excepções — conseguirá durante este período apenas o normal.

PROFISSÃO: — Afaste a ideia de novas responsabilidades. Siga o caminho do dia-a-dia e escute os conselhos amigos das pessoas idóneas. Na verdade, o momento não é indicado para novas aventuras, que importam em maiores responsabilidades e grandes gastos.

SAÚDE: — Observa-se um certo desalento que pode pôr em perigo a sua resistência física.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: — Período benigno á sua vida amorosa, doméstica e familiar que decorrerá portanto em condições muito harmoniosas e agradáveis. A altura é propícia para introduzir alterações e modificações no lar. Os assuntos de família e os problemas amorosos estão sob excelentes influências astrais.

DINHEIRO: — A influência de Mercúrio — seu planeta governante — indica uma semana auspiciosa em matéria de finanças.

PROFISSÃO: — Os afazeres quotidianos marcham no plano desejado. Continue com entusiasmo e tome iniciativas com o propósito de melhorar a sua posição actual.

SAÚDE: — Nada de especial se observa para esta semana, a não ser pequenas ansiedades que pode combater com o domínio dos nervos.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

AMOR: — No domínio sentimental as coisas não correm a seu favor. No ambiente familiar há grandes possibilidades de se verificarem perturbações de humor, que poderão ocasionar desinteligências, assim como no círculo das suas relações sociais e nos seus problemas puramente amoroso.

DINHEIRO: — Adapte-se ás circunstâncias, pois o esforço que fizer nem sempre corresponderá ao resultado. Não se arrisque financeiramente. Diminua as despesas e adie o que puder ser adiado.

PROFISSÃO: — Continue o caminho que trilhou anteriormente. Não faça alterações de espécie alguma. Espere com serenidade a altura propícia de agir, porque a pressa pode prejudicar-vos.

SAÚDE: — Repouse convenientemente para recuperar a vitalidade e recompor os nervos.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: — Período falso aos seus interesses amorosos. Pondere bem todos os seus actos, meça bem as palavras e, sobretudo não provoque discussões. Igualmente, não dê azo a que assuntos antigos voltem a estar em evidência, porque poderão ser um ponto de partida á discórdia e ao desassossego.

DINHEIRO: — Grande incerteza e insegurança quanto á sua situação financeira. Procure a todo o custo não mostrar aos seus amigos que está tão mal como consta entre eles.

PROFISSÃO: — Deve adiar todo e qualquer projecto que tiver em mente. Não desanime e aguarde que as influências lhe sejam mais propícias.

SAÚDE: — Tome cuidado com o escolher para a sua alimentação, principalmente no que respeita a liquidos.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: — Atravessará um período de meditação. Este estado de espírito não lhe permite dar muita atenção aos acontecimentos que se passem em redor da sua presença. Por vezes pode até causar uma certa estranheza a sua maneira de agir.

DINHEIRO: — A semana é de grande importância neste capítulo. Conserve-se ao corrente de tudo quanto diga respeito aos seus interesses financeiros. Cuidado com a tendência para a extravagância, devida a exageradas preocupações com o vestir e prazeres.

PROFISSÃO — O período não é favorável para efectuar grandes negócios. Devido ás coisas não lhe correrem de feição haverá uma certa tendência a discussões com os seus sócios e amigos intimos. Tente dominar-se e aguarde melhores dias.

SAÚDE: — Pequenas indisposições de ordem passageira.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

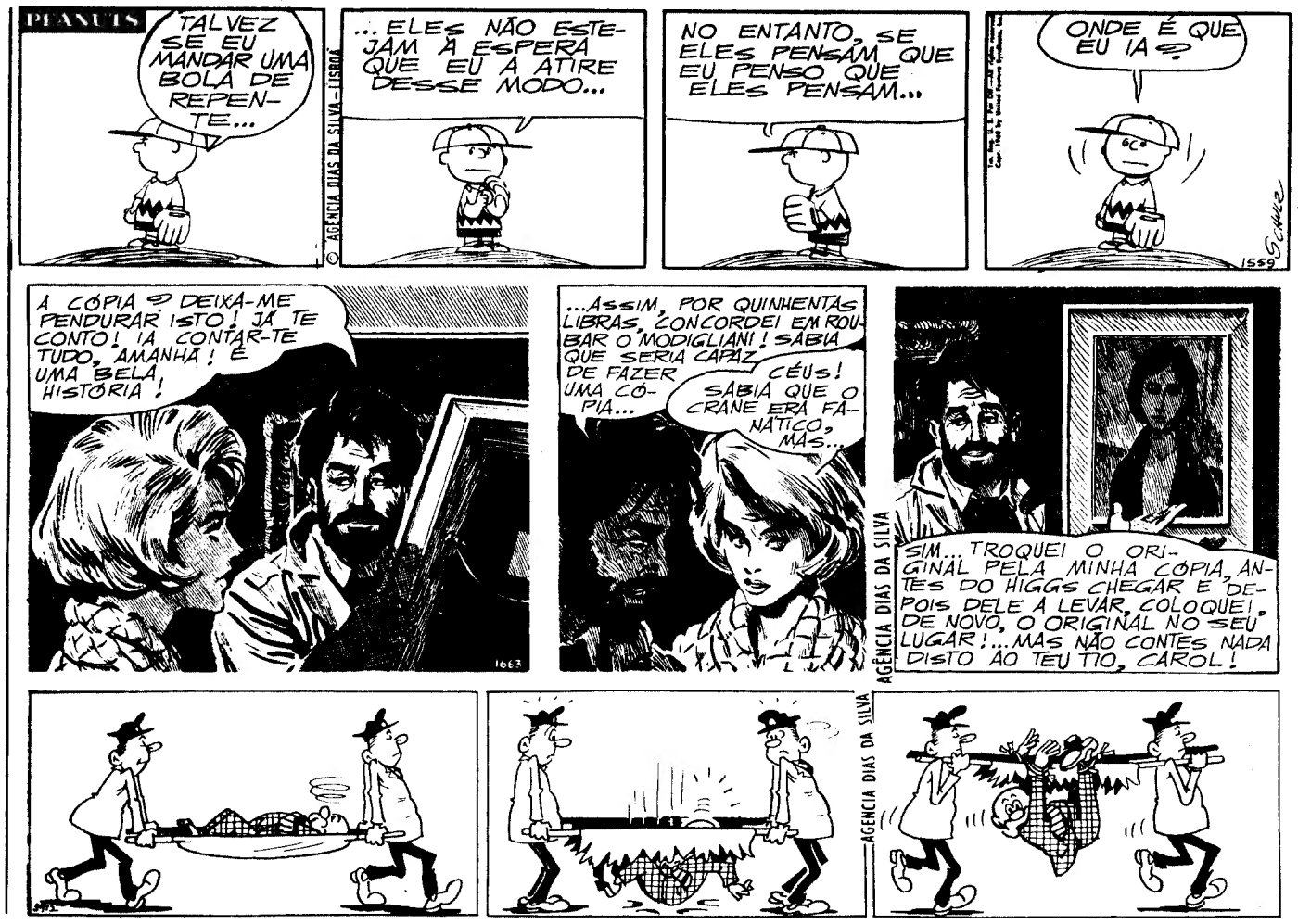
AMOR: — Semana em que será alvo de muitas atenções, mercê do seu magnetismo pessoal. Excelentes satisfações amorosas e conjugais. Um acrescimento do seu encanto facilitará os seus interesses tanto de ordem familiar como sentimentais.

DINHEIRO: — Explore as facilidades que se depararem para aumentar os seus rendimentos. Excelente para comprar e negociar em papeis de crédito, acções e operações da bolsa.

PROFISSÃO: — No domínio profissional conseguirá uma melhoria com bons indícios de continuar a aumentar. Se tiver necessidade de fazer deslocações por causa de negócios, é da máxima importância que seja pessoalmente a tratá-los.

SAÚDE: — Precavenha-se contra os excessos de ordem física e mental. A moderação e a temperança, evitarão muitos males.

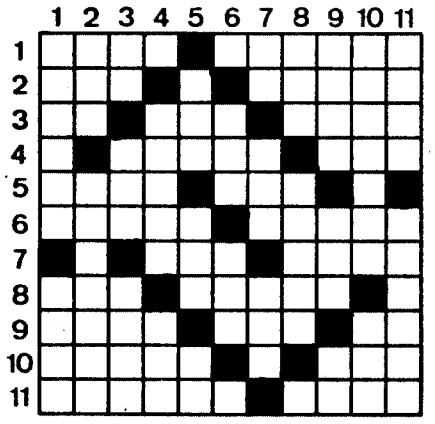
Crow Doc (à esquerda), um médico americano dirigente do American Indian Movement (A.I.M.) ao lado dos tradicionais cachimbos da paz e do crânio de búfalo no local onde há 83 anos se deu o massacre de Wounded Knee. Elementos da organização A.I.M. têm tentado negociar um acordo entre os índios da reserva de Pine Ridge e o Governo federal.



PASSATEMPOS CRUZADOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10364



HORIZONTAIS

1 Aquele que. Motejar (Prov. minh.).
2 Larva das feridas dos animais. Espesso.
3 Preposição e artigo definido. Chefe etiope. Artigo (fig).
4 Colocarás. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
5 Soas. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
6 Cidade de França. Calculas.
7 Isolados. Apelido.
8 Doença. Província de Portugal.
9 Uma das partes do mundo. Dê mios. Tempo do verbo ir.
10 Rio de França. Título de uma das mais belas tragédias de Corneille.
11 Lança sementes. Ralador.

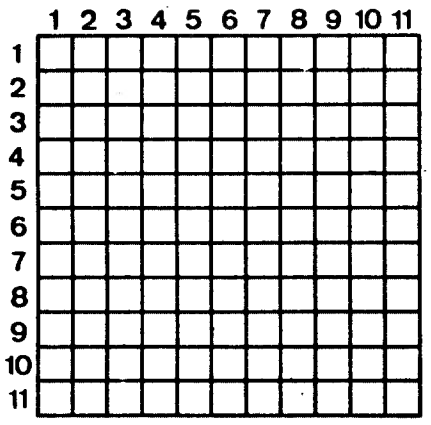
VERTICAIS.

1 O mesmo que quantos. Em mais alto grau.
2 Boi selvagem. Avaliasse.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Igual. Ligam.
4 Nome de flores. Medida de superfície.
5 Cidade da Ucrânia. Ruído. Nessa ocasião.
6 Figura que simboliza o povo americano. Consentimento.
7 Rio da Russia. Chiste. Ninho.
8 Rio da Escócia. Apanha.
9 Pronome demonstrativo. Tanto. Cálcio (s.q.)
10 O mesmo que teimar. Reles.
11 Cidade de itália. Extraído.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6520



HORIZONTAIS

1 Antigo peso de Malaca. A morte
2 Poente. Detestar.
3 Dos polos. Roubo.
4 Interjeição que designa satisfação. Verbais.
5 Tornara galante.
6 Gosta muito de.
7 Em partes iguais. Nordeste.
8 Peixe do Atlântico e do Mediterrâneo.
9 Arrostai. Bradai.
10 Defunto. Apelido.
11 Freguesia do concelho de Fafe. Freguesia do concelho de Guimarães.

VERTICAIS

1 Madeira da ilha do Príncipe, talvez da árvore que em São Tomé se chama nespera. Pescada moída (T. de Buarcos).
2 Além. Grande quantidade.
3 Cercado. Frágil.
4 Planta vivaz e medicinal. Matança de gado.
5 Cidade do estado de São Paulo. Cursos de água naturais e abundantes.
6 Soluço.
7 Que tem poros. Assunto.
8 Venera. Errar.
9 Versejara. Macaco americano.
10 Competia. Preposição e artigo definido.
11 Anéis. Visa novamente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10363

HORIZONTAIS:

1 Acaba. Traga.
2 CADA. Eram.
3 Anila. Agita.
4 Ne. Impar. UM.
5 Açor. Arne.
6 As. Io.
7 SS. Po. Ir. Sa.
8 Removes.
9 Nisso. Elara.
10 Ho. Atei.
11 Asara. Arara.

VERTICAIS:

1 Açana. SONHA.
2 Canecas. Ios.
3 Adi. Os. Rs.
4 Balir. Pesar.
5 Am. COMO.
6 Pu.
7 Aa. VIVE.
8 Regra. Relar.
9 Ari. Ri. Satã.
10 Gatunos. Rer.
11 Amame. Amaia.

PROVÉRBIO: Cada um sonha como vive.

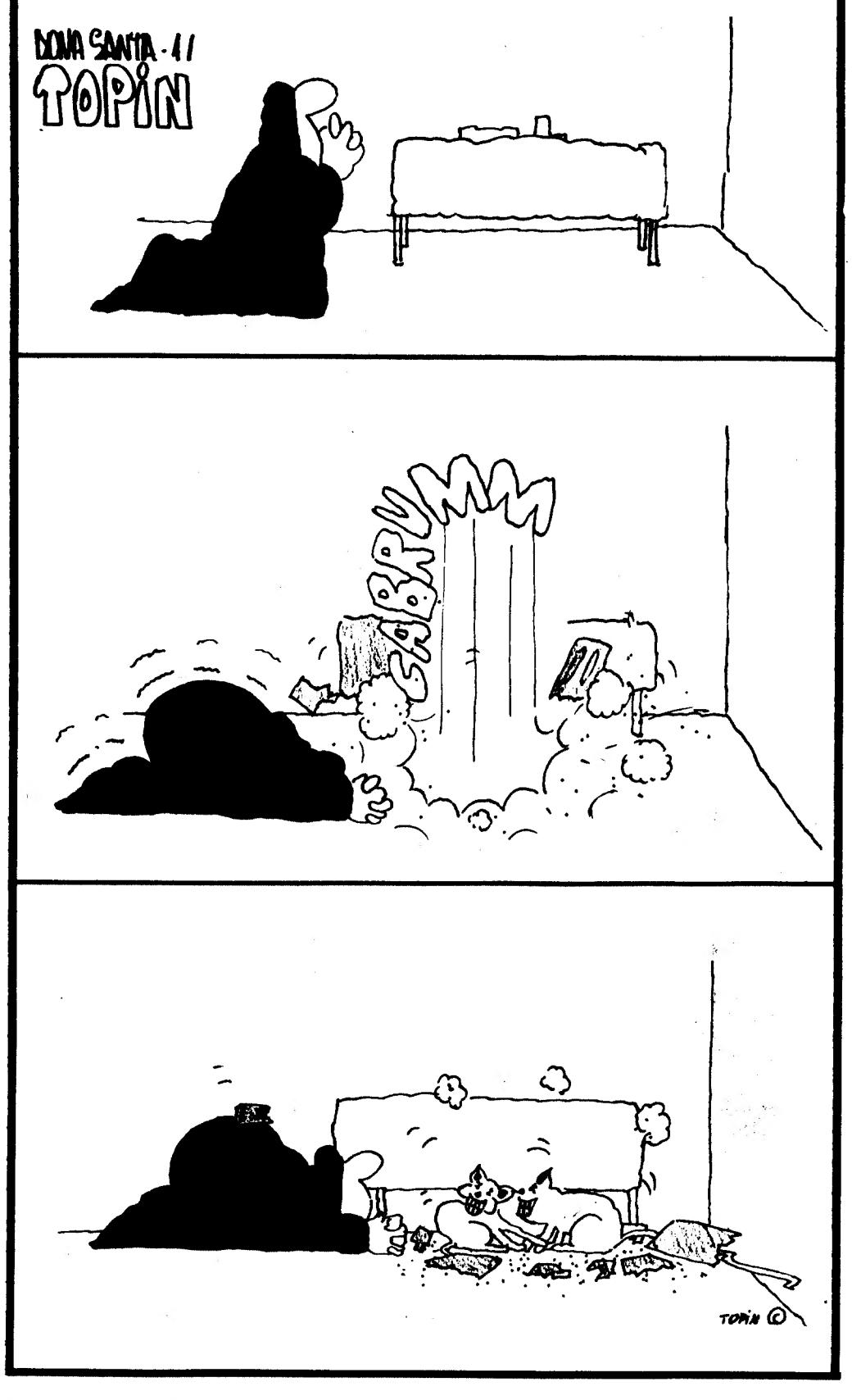
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6519

HORIZONTAIS:

1 Papas. Colas.
2 Abás. Pile.
3 Tar. Mãe. Sir.
4 Irara. Satão.
5 Aarão. Tiara.
6 Izmir.
7 Giova. Caida.
8 Damão. Aotos.
9 Usa. Aar. Ama.
10 Rina. Alar.
11 Osaca. Açora.

VERTICAIS:

1 Patia. Gouro.
2 Abara. Oásis.
3 Parar. Imana.
4 As. Raiva. Ac.
5 Mãozada.
6 Pa. As.
7 Esticar.
8 Op. Airão. Ac.
9 Lista. Italo.
10 Aliar. Domar.
11 Seora. Asara.



Aplique o seu dinheiro em propriedades construídas por J. PIMENTA, SARL

Em Lisboa, Paço de Arcos, Cascais, Reboleira (Amadora), Sesimbra, Coimbra, Figueira da Foz, Castelo Branco, Porto e Algarve (Praia da Rocha)

PODE COMPRAR

Andares, Apartamentos, Estabelecimentos Comerciais, Garagens, Armazéns ou Fábricas para a Indústria onde o seu dinheiro rende

J. Pimenta SARL

Organização séria de sólido prestígio

EDIFÍCIO-SEDE QUELUZ — Av. António Enes, 25. Tel. 95 20 21/5

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º. Tel. 4 58 43
CASCAIS — Conjunto Turístico da Pampilheira. Tel. 28 39 88
PAÇO DE ARCOS — B.º Comendador Joaquim Matias. Tel. 243 35 11/243 14 23
PORTO — Rua Campo Alegre, 17-3.º. Tel. 69 32 71/69 32 28/69 32 58
PRAIA DA ROCHA — Estrada do Vau. Tel. 2 43 32

DELEGAÇÕES

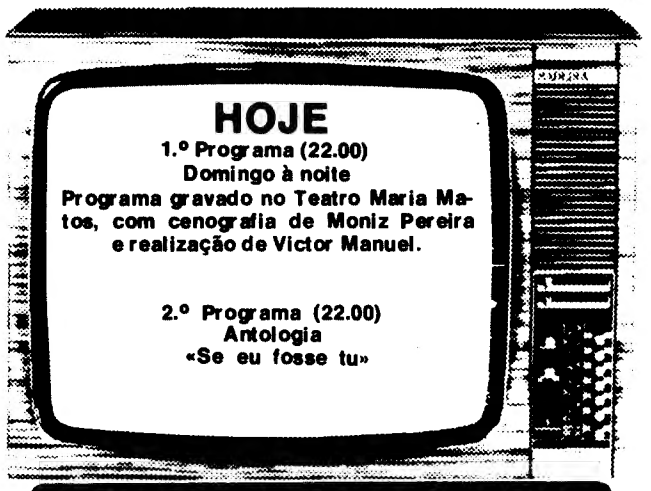
BRAGA — Av. Marechal Gomes da Costa, 590-3.º, Dt.º. Tel. 2 64 16
CASTELO BRANCO — Rua da Figueira 5-1.º
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 470-1.º, Sala 1. Tel. 2 41 52
GUARDA — Rua Marquês de Pombal, 3-2.º. Tel. 765
VISEU — Aven. Dr. António José de Almeida, 23-4.º, Fr. Tel. 4 61 03/2 52 47

AGENTES — AVEIRO — Rua de S. Sebastião, 127. Tel. 2 26 91 ● LEIRIA — Av. Combatentes da Grande Guerra, 12-1.º. Tel. 2 41 33. ● PORTALEGRE — Av. Pio XII, 1-1.º, Esq.º. Tel. 728 ● BRAGANÇA — Largo do Toural ● TORRES VEDRAS — Tel. 2 29 56 ● LAMEGO — Rua do Almacave, 114. Tel. 373 ● VILA REAL — Rua Alexandre Herculano, 5. Tel. 2 36 29 ● S. BRÁS DE ALPORTEL — Tel. 4 23 88 ● CHAVES — Rua de Santo António, 169.

SUBAGENTES

Alexandre Lopes Leal — Vale de Espinho — SABUGAL ● Alexandrino Leal Perdigão — MEDA ● José Rodrigues Alves — ALMEIDA ● Joaquim Lopes — AGUIAR DA BEIRA ● Jorge Luís Amado Pinto — TRANCOSO ● António Lopes Tibúrcio — VILA FRANCA DAS NAVES ● Abílio Traça — Freixedas — PINHEL ● Evaristo Andrade de Campos — FORNOS DE ALGODRES ● Delfim Mendes Saraiva — CELORICO DA BEIRA ● Manuel Pereira Monteiro Quinaz — PINZIO ● Joaquim Augusto Freitas Cardoso e Rui A. M. Evangelista, Rua da República, 133, 1.º — FIGUEIRA DA FOZ ● Laurentino Batista da Costa Peixoto — Noval Anha — VIANA DO CASTELO ● António Carlos Rebelo da Silva — PÓVOA DE LANHOSO ● Augusto José Miranda Quintas — Lugar da Estação — Barroselas — VIANA DO CASTELO ● Casimiro José Lages — Lanhelas — VIANA DO CASTELO ● Romeu Teixeira de Queirós Saavedra — Canedo de Basto — CELORICO DE BASTO ● Domingos Torres Vieira — Castelo do Neiva — VIANA DO CASTELO ● Eugénio António de Jesus Alves — ESTREITO ● Hermano Martins Reis — Sobreira — FORMOSA ● Abel Natário — ORVALHO ● José Gaspar «Conde» — FUNDÃO ● José Malcata — ROSMANINHAL ● Argentinos & Pintos, Lda. — CASTRO D'AIRE ● Germano Ferreira da Costa — Parada — CARREGAL DO SAL ● Fernando Lopes Pereira — Vilharifes — VOUZELA ● Agência de Viagens Barbosa, Lda. — VILA NOVA DE TASÉM ● Agência de Viagens Barbosa, Lda. — SEIA ● Francisco Lopes — TABUAÇO ● António Augusto da Costa — TABUAÇO ● Horácio Oliveira Matias — CADAVAL ● Raul Fernandes Gomes — VINHAIS ● Amadeu Pereira Leite — MIRANDA DO DOURO.

televisão



MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de Domingo.
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos Bastidores da Aventura
13.45 Telejornal — 1.ª Edição
14.00 Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo em Pista coberta
18.00 Tarde de cinema «O Potro Vermelho».
19.30 Telejornal — 2.ª Edição
19.45 «Adeus 15 anos»
21.00 Agente secreto á força.
21.30 Telejornal-3.ª Edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo desportivo-2.ª Edição
00.00 Telejornal-4.ª Edição
00.05 Meditação e fecho.

20.30 Abertura e «Rgresso de Lucy»
21.00 Dó, lá Si
21.30 Telejornal-3.ª Edição
22.00 Antologia
00.05 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Desenhos animados Alvin Show
13.00 Feminino singular
13.15 A família Partridge
13.45 Telejornal-1.ª Edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa. Língua portuguesa.
19.30 Telejornal-2.ª Edição
19.45 TV Juvenil. Vida subaquática.
20.00 Momento desportivo
20.30 Portugal além da Europa.
21.00 Desenhos animados. Merrie Melodies.
21.30 Telejornal-3.ª Edição
22.00 Columbo. Fórmula para a morte.
23.30 Telejornal-4.ª Edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados. Alvin Show
20.45 Vivendo o futuro.
21.00 A família Partridge
21.30 Telejornal-3.ª Edição
22.00 Museu do cinema. O general.
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o vento era fraco ou moderado de Leste soprando forte no Litoral Sul; o céu estava geralmente muito nublado e chovia nas regiões do Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	9º
FARO	13º
FUNCHAL	13º

TEMPERATURAS EXTREMAS

LISBOA
Máxima 20,4º
FIGUEIRA DO CASTELO RODRIGO
Mínima 4,1º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,4º
Atmosfera	11 º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.29	3,4 m	1.52	1,1 m
20.58	3,4 m	14.18	1,3 m
Dia 12			
9.47	3,2 m	3.05	m
22.23	3,3 m	15.36	1,5 m
Dia 13			
11.20	3,1 m	4.36	1,4 m
23.53	3,3 m	17.07	1,6 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Leste soprando forte nas regiões do Sul; aguaceiros nas regiões do Sul e possibilidades de trovoadas.

AMANHÃ
NASCER ÁS — 7.54
OCASO ÁS — 19.40

DIA 11 DIA 18 DIA 26 DIA 3

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde Desportiva: — Rádio Desporto — Futebol: — Relatos e Informações dos Jogos da 23.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Actualidade Desportiva.
17.30 Música sem palavras.
18.05 Girandola.
19.10 Música da Europa.
20.00 Diário Sonoro.
21.00 Rádio Desporto.
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das comédias: «Amor e Desatino», de Regnard.
22.35 Música Portuguesa.
23.05 Sol e Toiros.
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia.
00.00 Junção (Entra o MF 1 de Lx).
00.30 Diário Sonoro.
00.45 De um dia para o outro (cont.).
02.00 Fecho.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade.
00.00 Junção com o 1.º Programa.
14.30 Onda Musical.
17.00 Perspectiva da Obra de Borodin.
18.00 Concerto de Domingo.
19.35 Quarteto n.º 1 op. 50 (prokofieff).
20.00 Diário Sonoro.
20.20 A Orquestra «I Musici».
20.30 As Grandes figuras do Mundo Português.
21.00 Recital de Harpa por Mário Falcão.
21.18 Concerto em Fá Maior (Vivaldi).
21.30 Quequer ouvir.
23.00 Emissão em Línguas Estrangeiras.
01.15 Fecho.

Programa em MF 2

14.30 Música Sinfónica
15.00 1.º Acto da Ópera «Siegfried» (Wagner).
16.30 Solos de piano: Suite espanhola (Albeniz).
17.00 Junção com o 2.º Programa.

Programa Estereofónico em MF 2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Grandes sinfonias.
00.00 Serenata n.º 7, em ré M. Cat K. 250» Haffner» (Mozart).
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

14.55 Tarde Desportiva.
17.00 Chave do totobola.
18.02 Música pelo caminho.
18.45 Ritmos em desfile.
19.03 Fórmula 1.
19.30 Vedetas e canções.
20.00/21.00 «Rádio 73».
20.15 Comentador desportivo.
20.30 De Sete em Sete dias.
20.45 A Estrela da noite.
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens bíblicas.
23.19 Canções ao acaso.
23.30 PBX.
2.00 A noite é nossa.
6.00 Diário rural.
7.00 Talismã.

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo.
17.00 Noticiário e chave do totobola.
18.02 O nosso programa.
19.04 Vertice.
21.00 Noticiário.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Programa á Gô-Gô.
0.02 Em orbitra-dois.
1.02 Banda sonora Sonipol.
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Onda desportiva.
17.30 Música ao volante.
18.00 Automobilismo.
18.30 Terço e missa.
20.05 Zona verde espaço ocupado pela família.
20.35 Intervalo.
20.55 Meditando.
21.08 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Programa dos sócios.
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30
RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L-2

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Teles, R. João de Barros (T. 63849)
ALVALADE
Aviz, Av. de Roma, 56-B (T. 715370); **Brisalia,** Av. Rio de Janeiro, 68 (T. 722368)
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (T. 47088)
ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (T. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R. do Salitre, 7 (T. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); **Galeno,** Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216)
BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7 (T. 46858); **Americana,** C. de Santana, 3 (T. 863984)
BENFICA
Sousa, E. de Benfica, 429 (T. 780027)
CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul, 23-B (T. 671667)
CONDE REDONDO
Capuchos, R. Luciano Cordeiro
GRAÇA
Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (T. 864351)
LAPA
Central, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734)
LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)
PENA
Americana, C. de Santana, 3 (T. 863984)
SANTA CATARINA
Combro, C. do Combro, 78 (T. 326059)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 768343/764629)
S. VICENTE
(Ver Graça)
SETE RIOS
Aguiar, Av. Bordalo Pinheiro, 93-A (T. 786343)
XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63 (T. 381185)

CAMPOLIDE
Pátria, C. dos Metres, 30-A (à R. das Amoreiras) (T. 680627)
AMPO DE OURIQUE
Castro, R. Quantro de Infantaria, 28-A (T. 688857)
CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T. 780181)
ESTEFÂNIA
Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438)
GRAÇA
Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333)
LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704)
MOURARIA
Bastos, C. de Santo André, 107 (T. 860450)
OLIVAIS
Nova, lote 469 (Olivais Sul) (T. 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (T. 842518)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)
RATO
D. João V, R. D. João V, 16 (T. 682772)
S. MAMEDE
Marçal, R. de S. Marçal, 100 (T. 325318)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 51451); **Novais,** Av. Luís Bivar, 11 (T. 44324)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2273035)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Telef. 22691); **Alice,** P. do Quebedo (Telef. 23743)

PORTO

6.º TURNO

SUB-TURNO A

Correia de Araújo, R. de Santa Catarina, 259. **Nova Avenida,** Av. F. de Magalhães, 692. **Pinheiro Manso,** R. S. João de Brito, 25-29. **Santa Teresa,** P. Guilh. G. Fernandes, 100. **Silva Pereira,** Rua Costa Cabral, 293

SUB-TURNO B

Alves P. Exército Libertador, 62. **Barros,** R. do Loureiro, 104. **Boa Hora,** R. da Boa Hora, 80. **Cameira,** R. do Heroísmo. **Confiança,** , R. de Santa Catarina, 960

COIMBRA

TURNO D

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Tel. 33120); **Nazaré,** R. Ferreira Borges, 135-139 (Tel. 22605); **S. Isabel,** Av. Sá da Bandeira, 28 (Tel. 24916)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Alsir, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141); **Cascais,** R. Conde de Monte-Real-B.º Caixas (Telef. 282407)

LINHA DE SINTRA

TURNO L-1 (TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Lealdade, R. do Olival, 226 (T. 663441)
ALFAMA
Nacional, R. S. João da Praça, 26 (T. 863632)
ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 776358); **Nova Lisboa,** R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 727721)
AREEIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 726462)
BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 722868)
BAIRRO ALTO
Azevedos, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540)
BELÉM
Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699)
BENFICA
LIBOA; R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393)
BOA HORA
Sepol, C. da Boa Hora, 94-A (T. 631958)

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **Fiama,** R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **Confiança,** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); **Queluz,** Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, R. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
6.ª Semana
Technicolor. Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho — Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15,15-18,-5 e 21.30
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15,00-17,00-19,00 e 21,45
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana
«O ÚLTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555131/4)
15,15-18,30 e 21,30
(Grupo D - 18 anos)
«A PAPISA JOANA» Com Franco Nero e Maximilian Schell. Panavision. (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c.m.) Zero em comportamento Atalante. (Metro: Alameda).

AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
59.ª Semana. «Record» de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Ranieri, Florinda Bolkan.

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Alberto Sordi e Elga Anderson num dos mais extraordinários e polémicos filmes do ano! «À ESPERA DE JULGAMENTO» «Urso de Oiro» do último festival de Berlim - Technicolor (Metro - Estação Picoas)

APOLO 70
15.15,18.30 e 21 e 45
(Grupo D 18 anos)
12.ª Semana
Technicolor. Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 2.ª Semana
Um festival de gargalhada como nunca se viu, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «AS GRANDES MANOBRAS», um desfile de garotas de estalo.

ROMA (Tel. 727778)
15,30-18,30 e 21,45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Technicolor. Frankie Howerd e Julie Ege «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA»

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Laurence Olivier baseado na obra de Tchekov «AS 3 IRMÃS» com Alan Bates

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
4.ª Semana
(Grupo B 10 anos)
Technicolor Jerry Lewis «AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) Eastmancolor Annie Girardot em «DESENCONTRO» Um filme de Serge Korber

IMPERIAL (Tel. 821933)
18.30 Grupo A 6 anos
«O ÁS DO PEDAL»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18,15 e 21.45
2.ª Semana triunfal de Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «CONTINUAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MALUCOS DO MUNDO» uma paródia à pirataria aérea.

LONDRES (Tel. 731313)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
Grupo D 18 anos
16.ª Semana Colorido A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (ADEUS BERLIM) Snack bar - «Pub the Flag» o melhor encontro gastronómico

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) - 2.ª Semana
Um filme de Sergio Corbucci «O CÂNTICO DA NAVALHA» Com Adriano Celentano e Claudia Mari - Eastmancolor - Tardes Infantis (Grupo A-6 anos). Hoje às 18.15 «AS MIL E UMA NOITES ÁRABES» Falado em português - O fabuloso mundo do Oriente de Magia e Tesouros Colorido

ROYAL (Tel. 865037)
15,00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«CÉSAR E ROSALIE» em complemento: «CARACAS 5 PARA AS 12»

S. JORGE (Tel. 54151)
15.15-18.30 e 21.45
Em 2.ª semana
Grupo D 18 anos
O Carnaval continua! «COM JEITO VAI... NA PÂNDEGA»

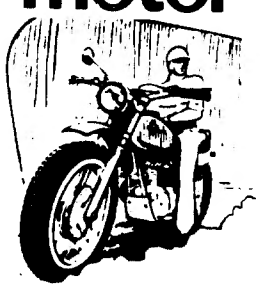
LYS (Tel. 48560)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«A ESTÁTUA» em complemento «MORAL PRIVADA»

CASINO (Tel. 2642/264949)
Grupo D 18 anos
«A FÚRIA DA RAZÃO»

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
2.ª Semana
(Grupo D-18 anos)
«OS NOIVOS DE MINHA MULHER» Alfredo Landa (o delicadinho) Esperanza Roy. Technicolor-Color.

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
3.ª Semana. O mais ousado filme de Otto Perminger «AMANTES DESCONHECIDOS»
Grupo D 18 anos)
Technicolor

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
O «Western» mais divertido do ano! «LIMONADA JOE». A qualidade e o humor do cinema checo. (Colorido-Real de Dldrich Lipskv).

LEIA
motor


outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
21.45 (10 anos)
«A mantilha de Beatriz»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh Papa, pobre papa»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«A metralhadora»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Aguenta-te canalha»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Chega-lhe amigo»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Eu julgava-o morto mr. Jake»

JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«David Copperfield»

MOSCAVIDE
21.30 (18 anos)
«Hospital»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«A Colina dos Sarilhos»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«A Manta vermelha»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 - 21.30 (18 anos)
«A Fúria da razão»

Palácio
21.30 (18 anos)
«O Mecânico»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Só as borboletas são livres»

OEIRASOeiras-Cine
21
Grupo C 14 anos
«A Maior bolada do Mundo»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Pecado»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Rififi em Amesterdão» e «Espião de uniforme»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«César e Rosalie»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«A Fuga de Tarzan»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Mais escuro que Ambar»

Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«O Amante»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.45
Grupo D 18 anos
«O Assalto»

BARREIRO
Ginásio
21
Grupo D 18 anos
«Meu marido essa desconhecido»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (14 anos)
«A cama dos comuns»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Companhia Internacional de Circo»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A guerra entre homens e mulheres»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«Os dois pilotos mais malucos do Mundo»

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«002 e o cérebro electrónico»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«A Grande Bronca»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Um caso de urgência»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«O 4.º Mandamento»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Noite sem fim»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Com jeito vai na pândega»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Meu marido esse desconhecido»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Vamos ter sarilho»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«A estátua»

GIL VICENTE
21.30 (6 anos)
«Luzes da cidade»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Centuriões do século XX»

SOUSA BASTOS
21,30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h as 21 h e das 22.30h as 05.00h.**

TAMILA — Marão e seu conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermida e Jose Luis Tomar, fado de Coimbra por Americo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

SAN-PAYO — Bar-boite c/musica constante. Aberto até às 5h da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

PRINCIPE NEGRO — **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades

CASEBRE — Rua da Barroca, 133 **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos. Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazaré. A 1.00 h convidado especial em tempo-Show. Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FRAGATA REAL — Maria Valejo Maria Jô-Jô Neto e Joaquim Campos em Fado lisboa. João Quiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natalia Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

OS PREÇOS NOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

Continuação da Pag. 1

têm abandonado as suas terras, porque os prejuizos são muito elevados. Trata-se (a agricultura!) de uma actividade muito especial. Os agricultores começam por investir determinado capital. Se o clima não ajuda, as colheitas ficam completamente estragadas. É um risco que eles correm. É imprevisivel! Agora e como disse o eng. Almeida «nós temos de ter a garantia que os nossos produtos vão ser comprados por um preço determinado. Isso já acontece com alguns, mas é fundamental que aconteça com todos. Os agricultores não podem depender de um livre arbitrio. Sem ter nenhuma garantia, o agricultor perde o seu poder de iniciativa a sua audácia!».

PRODUTOS AGRICOLAS — COMPARAÇÃO INTERNACIONAL DE PREÇOS:

Para estudar o problema do aumento do preço de produção da carne do leite e dos ovos, a Associação Central de Agricultura criou um grupo de trabalho. Pergunta-se: Quem vai pagar este aummmento? O consumidor ou o Fundo de abastecimento, através de mais subsídios?

Apresentamos agora o preço de alguns produtos agricolas, em comparação com outros países:

GALINHAS E FRANGOS (cada Kg de peso vivo) — entre 1960 e 69

Portugal — 14$50
Itália — 29$50
Alemanha — 13$25

TRIGO (preço por cada 100 kg

Em 1972, Portugal era o país, onde em comparação com os países do Mercado Comum, o trigo era vendido mais barato.

Portugal — 298$75
Alemanha — 310$75
Itália — 309$75
Holanda — 304$25

AVEIA (100 kg) Em Abril de 72

Portugal — 221$00
Alemanha — 259$75

AZEITE (100 kg) — em Abril de 72

Portugal: extra (1962$50) fino (1824$75) corrente (1642$25) CEE: extra (2440$00) fino (2320$00) corrente (2150$00)

Os festejos carnavalescos levaram ao Pavilhão do Dramático de Cascais uma multidão que atingiu, nas quatro noites, doze mil pessoas. Parece que não há memória de se ter «reinado» tanto por aqueles lados, como este ano aconteceu. Como o Carnaval ali era mesmo festa brasileira, o ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitshek, sambou pelo braço de Fernanda Pires da Silva com a mulher e o eng. Pinto Machado. Na festa estavam também os «craques» do futebol, como Jordão que vemos na foto. Para o ano o presidente do Conselho de Administração da Grão-Pará prometeu trazer a Cascais uma autêntica Escola de Samba do Rio de Janeiro.

O FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME TURÍSTICO

Começou no passado dia 9 e prolonga-se até dia 13 (terça-feira), o IV Festival Internacional do Filme Turístico, uma organização do jornal Publituris, com o patrocínio da Direcção-Geral do Turismo, Direcção Geral da Cultura Popular e Espectáculos e Câmara Municipal de Lisboa e, ainda, com a colaboração da Cinemateca Nacional.

Trata-se, como disse Vasco Granja, secretário-geral da organização, numa conferência de Imprensa que antecedeu a abertura do certame, de um Festival aberto, podendo os convites ser requisitados na Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Participam no Festival representações da Africa do Sul, Alemanha Federal, Austrália, Austria, Bélgica, Canadá, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Noruega, Portugal, Suécia e Suiça.

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

A CONTAR PARA O MUNDIAL DE RALLYES

COMEÇA AMANHÃ O 7.º RALLYE TAP

O Porsche Carrera RS de Américo Nunes será uma das grandes curiosidades da prova.

. Com partidas de Amsterdão, Bruxelas, Copenhague, Lisboa, Londres, Madrid, Milão, Paris e Porto, cerca de uma centena de equipas nacionais e estrangeiras começam amanhã a disputar o 7.º Rallye Internacional TAP, terceira prova do Campeonato do Mundo de Rallyes, competição que se realiza pela primeira vez e substitui o anterior Campeonato Internacional de Rallyes para Marcas.

A inclusão do Rallye TAP no Mundial é uma prova do prestígio de que goza no estrangeiro, conseguido à custa de meia dúzia de edições que convenceram abertamente tanto os pilotos e dirigentes como toda a imprensa internacional, que hoje aponta o «TAP» como um dos melhores rallyes do mundo. Isto traduz-se numa excelente promoção para a companhia aérea nacional que o patrocina e chama a atenção para o País de uma parte importante da Imprensa internacional e cadeias de Televisão, que estarão presentes em Portugal de 12 a 18 para assegurarem a transmissão da prova. Em termos gerais, para o Turismo português o Rallye Internacional TAP traduz-se também por elemento promocional valioso e sobretudo de grande prestígio. Por razões que é desnecessário apontar, e até porque não temos uma tradição no meio automobilístico como organizadores, houve inicialmente uma atitude de dúvida e curiosidade em relação ao Rallye TAP mas depressa essas dúvidas desapareceram para dar lugar a um julgamento favorável. De tal modo que hoje é frequente a imprensa estrangeira citar a boa organização do Rallye TAP e oposição a outras provas, de maiores tradições mas bastante menos perfeitas naquele capítulo.

QUALIDADE E QUANTIDADE

Nos primeiros anos em que foi organizado o TAP registou um número crescente de inscrições, principalmente de pilotos estrangeiros. Depois, à medida que a prova ia evoluindo e o número de pilotos de primeiro plano presentes aumentava iam desaparecendo os «turistas». O rallye movimentou-se assim no sentido de uma selecção natural de valores. A sua inclusão no Mundial afastou definitivamente uma série de concorrentes que, em absoluto, não tinham quaisquer possibilidades de disputar uma prova desta natureza em termos razoavelmente competitivos. Assim, para esta sétima edição do Rallye TAP, inscreveram-se cerca de 100 equipas entre elas três de fábrica, além de numerosos outros «teams» privados e semi-privados. Notam-se algumas ausências como a Ford, a Lancia e a Saab que inicialmente tinham o TAP no seu programa mas, posteriormente preferiram concentrar os seus esforços no East African Safari (caso da Ford), prova disputada no Kénia, e que as referidas marcas julgam mais importante para os seus objectivos técnicos e comerciais. O TAP foi ainda vítima do pouco espaço de tempo que separou da penúltima edição. De qualquer maneira a quantidade dos anos anteriores foi reduzida em benefício da qualidade. No TAP deste ano estarão presentes os principais nomes e será muito difícil encontrar outro Rallye que envolva um tão elevado número de «top-drivers». A Alpine-Renault recente vencedora de Monte-Carlo, e uma das equipas favoritas do TAP fará alinhar os seus melhores pilotos actuais: Darniche, Nicolas e Therier. Andrue como se sabe deixou a Alpine logo a seguir ao Monte Carlo, tranferindo-se para a Lancia. Por sua vez a Fiat dispõe de Paganelli, Pinto e Waldegaard. Outra figura central do Rallye TAP será o alemão Warmboldt, vencedor do ano passado e que alinha de novo em BMW.

Entre os pilotos portugueses há alguns nomes susceptíveis de um excelente comportamento. Estão neste caso António Carlos Oliveira (Datsun 240 Z), Américo Nunes (Porsche Carrera RS 2,7), Giovanni Salvi (Porsche 911 S 2,4), António Borges (Alpine), Francisco Santos (Escort RS) etc. Outra nota de interesse é a estreia em Portugal do novo Porsche Carrera RS 2,7 de Américo Nunes.

AUGUSTO VILELA

"Página 1" e a luta contra a poluição

O programa radiofónico «Página 1» que é transmitido todos os dias úteis na Rádio Renascensa, iniciou uma série de programas sobre o meio ambiente que serão lançados para o ar todas as terças e sextas feiras às 19.30.

Primeiro programa foi lido o seguinte texto:

. «A catástrofe ecológica não é mais um termo desconhecido pelo homem do século vinte. Nos últimos dois anos a Poluição tornou-se um dos estigmas do Desenvolvimento e de todos os seus aspectos negativos: o fumo, o gás, o tóxico, o resíduo, o lixo, a nafta.

Mas nem só estes aspectos motivaram a atenção do planeta. O crescimento e o esgotamento dos recursos naturais levantaram de imediato toda uma problemática, escondida na bruma do inconveniente, respeitante ao terceiro mundo. Os problemas do sub-desenvolvimento e suas relações com os países industrializados. Naturalmente que a análise da crise ambiental sob o ponto de vista global é interessante e possibilita a formação de uma opinião sobre uma série de assuntos interligados que habitualmente eram considerados separadamente. Meio Ambiente equaciona simultâneamente população e alimentação, recursos minerais e energéticos, contaminação de águas e poluição de ar, homem e planeta, desenvolvimento-zero e crescimento económico.

Mas depois da consciencialização correcta do problema global, necessário se torna engrenar na abordagem regional e nacional da problemática da biosfera. Ouvir as pessoas, descobrir problemas, tentar soluções, movimentar a opinião pública, alimentar o desejo comum de qualidade de vida, através da participação individual no interesse das comunidades, sejam elas urbanas, rurais ou industriais. A Terra é a casa do homem. E é lícito que ele queira melhorar a sua casa,

O caso português em particular é interessante na medida em que, no mesmo território, coexistem dois tipos opostos de organização social. Dois aglomerados urbanos próximos do característico da Era Industrial e uma área rural a caminho do Desenvolvimento. Natural portanto que existam problemas, necessidades, motivos de observação e diálogo. O caso português no entanto tem outra particularidade. Os problemas são de uma gravidade muito relativa, pois nem os aglomerados urbanos sofrem de alguma doença aguda do tipo de desenvolvimento japonês ou americano, nem a zona rural está atingida por crise característica das Filipinas ou da Índia.

De facto os problemas que subsistem têm todos resolução, são susceptíveis de planeamento. Ao mesmo tempo que estigmatizamos a crise do Ambiente de forma global, preocupemo-nos em prevenir à escala nacional».

CONFERÊNCIAS

«A DEFESA DO CONSUMIDOR»

Efectua-se amanhã às 18 horas, na Associação Portuguesa de Ciências Domésticas, situada na Alameda de Santo António dos Capuchos, 4, 3.º, um colóquio incluído na sequência que decorre desde há uns tempos, subordinado ao tema «A defesa do consumidor». Falará o dr. Nuno Maria Viana de Siqueira.

O conferencista procurará elucidar o grupo de pessoas que fazem parte da Associação, sobre o que existe, em Portugal e países limítrofes, em matéria de defesa do consumidor. Abordará, também, o tema da publicidade dolosa, com todos os seus aspectos sociais, passando pelo processo de envio de produtos pelo correio e chegando ao problema da etiquetagem dos produtos. Por fim falará sobre a vantagem de se constituirem associações de consumo onde os problemas são discutidos, e os produtos experimenttados em testes colectivos.

O dr. Nuno Siqueira é o delgado ao Comité da Política de Defesa dos Consumidores da O.C.D.E.

A CIDADE DE PÁDUA

No prosseguimento do ciclo de conferências dedicadas às cidades italianas, a pianista Maria Regina de Vasconcelos Bosurgi, estudiosa da arte e da cultura italianas, falará na quarta-feira, às 18 e 30, no Instituto Italiano de Cultura, sobre a cidade de Pádua, sendo o trabalho ilustrado com a projecção de diapositivos.

A entrada é livre.

FUTUROLOGIA

No prosseguimento do ciclo de conferências sobre Futurologia promovido pelo Instituto Alemão, o prof. Wolfang Wieser, da Universidade de Innsbruck, falará amanhã às 18 e 30, no auditório daquele estabelecimento sobre «Estratégias biológicas frente ao futuro». A conferência será proferida em alemão, com tradução simultânea para português pelo dr. João Barrento, leitor assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.